

Universidades Lusíada

Macedo, José Rafael Guimarães

**Reabilitação urbana quarteirão Largo do Paço
Braga : salão egípcio espaço dinamizador do
centro histórico : Rua do Souto Braga**

<http://hdl.handle.net/11067/982>

Metadata

Issue Date	2013
Abstract	O presente trabalho desperta a curiosidade de como o casco histórico, da cidade de Braga, se desenvolve. A evolução cronológica e morfológica de Braga é, aqui, retratada e comparada através da análise de vários mapas que demonstram algumas das transformações urbanas que surgiram ao longo dos tempos. No entanto, é no quarteirão “Largo do Paço” que centramos o nosso estudo. Numa breve análise, no quarteirão Largo do Paço, identificamos o seu património arquitetónico de referência e diversas transf...
Keywords	Centros históricos, Reabilitação urbana, Braga (Portugal)
Type	masterThesis
Peer Reviewed	No
Collections	[ULF-FAA] Dissertações

This page was automatically generated in 2021-10-12T07:56:08Z with information provided by the Repository



Universidade Lusíada Vila Nova de Famalicão

Faculdade de Arquitetura e Artes

REABILITAÇÃO URBANA/QUARTEIRÃO LARGO DO PAÇO, BRAGA.

SALÃO EGÍPCIO ESPAÇO DINAMIZADOR DO CENTRO HISTÓRICO

RUA DO SOUTO BRAGA

José Rafael Guimarães Macedo

Dissertação para obtenção do grau de mestre em Arquitetura

Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão

FAA - Faculdade de Arquitetura e Artes

Novembro de 2013

Agradecimentos

Para a concretização desta dissertação foi fundamental e imprescindível a colaboração recebida e o interesse demonstrado pelas várias entidades e pessoas que reconhecida e publicamente se agradece.

Agradeço a todos os colegas, professores e à Universidade Lusíada, pela colaboração e oportunidade que me proporcionou de atualização dos conhecimentos e valorização académica.

Pela orientação recebida, pelo apoio e valiosas indicações prestadas que sempre me concedeu durante a preparação e elaboração da presente dissertação, desejo expressar o meus sincero agradecimento ao professor Doutor Jorge Manuel Torres Ferreira Barbosa pelos conselhos, ensinamentos, sensibilidade, experiência e visão particular do tema abordado, que em muito contribuíram para atingir os objetivos propostos.

Agradeço a toda a família em especial à minha esposa e ao meu filho que sempre me apoiaram neste percurso académico.

Índice

Agradecimentos.....	I
Índice de figuras	IV
Resumo	VIII
Abstract	IX
Lista de siglas e abreviaturas	X
Introdução.....	1
1 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E BRAGA NA ATUALIDADE	3
1.1 A EVOLUÇÃO CRONOLÓGICA E MORFOLÓGICA DO CENTRO HISTÓRICO.....	4
<i>1.1.1 Mapa de Braunio Séc. XVI (1594)</i>	<i>12</i>
<i>1.1.2 Mapa do Século XVII.....</i>	<i>15</i>
<i>1.1.3 O mapa das ruas de Braga (MRB) Séc. XVIII (1750).....</i>	<i>16</i>
<i>1.1.4 Cartografia do século XVIII, O Mapa da Cidade de Braga Primas. (MCBP)</i>	<i>21</i>
<i>1.1.5 A planta da cidade de Braga Séc. XIX (1857).....</i>	<i>23</i>
<i>1.1.6 Planta de 1883/84 (vetorizada).....</i>	<i>25</i>
<i>1.1.7 Planta do século XX.....</i>	<i>27</i>
1.2 BRAGA NA ATUALIDADE.....	28
<i>1.2.1 Caracterização geográfica e morfológica do concelho</i>	<i>28</i>
<i>1.2.2 Evolução da População residente em Braga.....</i>	<i>32</i>
<i>1.2.3 Estrutura etária da população.....</i>	<i>35</i>
1.3 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO QUARTEIRÃO LARGO DO PAÇO	37
<i>1.3.1 Rua Eça de Queirós</i>	<i>37</i>
<i>1.3.2 Rua da Misericórdia.....</i>	<i>39</i>
<i>1.3.3 Rua do Souto.....</i>	<i>41</i>
<i>1.3.4 Rua Dr. Justino Cruz</i>	<i>44</i>
<i>1.3.5 Paço Arquiepiscopal.....</i>	<i>46</i>
<i>1.3.6 Jardim Santa Bárbara</i>	<i>58</i>
<i>1.3.7 Arquivo Distrital de Braga</i>	<i>60</i>
<i>1.3.8 Reitoria da Universidade do Minho</i>	<i>64</i>
<i>1.3.9 Corpo Medieval.....</i>	<i>65</i>

1.4	LEVANTAMENTO URBANO /ANÁLISE INTERPRETATIVA PESSOAL	72
1.4.1	<i>Diagnóstico do Centro histórico. Problemas analisados.....</i>	78
1.4.2	<i>Estratégias de planeamento no quarteirão Largo do Paço</i>	80
1.5	REGENERAÇÃO DOS CENTROS HISTÓRICOS, (CASO SIMILAR DE ESTUDO)	83
1.5.1	<i>Caso de Bolonha:</i>	84
2	SALÃO EGÍPCIO ESPAÇO DINAMIZADOR DO TURISMO NO CENTRO HISTÓRICO	89
2.1	LEVANTAMENTO HISTÓRICO DO EDIFÍCIO SALÃO EGÍPCIO	93
2.1.1	<i>Cronologia do Bar Egípcio.....</i>	94
2.1.2	<i>Significado das cores instruídas nos elementos principais das ilustrações do Bar Egípcio....</i>	103
2.2	LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DO BAR EGÍPCIO	107
2.3	ESTADO DE CONSERVAÇÃO DAS PINTURAS MURAIS DO BAR EGÍPCIO	118
2.4	PROJETO DE REABILITAÇÃO COMO ELEMENTO DINAMIZADOR DO ESPAÇO.....	122
2.4.1	<i>Programa funcional do edifício Salão Egípcio.....</i>	140
2.4.2	<i>Turismo como meio de desenvolvimento local.....</i>	142
3	CONCLUSÕES/REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS/WEBGRAFIA/APÊNDICES/ANEXOS	145
	Referências bibliográficas	151
	Webgrafia.....	I
	Apêndices.....	III
	Anexos	VII

Índice de figuras

FIGURA 1 CENTRO HISTÓRICO DE BRAGA EM 2012 (<i>GOOGLE EARTH</i>)	4
FIGURA 2: À ESQUERDA PLANTA DA OCUPAÇÃO ROMANA À DIREITA: PLANTA DA IDADE MÉDIA (OLIVEIRA, 1982, PP. 13,21) ..	8
FIGURA 3: Á ESQ. FONTE DO ÍDOLO. À DIR. RUINAS ROMANAS DE CIVIDADE DE BRAGA. (FOTOS DO AUTOR)	9
FIGURA 4: EVOLUÇÃO DA MALHA URBANA (DESENHO DO AUTOR)	9
FIGURA 5: ESQ. PLANTA D. DIOGO SOUSA (1505) DIR. PLANTA “CONTRA REFORMA” (1532) (OLIVEIRA, 1982, PP. 29,39). 10	
FIGURA 6: INTERPRETAÇÃO DA MALHA URBANA DE BRAGA COM LOCALIZAÇÃO DAS VIAS E NECRÓPOLES. (MELO, 2012 P. 39) .	11
FIGURA 7: MAPA DE BRAUNIO DE BRAGA (1594) (MB) (RIBEIRO, 2008 P. 50)	13
FIGURA 8: MAPA DO SÉCULO XVII (RIBEIRO, 2008 P. 52)	15
FIGURA 9: FOLHA DE ROSTO (DO MAPA DAS RUAS DE BRAGA (1750) (BRAGA, 1989/91 P. 1)	18
FIGURA 10: RUA DOS BISCAINHOS EXTRAÍDA NO MRB 1750 (BRAGA, 1989/91 P. 59)	19
FIGURA 11: RUA DO BECO (BRAGA, 1989/91 P. 29)	19
FIGURA 12 RUA DO SOUTO (DO MAPA DAS RUAS DE BRAGA (1750) (BRAGA, 1989/91 P. 7)	20
FIGURA 13 RUA DAS OUCIAS (MAPA DAS RUAS DE BRAGA (1750) (BRAGA, 1989/91 P. 5)	20
FIGURA 14: MAPA DA CIDADE BRAGA PRIMAS (MCBP) 1755 (RIBEIRO, 2008 P. 57)	21
FIGURA 15: PLANTA DA CIDADE DE BRAGA 1857 (RIBEIRO, 2008 P. 59)	24
FIGURA 16: PLANTA DE 1883/84, VETORIZADA. (RIBEIRO, 2008 P. 31)	26
FIGURA 17: PLANTA TOPOGRÁFICA DO SÉCULO XX (RIBEIRO, 2008 P. 63)	27
FIGURA 18: COMPOSIÇÃO DO DISTRITO DE BRAGA (BRAGA, 2008)	29
FIGURA 19: FREGUESIAS DE BRAGA (BRAGA, 2008)	30
FIGURA 20: DECLIVE DO CONCELHO DE BRAGA (BRAGA, 2008)	31
FIGURA 21: CENSOS 2011 (CARVALHO, 2012)	33
FIGURA 22: À ESQ. AUMENTO DA POPULAÇÃO. À DIR. AUMENTO DAS INFRAESTRUTURAS HABITACIONAIS (FOTO DO AUTOR)	34
FIGURA 23: CAPITAL EUROPEIA DA JUVENTUDE (BRAGA, 2008)	36
FIGURA 24: À ESQ. ABERTURA DA RUA EÇA DE QUEIRÓS SENTIDO OESTE-ESTE. À DIR. ABERTURA DA RUA EÇA DE QUEIRÓS SENTIDO ESTE-OESTE (INSTITUTO DA HABITAÇÃO E DA REABILITAÇÃO URBANA I.P.(IHRU), 2007)	37
FIGURA 25: À ESQ. RUA EÇA DE QUEIRÓS 1950. (INSTITUTO DA HABITAÇÃO E DA REABILITAÇÃO URBANA I.P.(IHRU), 2007) À DIR. RUA EÇA DE QUEIRÓS NA ATUALIDADE 2012 (FOTO DO AUTOR)	38
FIGURA 26: À ESQ. RUA DA MISERICÓRDIA INÍCIOS SÉC. XX (INSTITUTO DA HABITAÇÃO E DA REABILITAÇÃO URBANA I.P.(IHRU), 2007) À DIR. RUA DA MISERICÓRDIA NA ATUALIDADE 2012 (FOTO DO AUTOR).	40
FIGURA 27: À ESQ. RUA DA MISERICÓRDIA EM 1930 (INSTITUTO DA HABITAÇÃO E DA REABILITAÇÃO URBANA I.P.(IHRU), 2007) À DIR. RUA DA MISERICÓRDIA NA ATUALIDADE 2012 (FOTO DO AUTOR)	40
FIGURA 28: RUA DO SOUTO (BRAGA, 1989/91)	42
FIGURA 29: À ESQ. RUA DO SOUTO SENTIDO OESTE-ESTE EM 1949, (INSTITUTO DA HABITAÇÃO E DA REABILITAÇÃO URBANA I.P.(IHRU), 2007) À DIR. RUA DO SOUTO NA ATUALIDADE 2012 (FOTO DO AUTOR)	43
FIGURA 30: À ESQ. RUA DO SOUTO (1949) (INSTITUTO DA HABITAÇÃO E DA REABILITAÇÃO URBANA I.P.(IHRU), 2007). À DIR. RUA DO SOUTO 2013 (FOTO DO AUTOR)	43

FIGURA 31: À ESQ RUA DR. JUSTINO CRUZ SENTIDO SUL-NORTE. À DIR. RUA DR. JUSTINO CRUZ SENTIDO NORTE-SUL 2012 (FOTOS DO AUTOR)	44
FIGURA 32: RUA DR. JUSTINO CRUZ. (FOTOS DO AUTOR)	45
FIGURA 33: CONJUNTO LARGO DO PAÇO EM 1750 (BRAGA, 1989/91 P. 6)	46
FIGURA 34: FACHADA LOCALIZADA A NORTE DO LP (DESENHO DO AUTOR)	47
FIGURA 35: FACHADA LOCALIZADA A OESTE DO LP. (DESENHO DO AUTOR)	47
FIGURA 36: FACHADA LOCALIZADA A ESTE DO LP. (DESENHO DO AUTOR)	47
FIGURA 37: À ESQ. INSCRIÇÃO DE D. MANUEL DE SOUSA (1544-1549) À DIR. PORTA DA ALA NASCENTE DO LARGO DO PAÇO, NA ATUALIDADE (RIBEIRO, 2008 P. 492)	49
FIGURA 38: INSCRIÇÃO DE D. MANUEL DE SOUSA. (FOTO DO AUTOR)	49
FIGURA 39: À ESQ DESENHO TÉCNICO DO BRASÃO COM A INSCRIÇÃO REFERENTE À SUA CONSTRUÇÃO. (RIBEIRO, 2008 P. 493)À DIR. LOCALIZAÇÃO DO BRASÃO NA FACHADA POENTE DO LARGO DO PAÇO 2012 (FOTO DO AUTOR)	50
FIGURA 40: À ESQ DESENHO TÉCNICO DA PORTA DA ALA CENTRAL (RIBEIRO, 2008 P. 495) Á DIR. ENTRADA ATUAL REITORIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO. (FOTO DO AUTOR)	51
FIGURA 41: LARGO DO PAÇO 2012. (FOTO DO AUTOR)	52
FIGURA 42: LARGO DO PAÇO À ESQUERDA SÉC. XX. (JCM, 2008) LARGO PAÇO À DIREITA NA ATUALIDADE. (FOTO DO AUTOR)	52
FIGURA 43: À ESQ. CHAFARIZ DO LARGO DO PAÇO (INSTITUTO DA HABITAÇÃO E DA REABILITAÇÃO URBANA I.P.(IHRU), 2007) À DIR. CHAFARIZ LARGO DO PAÇO NA ATUALIDADE. (FOTO DO AUTOR)	53
FIGURA 44: À ESQ ALA CENTRAL/NASCENTE DO LP (BRACARAE, 2011) À DIR. ALA CENTRAL/NASCENTE DO LP 2013. (FOTO DO AUTOR)	55
FIGURA 45:À ESQ LP SÉC XX, ANOS 40. (BRACARAE, 2011) À DIR. LP NA ATUALIDADE 2012. (FOTO DO AUTOR)	56
FIGURA 46: À ESQ VEDAÇÃO DO LP (1949) (INSTITUTO DA HABITAÇÃO E DA REABILITAÇÃO URBANA I.P.(IHRU), 2007) À DIR. LP NA ATUALIDADE 2012. (FOTO DO AUTOR)	56
FIGURA 47: LARGO DO PAÇO. VISTA OESTE-ESTE. (DESENHO DO AUTOR)	57
FIGURA 48: LARGO DO PAÇO. VISTA INTERIOR. (DESENHO DO AUTOR)	57
FIGURA 49: LARGO DO PAÇO. VISTA NORTE-SUL. (DESENHO DO AUTOR)	57
FIGURA 50: JARDIM SANTA BÁRBARA 2012 (JSB). (FOTO DO AUTOR)	58
FIGURA 51: PARTE NORTE DO LARGO DO PAÇO, FUTURO JARDIM SANTA BÁRBARA (1937/38) (INSTITUTO DA HABITAÇÃO E DA REABILITAÇÃO URBANA I.P.(IHRU), 2007)	59
FIGURA 52: VISTA DO JSB PARA O CORPO MEDIEVAL. (DESENHO DO AUTOR)	59
FIGURA 53: À ESQ JARDIM SANTA BÁRBARA EM 1955. À DIR. JARDIM SANTA BÁRBARA EM 1960 (INSTITUTO DA HABITAÇÃO E DA REABILITAÇÃO URBANA I.P.(IHRU), 2007)	60
FIGURA 54: ARQUIVO DISTRITAL DE BRAGA (A.D.B) EM 2012. (FOTO DO AUTOR)	61
FIGURA 55: PAÇO DE D. JOSÉ DE BRAGANÇA (1741-1756) ATUAL ARQUIVO DISTRITAL DE BRAGA (VASCONCELOS, 1997)	61
FIGURA 56: INCENDIO DO ATUAL ARQUIVO DISTRITAL DE BRAGA EM 1886 (VASCONCELOS, 2000)	62

FIGURA 57: À ESQ. PRAÇA MUNICIPAL SÉC. XVIII. À DIR. SÉC. XX (INSTITUTO DA HABITAÇÃO E DA REABILITAÇÃO URBANA I.P.(IHRU), 2007)	63
FIGURA 58: CORPO CENTRAL DO LP, LOCALIZAÇÃO DA REITORIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO. (FOTO DO AUTOR)	64
FIGURA 59: CORPO MEDIEVAL 2012. (FOTO DO AUTOR)	65
FIGURA 60: CORPO MEDIEVAL EM ESTADO DEGRADADO RECUPERAÇÃO EM (1938) (INSTITUTO DA HABITAÇÃO E DA REABILITAÇÃO URBANA I.P.(IHRU), 2007)	66
FIGURA 61: À ESQ CORPO MEDIEVAL EM 1939. (INSTITUTO DA HABITAÇÃO E DA REABILITAÇÃO URBANA I.P.(IHRU), 2007) À DIR. CORPO MEDIEVAL NA ATUALIDADE 2012. (FOTO DO AUTOR)	67
FIGURA 62: REABILITAÇÃO DO CONJUNTO FINAIS DAS OBRAS (1939) (INSTITUTO DA HABITAÇÃO E DA REABILITAÇÃO URBANA I.P.(IHRU), 2007)	67
FIGURA 63: À ESQ, INTERIOR A REABILITAR (1939) LP. À DIR INTERIOR REABILITADO (2003) (INSTITUTO DA HABITAÇÃO E DA REABILITAÇÃO URBANA I.P.(IHRU), 2007)	68
FIGURA 64: CONJUNTO MEDIEVAL/JARDIM SANTA BÁRBARA 2012. (FOTOS DO AUTOR)	69
FIGURA 65: CORPO MEDIEVAL. ALÇADO Nº 1. (DESENHO DO AUTOR)	70
FIGURA 66: CORPO MEDIEVAL. ALÇADO Nº 2. (DESENHO DO AUTOR)	70
FIGURA 67: CORPO MEDIEVAL. ALÇADO Nº 3. (DESENHO DO AUTOR)	70
FIGURA 68: CORPO MEDIEVAL. ALÇADO Nº 4. (DESENHO DO AUTOR)	71
FIGURA 69: CORPO MEDIEVAL. ALÇADO Nº 5. (DESENHO DO AUTOR)	71
FIGURA 70: CORPO MEDIEVAL. ALÇADO Nº 6. (DESENHO DO AUTOR)	71
FIGURA 71: DESENHO DE ANÁLISE URBANA. RUA DR. JUSTINO CRUZ, BRAGA. (DESENHO DO AUTOR)	72
FIGURA 72: DESENHO ANÁLISE URBANA. RUA DR. JUSTINO CRUZ, BRAGA. (DESENHO DO AUTOR)	73
FIGURA 73: DESENHO DE ANÁLISE URBANA. RUA EÇA DE QUEIRÓS, BRAGA. (DESENHO DO AUTOR)	74
FIGURA 74: DESENHO DA FONTE DE SANTA BÁRBARA, BRAGA. (DESENHO DO AUTOR)	75
FIGURA 75: DESENHO URBANO. VISTA DO JARDIM SANTA BÁRBARA (JSB), BRAGA. (DESENHO DO AUTOR)	76
FIGURA 76: DESENHO DO JARDIM SANTA BÁRBARA, VISTA PARA O LOCAL DE INTERVENÇÃO, BRAGA. (DESENHO DO AUTOR)	77
FIGURA 77: DESENHO DO ARQUIVO DISTRITAL, BRAGA. (DESENHO DO AUTOR)	78
FIGURA 78 QUARTEIRÃO LARGO DO PAÇO: PROPOSTA ESTRATÉGICA (DESENHO DO AUTOR)	81
FIGURA 79: CENTRO HISTÓRICO DE BOLONHA 1588, BRAUN AND HOGENBERG, (TGN, 2003)	85
FIGURA 80: CENTRO HISTÓRICO DE BOLONHA. À ESQ. SAN PIETRO. À DIR. UNIVERSIDADE DE BOLONHA. (BETA, 2009)	87
FIGURA 81: POLOS FUNCIONAIS DE BOLONHA (AZENHA, 2006)	88
FIGURA 82: TARDOZ DO EDIFÍCIO A REABILITAR. (FOTO DO AUTOR)	90
FIGURA 83: ORTOFOTOMAPA DA LOCALIZAÇÃO DO EDIFÍCIO A REABILITAR (GOOGLE EARTH)	91
FIGURA 84: LOGRADOURO DO EDIFÍCIO A REABILITAR. (FOTO DO AUTOR)	91
FIGURA 85 EXPOSIÇÃO DO SALÃO EGÍPCIO NO DIÁRIO DO MINHO (SALÃO EGÍPCIO EXIGE INTERVENÇÃO PREVENTIVA, 2013) ..	92
FIGURA 86: À ESQ. SALA EGÍPCIA, AO CENTRO SALA Nº 1 À DIR. SALA Nº2. (MENDES, 2013)	92
FIGURA 87: À ESQ ACESSO VERTICAIS, AO CENTRO CLARABOIA À DIR. COBERTURA. (MENDES, 2013)	92
FIGURA 88: À ESQ EDIFÍCIO "BAR EGÍPCIO". À DIR. ENTRADA DO EDIFÍCIO (PORTA Nº 9) 2012. (FOTO DO AUTOR)	93
FIGURA 89: ESQUEMA DA LOCALIZAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES EGÍPCIAS. (ESQUEMA DO AUTOR)	95

FIGURA 90: TROCA DE OFERENDAS ENTRE OS DEUSES KHUM E AMUN. (MENDES, 2013).....	96
FIGURA 91: ALUSÃO ÀS BATALHAS. (MENDES, 2013).....	97
FIGURA 92: FARAÓ TRAJANDO O “KHEPRECH” . (MENDES, 2013)	98
FIGURA 93: JOGO DO “SENET”. (MENDES, 2013)	99
FIGURA 94: CERIMÓNIA ALUSIVA ÀS BATALHAS QUE ANTECEDEM A GUERRA. (MENDES, 2013).....	100
FIGURA 95: DEUSES ILUSTRADOS NO BAR EGÍPCIO: MAAT, PTAH, AMOM, BASTET E KHUNUM. (NETTO, 1998).....	101
FIGURA 96: VÁRIOS TIPOS DE KHEPRECH. (NETTO, 1998)	102
FIGURA 97: OBJETOS UTILIZADOS PELOS FARAÓS. (NETTO, 1998).....	102
FIGURA 98:À ESQ. COBRA NANJA. AO CENTRO JOGO DO SENET. À DIR. CRUZ ANKH. (NETTO, 1998)	102
FIGURA 99: REFERÊNCIA À COR BRANCA UTILIZADA NAS ILUSTRAÇÕES EXPOSTAS NO BAR EGÍPCIO. (MENDES, 2013)	103
FIGURA 100: REFERÊNCIA À COR PRETA UTILIZADA NAS ILUSTRAÇÕES EXPOSTAS NO BAR EGÍPCIO. (MENDES, 2013)	104
FIGURA 101: REFERÊNCIA À COR VERDE UTILIZADA NAS ILUSTRAÇÕES EXPOSTAS NO BAR EGÍPCIO. (MENDES, 2013)	104
FIGURA 102: REFERÊNCIA À COR AZUL UTILIZADA NAS ILUSTRAÇÕES EXPOSTAS NO BAR EGÍPCIO. (MENDES, 2013)	105
FIGURA 103: REFERÊNCIA À COR AMARELA UTILIZADA NAS ILUSTRAÇÕES EXPOSTAS NO BAR EGÍPCIO. (MENDES, 2013)	106
FIGURA 104: REFERÊNCIA À COR VERMELHA UTILIZADA NAS ILUSTRAÇÕES EXPOSTAS NO BAR EGÍPCIO. (MENDES, 2013).....	106
FIGURA 105: BAR EGÍPCIO. À ESQ BOM ESTADO DE CONSERVAÇÃO, À DIR MAU ESTADO DE CONSERVAÇÃO. (MENDES, 2013)	107
FIGURA 106:BAR EGÍPCIO. À ESQ BOM ESTADO DE CONSERVAÇÃO, À DIR MAU ESTADO DE CONSERVAÇÃO. (MENDES, 2013)	107
FIGURA 107: BAR EGÍPCIO. À ESQ BOM ESTADO DE CONSERVAÇÃO, Á DIR MAU ESTADO DE CONSERVAÇÃO. (MENDES, 2013)	108
FIGURA 108:BAR EGÍPCIO. À ESQ BOM ESTADO DE CONSERVAÇÃO, Á DIR MAU ESTADO DE CONSERVAÇÃO. (MENDES, 2013)	108
FIGURA 109: BAR EGÍPCIO. À ESQ BOM ESTADO DE CONSERVAÇÃO, Á DIR MAU ESTADO DE CONSERVAÇÃO. (MENDES, 2013)	108
FIGURA 110: BAR EGÍPCIO. À ESQ BOM ESTADO DE CONSERVAÇÃO, Á DIR MAU ESTADO DE CONSERVAÇÃO. (MENDES, 2013)	109
FIGURA 111: ESTADO DE CONSERVAÇÃO DOS MURAI (ESCAMAÇÃO / ESFOLIAÇÃO). (MENDES, 2013)	119
FIGURA 112: ESTADO DE CONSERVAÇÃO DAS PINTURAS MURAI (FISSURAS / RACHADURAS). (MENDES, 2013)	120
FIGURA 113: SALÃO EGÍPCIO. (MENDES, 2013).....	121
FIGURA 114: SALÃO EGÍPCIO EM USO. (MENDES, 2013)	121
FIGURA 115: LOCALIZAÇÃO DA PROPOSTA PARA O EDIFÍCIO DE RAIZ. (GOOGLE EARTH).....	122
FIGURA 116:SALÃO DE EXPOSIÇÕES. (DESENHOS DO AUTOR)	142
FIGURA 117 DIÁRIO DO MINHO. (TURISMO EM BRAGA DISPARA 170 POR CENTO DESDE O INÍCIO DA CRISE, 2013).....	143
FIGURA 118 ORTOFOTOMAPA DO LIMITE DE INTERVENÇÃO (GOOGLE EARTH)	VII

Resumo

O presente trabalho desperta a curiosidade de como o casco histórico, da cidade de Braga, se desenvolve. A evolução cronológica e morfológica de Braga é, aqui, retratada e comparada através da análise de vários mapas que demonstram algumas das transformações urbanas que surgiram ao longo dos tempos. No entanto, é no quarteirão “Largo do Paço” que centramos o nosso estudo. Numa breve análise, no quarteirão Largo do Paço, identificamos o seu património arquitetónico de referência e diversas transformações urbanas que caracterizam este quarteirão de excelência.

A estrutura desta dissertação tem como conteúdo programático; a evolução urbana do centro histórico de Braga; estratégias para dinamizar o quarteirão Largo do paço; a compreensão de um caso similar de referência e por fim a reabilitação do Salão Egípcio com funções inerentes ao turismo. A sua degradação atual surge como oportunidade de projetar e atribuir novas funções ao edificado. O crescimento do turismo em Braga origina a reabilitação do edifício Salão Egípcio com a função de *Urban Center*, centro de apoio ao turismo.

O objetivo deste trabalho tem como intuito de incentivar a preservação e revitalização do espaço público, nomeadamente edifícios em estado devoluto nos centros históricos e trazer a sua qualidade arquitetónica e artística à ribalta do centro histórico de Braga

Palavras-Chave: Largo do Paço, Salão Egípcio, Reabilitar, Dinamizar, Turismo.

Abstract

The present work stimulates the curiosity about the development of the historic profile of Braga city. The chronologic and morphologic evolution of Braga is demonstrated and compared here, through the analysis of several maps which show some of the urban changes that emerged along time. However, our study is centred in one specific square: “Largo do Paço”. In a brief overview, we identified the reference architectural heritage of this place of excellency as well as diverse urban transformations.

The structure of the present project has the following programme content: the urban evolution of the historic centre of Braga; strategies to dynamize the square “Largo do Paço”; the understanding of a similar reference case and finally, the rehabilitation of the “Salão Egípcio” with functions inherent with tourism. In fact, its current degradation creates an opportunity to project/supply the building with new functions. The touristic improvement in Braga motivates the rehabilitation of the building “Salão Egípcio” as a Urban Centre, supporting tourism.

The aim of this work is related with the encouragement of preservation and revitalization actions in public space, namely derelict buildings in the historic centres, bringing their architectural and artistic quality to the historic centre of Braga.

Keywords: “Largo do Paço”, “Salão Egípcio”, Rehabilitate; Dynamize; Tourism

Lista de siglas e abreviaturas

ADB	Arquivo Distrital de Braga
Dir.	Direita
Esq.	Esquerda
IGESPAR	Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico
INE	Instituto Nacional de Estatística
JSB	Jardim de Santa Bárbara
LP	Largo do Paço
MB	Mapa de Braunio
MCBP	Mapa da Cidade de Braga Primas
MRB	Mapas das Ruas de Braga
Ob.cit.	Obra citada
Séc.	Século

Introdução

A arquitetura, como uma ciência, funciona como um elemento condutor de ordem, daí que o papel do arquiteto seja perceber os problemas das pessoas e criar estratégias para solucionar e fazer com que essas pessoas possam alcançar um estado harmonioso. Deste modo, este trabalho apresenta, assim, a proposta como estratégia de uma solução para a resolução do programa proposto.

A cidade de Braga conta com mais de 2000 mil anos de história, formada pelos romanos é também conhecida pelo nome de *Bracara Augusta*. De facto, a cidade de Braga tem como característica singular a conservação de memórias, frutos do passado, que foram deixando marcas impressas na estrutura de espaços urbanos que causaram a sua traça original.

“Na realidade, grande parte dos elementos que nos permitem explicar a evolução urbana de uma cidade, é constituído por vestígios materiais visíveis, quer à superfície, no edificado sobrevivente, hoje analisável através da Arqueologia da Arquitetura, quer no subsolo, sendo, neste caso, recuperáveis pelas escavações arqueológicas” (Ribeiro, 2008 p. 22)

Na verdade, o que nos leva a discorrer sobre a cidade de Braga, com o presente tema, é a ambição de conhecer melhor a nossa cidade. Perceber como foi evoluindo através dos tempos, criar oportunidades de a dinamizar com ideias inovadoras, é um desafio bastante interessante e atrativo para qualquer cidadão do concelho de Braga.

Citando Pedro Gadanho¹ “este é o momento em que devemos atribuir importância às recuperações, remodelações, renovações, reconstruções, reabilitações, reciclagem, aos redesenhos e reutilizações de todos os espaços que as cidades portuguesas têm ao seu dispor”. (Gadanho, 2009 p. 10) Compreendendo este pensamento, a cidade de Braga é a cidade portuguesa que oferece incentivo e motivação ao presente estudo de dissertação.

¹ Gadanho, P. (n.1968). Arquiteto formado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Com um diversificado percurso na cultura contemporânea, os seus trabalhos têm vindo a ganhar notoriedade nos países europeus, com destaque para a “mesa redonda” na Bienal de Arquitetura de Veneza 08.

A estrutura do trabalho divide-se em 3 capítulos. No capítulo 1, abordamos o desenvolvimento histórico da cidade, até a atualidade, aprofundando, em especial o bairro LP. No capítulo 2, exploramos o edifício, Salão Egípcio, como dinamizador do centro histórico. No capítulo 3, obtemos as principais conclusões, que finalizam o trabalho. A conceção do trabalho focaliza-se no centro histórico da cidade de Braga e tem em especial atenção o estudo do largo arquiepiscopal da cidade. O estudo dos espaços públicos, equipamentos culturais e o diferente património edificado, que fazem parte do bairro do Largo do Paço, são alvo prioritário de análise para definir a melhor estratégia a adotar no programa definido para o Salão Egípcio. Assim, o presente trabalho poderá traduzir-se numa importante contribuição para fazer de Braga uma cidade revitalizada, melhorando os espaços urbanos, em especial o bairro do Largo do Paço, que faz parte do caso de estudo em particular.

A metodologia base que sustenta este trabalho assenta em duas fases. Na primeira fase, de cariz teórico, desenvolve-se através de uma pesquisa de referências bibliográficas sobre as várias temáticas abordadas do presente estudo. Nesta fase obtiveram-se referências sobre: evolução e desenvolvimento do centro histórico de Braga; património de referência e estilos arquitetónicos vigentes no Largo do Paço. O recurso a diversas monografias que dissertam sobre a história de Braga e o contacto das cartografias desde o século XVI até a atualidade foram dados pertinentes para perceber as necessidades do local de intervenção.

Numa segunda fase, teórico/prática, desenvolveu-se um estudo sobre o bairro (largo Arquiepiscopal de Braga) e um edifício inserido no mesmo (Salão Egípcio). Embora seja um espaço consolidado, a qualidade estética, económica e social do bairro deveriam ser melhoradas. A reabilitação do edifício “Salão Egípcio” tem como objetivo realçar a sua importância no contexto histórico inserido do bairro. Atribuídas as funções ligadas ao turismo, pretende-se que esta reabilitação seja mais direcionada para dinamizar o espaço, do que propriamente uma reabilitação de pormenor técnico. Deste modo, a presente reabilitação (Salão Egípcio) não é levada à exaustão ao nível de pormenor técnico, pois o que se pretende é apresentar uma proposta funcional, viável, para estimular o uso de um edificado que se encontra ao abandono e direcioná-lo para o turismo.

CAPÍTULO 1

1 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E BRAGA NA ATUALIDADE

Este capítulo tem como finalidade dar a perceber o enquadramento histórico da cidade de Braga. Uma breve abordagem à evolução histórica, sobretudo do centro urbano, nos ajudará a perceber e a localizar a matriz cronológica do centro histórico. Dado que o tema de trabalho se situa no centro histórico, este estudo irá ser abordado historicamente no global da cidade, mas será concentrado, sobretudo, no casco histórico da cidade.

Nas presentes cartografias e nos documentos que se seguem ao longo de todo o capítulo, podemos entender como Braga se transforma numa cidade com grande relevo histórico. Neste capítulo também se referencia todo o património construído, sobretudo aquele que se integra no local de estudo, o Largo do Paço. O objetivo de estudo no presente capítulo será perceber como o Lago do Paço tem influência na evolução urbana na cidade de Braga.

1.1 A evolução cronológica e morfológica do Centro Histórico

A exposição histórica de Braga tem uma longa tradição que converge em diversas obras, tendo sido produzidas em diferentes tempos, por pessoas que se preocuparam com o seu passado, legando-nos, importantes testemunhos. A história da cidade de Braga foi sendo construída por historiadores, que reinterpretaram as obras passadas, acrescidas de novas informações, sobretudo obtidas pela arquitetura, e pelo património histórico que a cidade oferece.



Figura 1 Centro Histórico de Braga em 2012 (Google Earth)

Cronologia da cidade de Braga:

- 138 A.C.- primeiras incursões militares de Decimus Iunus Brutus em Braga
- Séc. I Surgimento do Cristianismo e o auge do Império Romano
- Séc. II Construção do teatro do Alto da Cividade
- Séc.III Reconhecimento da capital em Bracara Augusta
- Séc. IV (388) Fundado o bispado de Bracara
- Séc. V (411) A cidade é invadida pelos suevos
- Séc. VI (585) A cidade é conquistada pelos visigodos
- Séc. VII Despovoamento de algumas partes da cidade de Braga
- Séc. VIII (753/54) Reconquista cristã por Afonso I das Astúrias
- Séc. IX (873) Reunião da cúria régia com Afonso III das Astúrias
- Séc. X A maior parte de Bracara Augusta estaria já abandonada
- Séc. XI (1071) Restaurado o arcebispado de Braga sendo D. Pedro o primeiro arcebispo
- Séc. XII (1112) doação do Couto de Braga por D. Teresa e D. Henrique aos arcebispos
- Séc. XIII Abandono norte da muralha romana surge o crescimento em torno da Sé-Catedral
- Séc. XIV (1326/48) D. Gonçalo Pereira começa a construção do Paço Arquiepiscopal
- Séc. XV (1433) Abastecimento de água à cidade pelo arcebispo D. Fernando Guerra
- Séc. XVI (1505) D. Diogo de Sousa entra em Braga como arcebispo;
- Séc. XVII (1640) A cidade teria 3000 fogos e 12000 habitantes
- Séc. XVIII (1750) Inventariação das casas foreiras ao Cabido (MRB)
- Séc. XIX (1857) Inauguração da iluminação pública a gás
- Séc. XX (1905) demolição do Castelo de Braga
- Séc. XXI (2004) O concelho teria 170858 habitantes
- Séc. XXI (2012) O concelho tinha 181819 habitantes

Fonte: (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana I.P.(IHRU), 2007)

O desenvolvimento da morfologia urbana, desde sempre, nos permitiu ter o conhecimento cronológico da evolução de um determinado espaço. Em qualquer espaço urbano a evolução morfológica é acompanhada pela sua cartografia. Por sua vez, as mudanças da estrutura urbana acompanham momentos históricos que ficam datados como momentos a reter na memória. Desde sempre a evolução morfológica foi uma preocupação a ter em conta. Já Vitrúvio assumia a preocupação da forma como o espaço urbano se desenvolve e escreve o tratado de arquitetura onde refere preocupações sobre a forma de como o espaço urbano se desenvolve.

“O arquiteto romano Marcus Lucius Vitruvius Pollio, conhecido por Vitruvius, foi o autor da obra *De Architectura*, que corresponde a um tratado de arquitetura composto por dez livros, onde o autor aborda diversos temas, entre os quais a formação dos arquitetos, as diferentes construções públicas e privadas, ou os processos e os materiais de construção. Este tratado terá sido redescoberto no ano de 1414, em St. Gall, tornando-se numa obra de grande importância para a época (Castro Villalba 1995; Rosenau 1988), circunstância que se manteve até à atualidade. Recentemente foi traduzida do latim para o português.”

“Leon Battista Alberti (1401-1472) foi uma das principais figuras do Renascimento italiano, autor da obra *De Re Aedificatoria*, publicada em 1485. Na sua obra dá particular destaque aos problemas construtivos das cidades, analisando diversos aspetos como a habitação, as ruas, as fortificações, ou os arrabaldes (Rosenau 1988). Esta obra encontra-se traduzida em castelhano, sob o título *De Re Aedificatoria*, 1485, versão de J. Fresnillo Núñez, com prólogo de J. Rivera (Fresnillo Núñez 1991).” (Ribeiro, 2008 p. 29)

Leon Battista Alberti que escreve em 1452, a obra *De Re Aedificatória* ou *Dez Livros sobre arquitetura*. Foi também um dos mais importantes tratados da arquitetura de todos os tempos. Todavia, já era intenção em Vitruvius escrever o tratado de arquitetura para que no futuro sirva de base a novos tratados. “Mas eu comprometo-me, com estes livros, como espero, a disponibilizar, não só aos que edificam como também a todos os eruditos, sem qualquer dúvida e com máxima autoridade, os conhecimentos acerca das potencialidades da arte e dos raciocínios que lhes são inerentes.” (Maciel, 2009 p. 37)

A existência de fontes iconográficas e cartográficas são elementos importantes e relevantes para o estudo da morfologia urbana de Braga. As primeiras cartografias remontam ao século XVI, ilustram a história da cidade, onde se percebe a evolução urbana, desde o Séc. XVI até a atualidade. Embora o rigor destas cartografias não seja elevado, de certo modo, pode-se perceber de forma clara como Braga foi evoluindo ao longo destes quatro séculos². Apesar das primeiras plantas de rigor técnico terem sido produzidas no século XIX, as cartografias anteriores, de certo modo, permitem-nos enquadrar a forma de como o espaço urbano foi ocupado. Os eixos viários, a localização do edificado, a ocupação estratégica dos edifícios militares e religiosos, (a muralha medieval, portas de entrada, castelo, torres) são um conjunto de dados importantes cartografados, que nos permite diferenciar, a evolução da cidade, das diversas cartografias produzidas ao longo destes quatro séculos.

Abaixo, iremos apresentar, de forma sintetizada, algumas fontes cartográficas, tendo em conta a sua importância informativa, que nos parecem ser relevantes para concluir a análise urbana da cidade em estudo. Como foi referido acima, as primeiras cartografias remontam ao Séc. XVI. Todavia, existe uma publicação onde estão representadas plantas que sugerem uma possível evolução urbana desde a ocupação romana (Séc. III) até finais do Séc. XVIII. Estas plantas não são documentos feitos na altura, contudo, contam uma história de como deveria ter sido o crescimento da malha urbana, antes do primeiro mapa oficialmente datado em 1594.

Na figura 2 que se segue, ambas as plantas ilustram a evolução urbana e localizam a muralha romana, embora em épocas diferentes, mas a referência à muralha é a mesma. Como podemos ver na planta da Idade Média, observamos de igual forma a muralha romana, mas também é introduzida uma nova muralha, mais a Norte. Esta muralha encerra o espaço urbano e, com o passar dos anos, origina um novo núcleo urbano, que ainda hoje perdura.

² É ao longo deste período (4 séculos) que nos vamos centrar no estudo da evolução de Braga, por um lado, deve-se ao facto de a cartografia documentada remontar a partir do século XVI, por outro lado, para o tema desta dissertação não há necessidade de estudar a fundo as fontes cartográficas anteriores ao século XVI



Figura 2: À esquerda Planta da Ocupação Romana À direita: Planta da Idade Média (Oliveira, 1982, pp. 13,21)

As plantas acima ilustram a evolução da malha urbana desde a ocupação romana até à Idade Média. As diferenças entre uma e outra baseiam-se na posição das muralhas. Na ocupação romana a muralha abraça o tecido histórico mais a Sul, enquanto na Idade Média surge uma nova muralha de proteção mais a Norte do tecido urbano. A sobreposição destas plantas permite chegar à conclusão que o tecido urbano na Idade Média se desloca mais para Norte. É a partir desta transição que o centro histórico se vai fixar e desenvolver. Quer a muralha romana, quer a muralha da Idade Média, tiveram influência no desenvolvimento da cidade de Braga. Como ponto de proteção militar, as muralhas³, ao serem deslocadas de lugar, levam os residentes com elas porque oferecem uma maior segurança às invasões militares.

Embora na Figura 2 seja visível o deslocamento da muralha para Norte da cidade, deve-se referir que, a malha urbana, assinalada em amarelo, mantém a sua posição intacta. Trata-se de um núcleo rígido de várias ruas e edificações que ficam aglomeradas de tal forma que solidificam esse espaço urbano. Quer na ocupação romana, quer na Idade Média, a presente malha urbana, que verificámos na figura acima, fica ao abrigo das muralhas, protegidas dos possíveis invasores.

³ Para além da função simbólica atribuída pelos romanos às muralhas, elas desempenharam um papel militar, servindo a proteção contra possíveis ataques e o controlo de quem e do que entrava e saía da cidade. Em termos práticos, as muralhas serviram um conjunto de necessidades diferenciadas que eram mais exigentes quando as conjunturas políticas e económicas se encontravam instáveis. (Ribeiro, 2008 p. 130)



Figura 3: À esq. Fonte do Ídolo. À dir. ruínas romanas de cidade de Braga. (fotos do autor)



Figura 4: Evolução da malha urbana (Desenho do autor)

A evolução da malha urbana é bastante influenciada pela estrutura viária. Na Figura 4, a cor preta, estão definidas as vias que compõem a cidade de Braga após a ocupação romana. Como é possível verificar na Figura 4, os primeiros edifícios assinalados com a cor vermelha, a serem construídos, posicionam-se no centro histórico junto à estrutura viária. São edifícios religiosos que ocupam o casco histórico da cidade. Mais tarde, o espaço envolvente é ocupado por novos edifícios (cor azul) com novas funções. Nos dias de hoje são edifícios que fazem parte do património arquitetónico da cidade.

À semelhança de outras cidades históricas, a cidade de Braga também se desenvolve a partir da sua estrutura viária onde os edifícios se “agarram” em redor das vias de acesso que ligam as diferentes partes da cidade. Deste modo, denota-se que a estrutura viária está diretamente ligada ao crescimento urbano da cidade.



Figura 5: Esq. Planta D. Diogo Sousa (1505) Dir. Planta “Contra Reforma” (1532) (Oliveira, 1982, pp. 29,39)

A “planta contra reforma” representa a evolução morfológica do centro histórico entre 1532-1725. A Planta D. Diogo de Sousa⁴ anterior à “Planta contra reforma” é compreendida entre 1505-1532. D. Diogo de Sousa é o Mecenas que não fica indiferente à estruturação da cidade de Braga e tem um papel fundamental no seu desenvolvimento.

“Bastou o desejo do arcebispo mecenas para o poder se subjugasse a uma criação urbanístico primordial no contexto de uma forte pré-existência medieval que, estrutural e topologicamente atuante, ainda nos primeiros decénios de quinhentos, não se constituiu como limite a uma gesto original de criar espaço e estruturar de solução de continuidade.” (Maurício, 2000, p. 195)

A visão do arcebispo D. Diogo de Sousa era dar continuidade, mantendo a estrutura da cidade, criando assim uma coesão do núcleo urbano. É no casco histórico que D. Diogo de Sousa desempenha funções de estruturador e, deste modo, desempenha um papel importante para a estrutura urbana da época. Todavia, deve-se referir que D. Diogo de Sousa rompe com as muralhas e estende-se pela envolvente extramuros. Desta forma, como podemos observar na figura 5 a planta ao lado esquerda representa o crescimento do edificado (Zona Amarelada) que se alastra por toda a envolvente amuralhada.

⁴ Diogo de Sousa (n.1461-1532) foi bispo do Porto de 1496 a 1505 e de seguida arcebispo de Braga desde essa data até à sua morte. D. Diogo de Sousa fez os seus estudos preparatórios em Évora e completou-os superiormente nas universidades de Salamanca e de Paris, onde se doutorou.

A interpretação da malha urbana deve-se à recolha de vários documentos escritos e elementos que perduraram ao longo dos tempos e que foram devidamente analisados com a finalidade de perceber como a estrutura urbana se formou ao longo dos anos. Como podemos observar, na Figura 6, o centro urbano da cidade apresenta uma malha ortogonal que é constituída por dois eixos principais. “O conjunto dos dados disponíveis permite estimar que a área urbana foi organizada segundo eixos de orientação N/NNO-S/SSE e O/OSO-E/ENE, estruturantes do traçado da rede viária e da malha dos quarteirões, sendo certo que alguns desses eixos se prolongam no traçado das principais vias que ligavam a cidade ao exterior” (Melo, 2012 p. 38).

Como ilustram as Figura 6 e 7, podemos referir que é a partir do eixo Cardo e Decumanus Máximos que a malha quadriculada se define no centro histórico de Braga. Para além da forma, também nos é possível observar a principal estrutura viária que dá acesso ao interior/exterior do núcleo urbano.

1.1.1 Mapa de Braunio Séc. XVI (1594)

Existem várias fontes iconográficas que possibilitam referenciar a cidade de Braga em diferentes momentos históricos. Estas fontes serão usadas ao longo deste trabalho, acompanhando a devida sequência cronológica. Entre muitas outras, evidenciamos: o mapa do século XVII, o mapa das ruas de Braga (MRB), o mapa da cidade de Braga Primas (MCBP), a planta da cidade de Braga do século XIX, a planta topográfica de 1883/84 e a planta do séc. XX.

Na figura 7, é possível observar a primeira ilustração cartográfica da cidade de Braga, datada em 1594, é habitualmente conhecida como Mapa de Braunio, sendo este o mapa mais antigo da estrutura urbana de Braga que se conhece até à data. O presente mapa representa também as “memórias” do plano de urbanização do centro histórico de Braga nos finais do século XVI. O presente exemplar é bastante útil na medida em que ficamos com a ideia geral de como são ocupados os espaços, ou seja, são aqui transmitidas as relações de composição espacial da cidade.

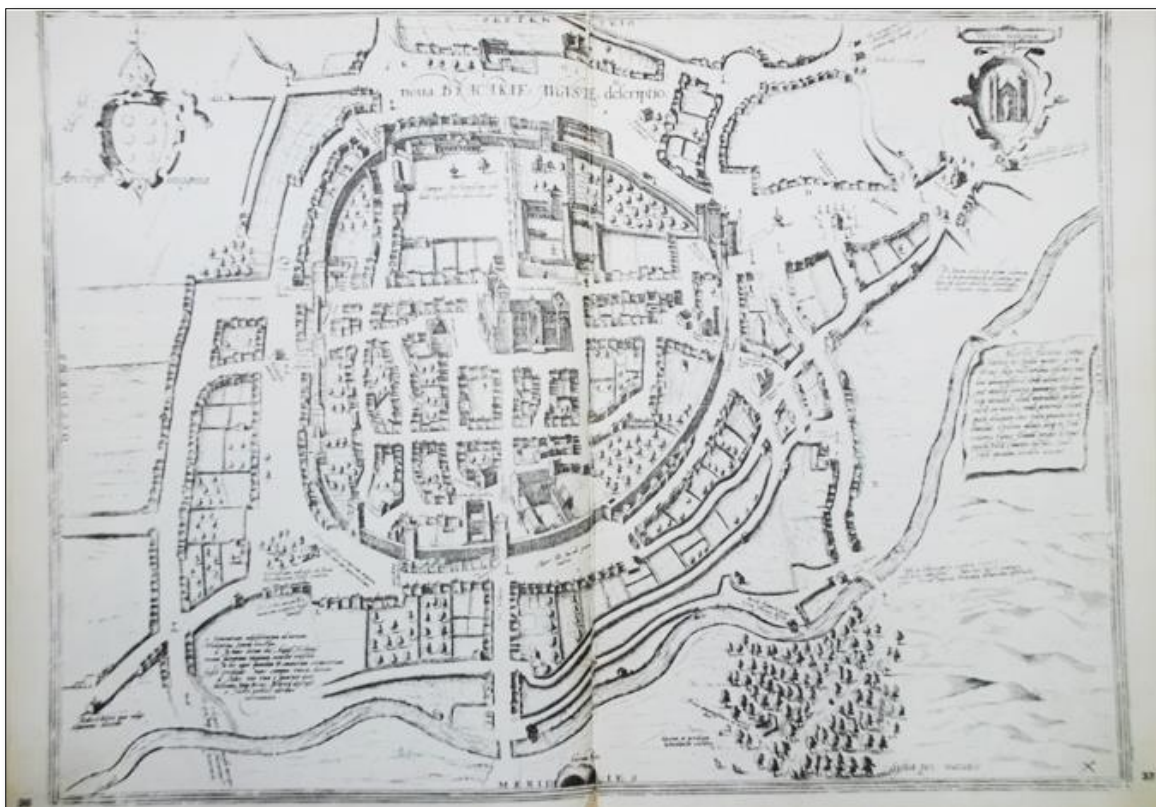


Figura 7: Mapa de Braunio de Braga (1594) (MB) (Ribeiro, 2008 p. 50)

O seu autor menciona esta obra sob o título de nova *Bracarae Avgvste descriptio*. Esta ilustração é tradicionalmente atribuída a Georg Braun⁵. Citando Maria do Carmo Franco Ribeiro⁶ na publicação da sua tese: “A autoria da gravura não é segura, considerando alguns autores que terá sido executada, a pedido de Georg Braun, por um mercador de nome Manoel Barbosa”. (Ribeiro, 2008 p. 190) No entanto, é sabido que esta publicação editada na cidade alemã incorpora a obra intitulada *Civitates Orbis Terrarum*, produzida em seis volumes, onde se encontram representadas uma série de cidades europeias⁷.

⁵ Georg Braun (1541, Colónia - 10 de Março de 1622, Colónia), também conhecido por *Brunus* ou *Bruin*, foi um cartógrafo e geógrafo. Entre 1572 e 1617 foi responsável pela edição da obra *Civitates Orbis Terrarum*, contendo 546 ilustrações, perspectivas e mapas de cidades de todo o mundo.

⁶ Maria do Carmo Franco Ribeiro aborda o estudo das diversas cartografias sobre Braga. É autora da tese de Doutoramento Com o Título: *Braga entre a época romana e a idade Moderna. Uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana*. Ano conclusão (2008), Universidade do Minho.

⁷ Varias ilustrações encontra-se em <http://www.barron.co.uk/?pgid> (acedido em 10 Outubro de 2012).

A ilustração intitulada de nova *Bracarae Avgvste descriptio* caracteriza-se pela sua antiguidade. A sua qualidade de representação concede-lhe uma das figuras mais vistas e populares da cidade de Braga. Todavia, deve-se referir que não se trata de uma figura de rigor técnico, pois a relação de escala não é exata. No entanto, a riqueza de pormenor referente à composição urbana é bem visível.

Mais à frente, teremos a oportunidade de confrontar o mapa de Braunio a outros mapas e chegar à conclusão que o mapa de Braunio (MB) se assemelha com outros mapas da época. Logo, essa semelhança revela a veracidade que esta ilustração tem como um dos mais importantes documentos históricos produzidos no século XVI. O traçado viário desenhado no MB está devidamente bem representado, corresponde ao mesmo traçado representado na planta de 1883/84. Na verdade, todas as vias e muralhas se encontram no mapa de Braunio desenhadas, estando as suas relações espaciais devidamente assinaladas. O MB é uma gravura única, tem interesse histórico, identifica alguns pormenores, tanto da cidade de Braga, como seus arredores. Esta ilustração caracteriza a estrutura da cidade uma estrutura urbana medieval e destaca a desproporcionalidade do edificado. O mapa de Braunio faz referência aos edifícios de maior relevo da cidade em estudo, nomeadamente: edifícios públicos, a Sé, a muralha medieval, o castelo, o hospital de S. Marcos, a Câmara Municipal, o Paço Episcopal, igrejas, capelas, cruzeiros, espaços exteriores às muralhas e outros elementos de composição urbana. Nesta gravura, também é contemplado o exterior da muralha medieval. As vias de acesso à cidade, a referência ao rio Este e os aglomerados de edifícios juntos à muralha, que fazem parte da envolvente que, de certo modo, nos faz perceber como a cidade foi evoluindo ao longo dos tempos. Dispersas pelo mapa de Braunio estão algumas anotações de elevado interesse histórico. Os mais emblemáticos edifícios religiosos e públicos, os nomes das portas da muralha medieval, são anotações que se destacam no MB. “ A cerca românica de Braga aproveita grandemente os alicerces da romana. Abrangia a Sé e tinha o seu comando na cidade, onde hoje é a área de Santiago” (Almeida, 1988 p. 144) Estas anotações mencionam também alguns espaços da cidade romana que persistem na memória da cidade do século XVI. Posto isto, o mapa de Braunio é igualmente importante para perceber o processo evolutivo da morfologia da cidade anterior a este mapa.

1.1.2 Mapa do Século XVII

A presente imagem (figura 8) ilustra a cidade de Baga no século XVII. Pelo que é conhecido, esta cartografia apresenta um reduzido rigor técnico. Diz Maria do Carmo. Ribeiro: “A autoria do mapa é desconhecido e a fidelidade morfológica da representação reduzida, apresentando claras deformações planimétricas” (Ribeiro, 2008. p. 52) Embora seja uma ilustração de baixo rigor, no mapa está documentado o processo evolutivo da cidade de Braga. Analisando o documento representado pela figura 8 e comparando com o mapa anterior (mapa de Braunio figura 7), chegamos à conclusão que são evidenciados nos dois mapas os edifícios mais importantes da cidade, quer sejam eles públicos ou religiosos, mas em relação à envolvente, no presente mapa do século XVII, figura 8, denota-se que sofre um crescimento substancial em relação ao mapa de Braunio (figura 7). Em todo o caso é a partir do centro que a cidade se expande e se desenvolve aumentando deste modo o número de edificações nas mediações das muralhas da cidade.



Figura 8: Mapa do Século XVII (Ribeiro, 2008 p. 52)

Pensa-se que o autor deste mapa quer evidenciar a expansão da envolvente utilizando uma série de edifícios, construídos na envolvente, de carácter privado colmatando as ruas. Todavia, é no crescimento da periferia da cidade de Braga que esta imagem (figura 8) se destaca em relação ao mapa anterior (figura 7).

1.1.3 O mapa das ruas de Braga (MRB) Séc. XVIII (1750)

O mapa das ruas de Braga (MRB), representado na figura 9, é uma obra composta por inúmeras ilustrações das ruas da cidade que nos permitem situar no tempo e no espaço. O interesse desta obra, para o presente estudo, deve-se ao facto de representar os alçados dos edifícios que compõem as ruas no século XVIII. Neste caso, o estudo das ruas permite-nos compreender o desenvolvimento de Braga.

Este documento é válido na perspetiva de estudar os alçados dos edifícios. Embora não seja necessário um estudo de rigor a todos os alçados mencionados no presente mapa, aqui estão expostos os alçados que envolvem o quarteirão, como caso de estudo⁸. Naturalmente são dados de referência para perceber a evolução, a composição e o estilo arquitetónico em que se demonstra nestes alçados do MRB.

Este exemplar foi publicado devido à necessidade do arcebispo D. José de Bragança ter de reunir todo o património do cabido da Sé de Braga. Citando Maria Assunção Jácome Vasconcelos⁹ “Foros em dívida, causas litigiosas em mãos de solicitadores ou arrastados indefinidamente nos tribunais, desleixo na arrecadação de pensões e despesas perdulárias, constituíram, em largos traços, os maiores problemas com que se debatia o cabido.” (Vasconcelos, 2000). É por uma tentativa de reaver capital que surge a necessidade de criar um documento que, de certa forma, descrevesse todo o património

⁸ Como caso de estudo, o MRB é um documento útil para elucidar as fachadas do paço episcopal. No entanto, o objetivo será aproveitar a representação do MRB para comparar as fachadas do passado com as fachadas do presente. Para não dispersar, vamo-nos centrar nas fachadas que envolvem o quarteirão em análise.

⁹ Maria da Assunção Jácome de Vasconcelos (1955-2006), Diretora do Arquivo Distrital de Braga de 1984 a 2006, com cerca de 30 trabalhos sobre o arquivo, os seus fundos documentais e sobre a história de Braga e algumas das suas casas nobres.

existente pertencente ao cabido da Sé de Braga. Sabia-se que a partir de um registo predial as cobranças de dívidas seriam mais sérias e eficazes.

“A elaboração do Mapa das Ruas de Braga de 1750, manuscrito raro pela sua beleza e originalidade, surge numa época de reorganização administrativa da Sé de Braga, após grave crise económica e financeira, verificada em princípios do século XVIII, resultante da incúria do cabido na administração dos seus bens e do longo período da vacância (1728-1741)”. (Vasconcelos, 2000)

Pondo de parte a finalidade da qual o MRB foi feito, este documento tem como mais-valia os desenhos que representam as tipologias e os estilos construtivos dos edifícios e a caracterização das ruas de Braga. É sem dúvida um exemplar de referência que está exposto ao público no Arquivo distrital de Braga

“Este documento é rico em informações relativas a cruzeiros, fontes, pontes, segmentos da muralha, com algumas das suas portas, postigos e torreões, edifícios em ruína, muros, fornecendo igualmente dados sobre a vegetação dos jardins ou até mesmo os espaços livres recém-loteados destinados a futuras construções, como a Praça do Gavião, atual Campo Novo. Assim, este documento oferece uma importante informação arquitetónica e tipológica acerca das fachadas do edificado, onde sobressaem os diferentes estilos e períodos cronológicos das construções, distintos tipos de janelas, portas e varandas, os vários pisos que compõem os edifícios, a existência de sobrados, de recuados, os nivelamentos dos telhados, bem como os elementos empregues na sua construção e decoração.” (Bandeira, 1993 p. 105)

Deve-se salientar que o MRB representa um documento lúcido que, comparado com mapas da época, consegue fazer uma ligação de dados sobre a morfologia das ruas da cidade de Braga. Ainda nos dias de hoje, ao confrontar os alçados representados no MRB com o existente atual, verificamos semelhanças construtivas nos edifícios. Miguel Bandeira refere que: “No domínio arquitetónico reconhecemos os períodos e os estilos dos desenhos das fachadas, os diferentes tipos de janelas, varandas e portas. Identificamos pisos, a existência de recuados e sobrados, os materiais de construção, o nivelamento dos telhados, etc.” (Bandeira, 1993 p. 105)

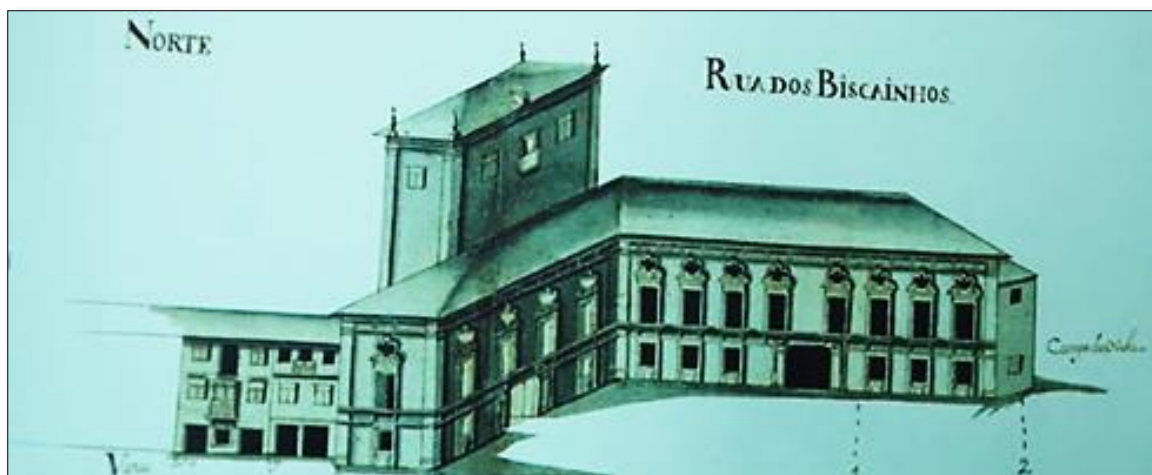


Figura 10: Rua dos Biscainhos extraída no MRB 1750 (Braga, 1989/91 p. 59)

Em 1903, Albano Belino¹⁰ faz a primeira referência à existência do livro MRB. A partir de 1978, o documento terá sido encadernado e restaurado por diversos autores. Após primeira visita ao arquivo de Braga tivémos a oportunidade de conhecer este manuscrito fisicamente, que consideramos uma obra de excelência. A presente figura 10 representa uma das muitas ruas desenhadas no MRB. Como podemos observar, o referido documento, não só apresenta a rua, mas também ilustra as características do edificado. Deste modo, se percebe a relação entre o edifício e a rua. Trata-se de um documento bastante ilustrativo e com razoável rigor na informação.

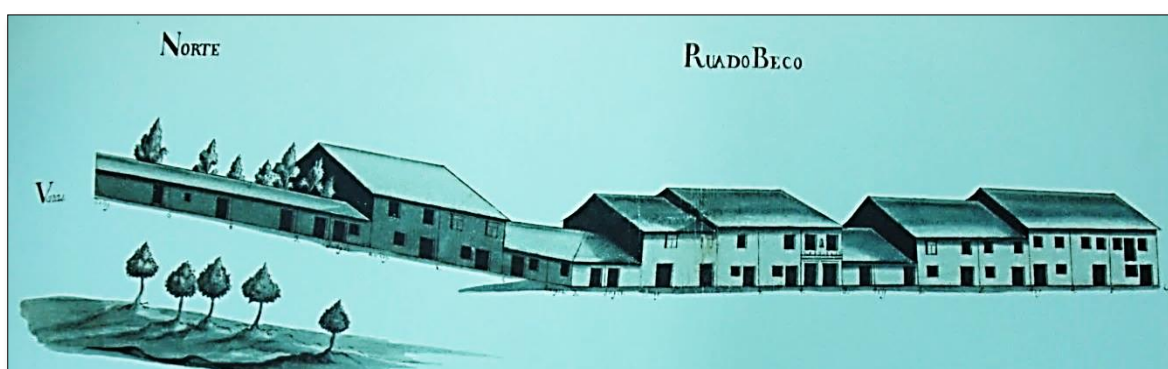


Figura 11: Rua do Beco (Braga, 1989/91 p. 29)

¹⁰ Albano Ribeiro Belino nasceu no dia 18 de Dezembro de 1863 em Gouveia, na rua da Cardia, freguesia de S. Julião. Albano Belino, ardente promotor da arqueologia bracarense, criaria, entretanto, um primeiro núcleo museológico de Arqueologia, privado, onde reuniu a sua coleção particular, composta por numerosos monumentos epigráficos recolhidos em Braga e arredores, (...). A Albano Belino se deve, também, a divulgação da epigrafia bracarense e descrição da muralha da cidade. (Geira, 1999)

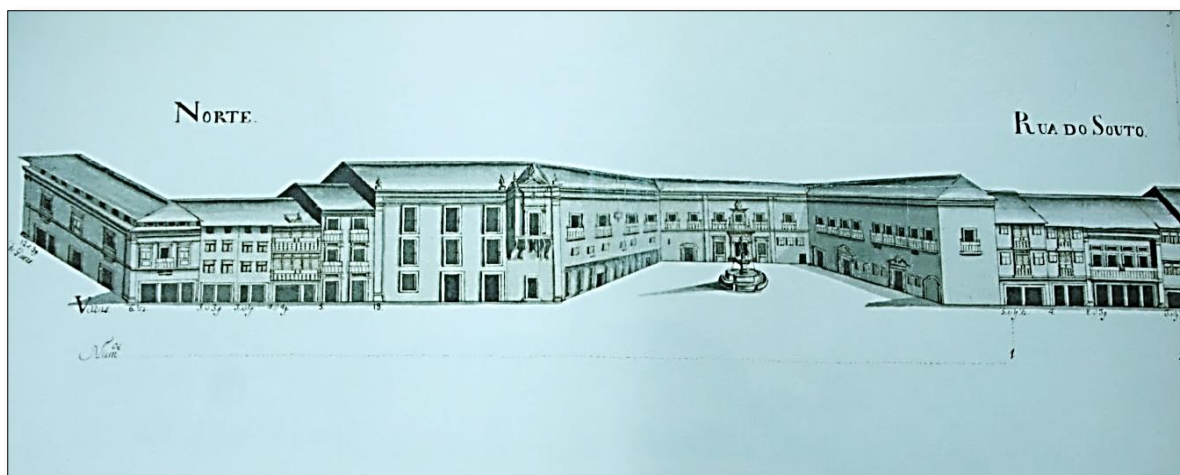


Figura 12 Rua do Souto (do mapa das ruas de Braga (1750) (Braga, 1989/91 p. 7)

“Atualmente o MRB tem o formato de livro, com as dimensões de 360 x 965 mm, sendo composto por 187 folhas. Nele encontram-se representadas 116 fiadas de alçados correspondentes às fachadas dos edifícios que limitavam diferentes espaços, designadamente, ruas, travessas, cangostas, praças, campos, estradas e terreiros. No total, o documento refere 67 espaços de circulação, 52 dos quais possuem os alçados desenhados de ambos os lados, representados na mesma folha. Os restantes aparecem figurados apenas num dos lados, sendo alguns ainda apenas designados como apontamento toponímico¹¹” (Ribeiro, 2008 p. 54)



Figura 13 Rua das Oucias (mapa das ruas de Braga (1750) (Braga, 1989/91 p. 5)

¹¹ As ilustrações acima referenciam alguns dados pertinentes para o desenvolvimento do trabalho, neste documento (MRB) procuramos aproveitar toda a informação útil para obter o máximo de referências sobre o tema do nosso estudo.



Figura 14: Mapa da cidade Braga Primas (MCBP) 1755 (Ribeiro, 2008 p. 57)

1.1.4 Cartografia do século XVIII, O Mapa da Cidade de Braga Primas. (MCBP)

O mapa anterior (figura 14) contém informações pertinentes para o estudo da morfologia urbana da cidade de Braga. Embora haja dois séculos de diferença entre o mapa de Braunio, representado na figura 7, e o presente mapa da cidade Braga Primas, (figura 14) chegamos à conclusão que o interior da muralha, praticamente, não sofre alterações. Comparando os dois mapas apenas se diferencia a envolvente. Neste caso, no exterior da muralha, a envolvente do MCBP está mais desenvolvida do que o anterior mapa de Braunio.

O autor André Ribeiro Soares da Silva¹² retrata o documento iconográfico representado na figura 14 a qual o chamou de *Mapa da Cidade de Braga Primas*. O testemunho original, atualmente situa-se na Biblioteca Nacional da Ajuda, em Lisboa. Na verdade, a planta não tem informações credíveis quanto à data de execução. Todavia, alguns autores atribuem o ano de 1755 como o ano mais adequado à data da sua elaboração.

¹² Autor André Ribeiro Soares da Silva atribui o ano 1755 incerto do Mapa da Cidade de Braga Primas, faz referência à inexistência das cotas e da escala, localização do documento, Biblioteca da Ajuda, Lisboa.

“As origens desta planta são igualmente desconhecidas, muito embora exista a suposição de que terá pertencido à Arquidiocese de Braga, tendo sido alvo de um restauro, iniciado em 1819¹³, certamente pelo facto de já se encontrar bastante deteriorado. Sabe-se, ainda, que o referido restauro terá consistido na montagem e colagem da planta sobre um suporte de papel. Tratou-se, contudo, de uma montagem imperfeita, uma vez que não incluiu todas as partes que compunham a planta original, o que poderá justificar-se pelo avançado estado de ruína do documento à data do seu restauro “ (Ribeiro, 2008 p. 56)

Ao longo de todo este processo comparativo das diferentes cartografias que temos vindo a expor, é notório que a evolução urbana da cidade de Braga se alastra para a periferia. Com o centro urbano consolidado, o MCBP (figura 14) representa o centro cidade de Braga praticamente intacto. Apercebemo-nos que, desde o desenho do mapa de Braunio (figura 7) até ao registo do MCBP (figura 14), a evolução morfológica da cidade se faz sobretudo na periferia. As muralhas vão-se diluindo, com o passar dos tempos, as aberturas das vias de chegada à cidade vão-se multiplicando e as povoações ficam aglomeradas junto às muralhas extramuros da cidade.

Tanto o mapa de Braunio (figura 7) como o Mapa da Cidade Braga Primas (figura 14) são documentos muito claros em relação à representação morfológica do centro urbano da cidade. Podemos tirar conclusões do desenvolvimento urbano da cidade e, por outro lado verificar o que sobrevive ao logo de 200 anos que separam os dois mapas. Neste contexto, observamos que, não só o interior da cidade se mantém intacto, como foi referido anteriormente, mas também observar que as muralhas que circundam a cidade prevalecem de igual modo intactas

Ao lado esquerdo do mapa (figura 14) está mencionada a legenda com o título “templos”. Nas linhas seguintes estão descritas 30 itens que mencionam edifícios que representam a igreja. Para além da exposição dos edifícios religiosos, constam no mesmo mapa referências relativamente às ruas e à toponímia do conjunto edificado. As anotações

¹³ Foi a partir das marcas de água existente na planta que se deduz a data do restauro da planta (Ribeiro, 2008)

descritas no MCBP (figura 14) podem ser vistas como um complemento ao MRB (figura 9). Em 1755, já existia toda a documentação sobre as ruas de Braga. O Mapa das Ruas de Braga, (figura 9) como foi referido anteriormente, faz referência às ruas da cidade desenhadas em alçado. O MCBP (figura 14) tem como suporte a representação do MRB e representa deste modo em “planta” grande parte da informação ilustrada no MRB. Quer isto dizer que estas duas cartografias se complementam uma à outra.

1.1.5 A planta da cidade de Braga Séc. XIX (1857)

A planta apresentada na figura 15 é de autoria de Belchior José Garcez e Miguel Baptista Maciel. Elaborada no ano de 1857, constitui um documento importante para perceber rigorosamente o plano medieval da cidade de Braga. Como no mapa anterior, representado na figura 14 (MCBP), também neste estão ilustrados, no canto inferior esquerdo, 45 edifícios e espaços relevantes da época.

Neste contexto, concluímos que nas produções das primeiras cartografias de Braga, desde o mapa de Braunio (Séc. XVI) até à presente planta (Séc. XIX), associadas às plantas, mencionavam referências aos edifícios mais importantes da cidade. Em 1857 Identificamos uma nova cartografia da cidade de Braga (figura 15). Segundo Maria do Carmo. Ribeiro:

“A primeira carta datável do século XIX pertence ao matemático bracarense Pereira Caldas e intitula-se “Braga Pitoresca” ou a “Verdadeira Cynta do Norte”, sendo datada de 1857 e produzida numa escala aproximada de 1/1650, muito embora apresente assinaláveis deformações. Em 1868 será produzida outra planta, de grande rigor geométrico, pelo Engenheiro Joaquim Pereira da Cruz, na escala 1/2000. Contudo, a planta mais antiga parece ser a que foi executada por Belchior José Garcez e Miguel Baptista Maciel, na escala 1:4000, cujo original pertence ao Instituto Geográfico Português”. (Ribeiro, 2008. p. 58)

1.1.6 Planta de 1883/84 (vetorizada)

A planta que se segue (figura 16) é propriedade da Câmara Municipal de Braga, e foi produzida pelo Engenheiro Francisco Goullard, em 1883/1884. O presente documento, dada a época em que foi elaborado, já aborda alguns elementos que são pertinentes para o estudo da evolução morfológica bracarense. De elevado teor topográfico, e evocando as palavras de Maria do Carmo. Ribeiro: “Esta planta é a primeira a representar graficamente todas as características morfológicas da zona urbana, incluindo, também, um conjunto de outras informações sob a forma de símbolos, cores ou textos, facto que a torna num documento de grande potencial”. (Ribeiro, 2008. p. 60) O rigor da planta surge da necessidade de haver documentação válida para os dirigentes e responsáveis pelo ordenamento do território terem uma base de dados que satisfaçam as necessidades de trabalho. Logo, era importante na altura documentar toda a zona da cidade e envolvente para que se pudesse ter fontes rigorosas do zonamento a intervir.

“De facto, estamos perante uma planta com elevado rigor e pormenor que representa a totalidade da zona urbana, bem como a zona rural imediata, identificando todo o sistema viário, os quarteirões, o parcelamento, o edificado, o uso diferenciado do solo, bem como elementos topográficos relevantes como sejam as curvas de nível cotadas. A planta é igualmente composta por um conjunto de dados toponímicos de relevância no estudo da informação altimétrica e urbanística (ruas, praças, caminhos, parcelas construídas, espaços verdes, muros e limites da propriedade rural) e realizada a sua georreferenciação.” (Ribeiro, 2008 p. 60)

Este documento agrupa vários elementos que caracterizam a cidade no Séc. XIX. A sua informação é, de facto, uma mais-valia para o estudo dos urbanistas. Na presente planta já se pode referenciar o declive dos terrenos, as curvas de nível vem dar um avanço substancial em relação às plantas que temos anteriormente. De fato, como avançar do tempo, o nível de representação começa a evidenciar novos elementos da representação urbana.



Figura 16: Planta de 1883/84, vetorizada. (Ribeiro, 2008 p. 31)

Fazendo de novo a comparação desta planta (figura 16) com as anteriores, é possível verificar ainda o traço da muralha romana que é substituída pelas vias de acessibilidade à cidade. Como podemos observar, a muralha romana acompanha o declive do terreno, isso verifica-se vendo a posição das curvas de nível. Podemos aqui observar que a morfologia do terreno foi uma de muitas razões para que a muralha se deslocasse mais a Norte. Na área medieval amuralhada, as curvas de nível estão mais afastadas, quer isto dizer que o declive é menor que a antiga muralha romana. Neste contexto, podemos recordar que as povoações procuraram terrenos mais acessíveis e planos para se fixarem. A planta aqui representada (figura 16) ilustra ainda elementos característicos desde a ocupação romana até a Idade Média, bem como: o traçado das vias romanas que se fixaram na cidade medieval e perduram nos dias de hoje, o sistema defensivo, quer a muralha romana, quer a muralha medieval, são elementos presentes na malha urbana da cidade de Braga. Deste modo, a planta de Francisco Goullard compõe elementos pertinentes de comparação entre outros suportes cartográficos para a evolução do nosso trabalho.

1.1.7 Planta do século XX

A figura 17 ilustra a cidade de Braga do século XX na década de 90. Sensivelmente com duas décadas de diferença face à planta atual. Este documento evidencia problemas de limites dos quarteirões, das praças, das ruas, uma vez que é feita através de uma montagem aérea. O seu levantamento é induzido ao contorno das coberturas dos edifícios por via aérea e não ao nível do solo. Logo, demonstra falhas nas delimitações dos espaços a referenciar. Numa primeira análise o que nos parece ser importante referir nesta planta (figura 17) é que o centro histórico continua com a mesma malha característica de sempre. O núcleo urbano que, outrora, foi delimitado pela muralha medieval sofre poucas alterações na sua composição. O mesmo não se pode dizer das periferias da cidade. Com o desenvolvimento urbano, a cidade de Braga cresce de forma alargada e origina novos espaços urbanos, surgem novos núcleos e quarteirões de maiores dimensões. No entanto, ainda é possível ver as semelhanças de composição urbana entre a presente planta (figura 17) e o mapa de Braunio (figura 7). Deve-se referir que é no casco histórico que estas plantas se assemelham, apesar da sua distância temporal, o centro urbanos mantem-se fiel às suas origens.



Figura 17: Planta topográfica do século XX (Ribeiro, 2008 p. 63)

1.2 Braga na atualidade

Baseado em: INE e Município de Braga

O concelho de Braga, na atualidade, é um dos municípios que tem a taxa de crescimento mais elevada do país. Segundo o relatório final do Programa Estratégico de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Braga, evidencia-se claramente o crescimento do município.

“O concelho é o segundo município da Região Norte com maior taxa de variação populacional entre 2001 e 2011, logo a seguir ao concelho da Maia. Os resultados preliminares do Censo 2011 apontam para mais de 181 mil residentes no concelho de Braga, o que corresponde a um acréscimo populacional superior a 10% nesta última década. Já ao nível das famílias, Braga revela-se como o concelho da Região Norte que mais cresce neste período, com um acréscimo superior a 25% (passa de cerca de 50 mil famílias para quase 65 mil)” (Quaternaire, 2011 p. 7)

De seguida, nos próximos subcapítulos, iremos abordar alguns estudos da população do concelho de Braga para perceber o comportamento demográfico do referido concelho e dos seus residentes. O recurso às fontes do Instituto Nacional de Estatística (INE) e alguns estudos feitos pelo Município são dados pertinentes para perceber a mencionada evolução, desde 1991 até a atualidade.

1.2.1 Caraterização geográfica e morfológica do concelho

O concelho de Braga é considerado dos mais dinâmicos do país. Composto por 62 freguesias (até à recente junção de algumas delas, ocorridas em 2013) com o total aproximadamente de 181 819 habitantes residentes no concelho, Braga é um Município que tem evoluído muito, tornando-se atraente para fixar famílias portuguesas e estrangeiras



Figura 18: Composição do distrito de Braga (Braga, 2008)

A figura 18 ilustra a composição do distrito de Braga, constituído por 14 concelhos acima identificados. Sendo o concelho de Braga a capital de distrito, “este pertence à NUT II (Norte) e à NUT III (Cávado)” (Braga, 2008 p. 5).

Com uma área total de 2.705,1 Km², o distrito de Braga está localizado entre a região do Douro e Minho. Parte do distrito é atravessada por três serras: Gerês, Cabreira e por fim a serra da Falperra. Os rios que passam no distrito são: Ave, Este, Neiva, Vizela, Cávado e Homem.

O distrito de Braga é procurado pelos produtos tradicionais da região e pela elevada oferta turística, nomeadamente o turismo arquitetónico e religioso, onde a cidade de Braga detém um vasto património. O distrito de Braga tem como característica ser um dos mais atrativos para a produção do vinho verde e onde mais se produz esse produto vitícola, no país.

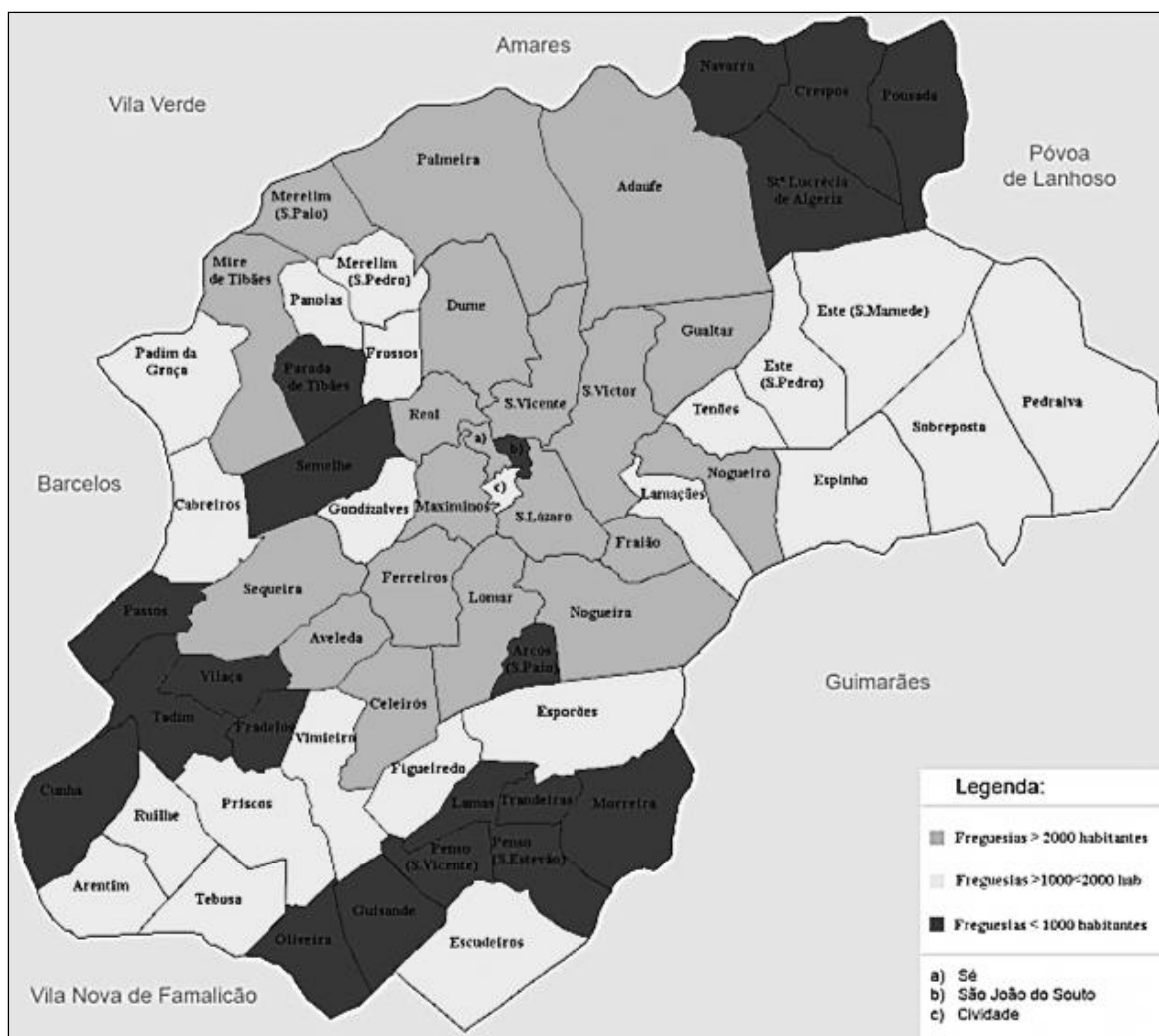


Figura 19: Freguesias de Braga (Braga, 2008)

Até ao recente reordenamento, que ditou a junção de certas freguesias limítrofes, Braga era constituída por “62 freguesias, perfazendo uma área total de 184 km², inserindo-se numa região densamente povoada, sendo ladeado a Norte, pelos concelhos de Vila Verde e Amares, a Nordeste e Este pela Póvoa de Lanhoso, a Sul e Sudoeste pelos concelhos de Vila Nova de Famalicão e Guimarães e a Oeste pelo concelho de Barcelos.” (Braga, 2008 p. 6) É na freguesia da Sé, que se localiza a zona de intervenção, do presente estudo. O Paço arquiépiscopal de Braga, a Sé de Braga, o Arquivo Distrital, a Reitoria, e a Câmara Municipal são património de referência desta freguesia. Localizada no centro histórico da cidade, segundo os censos 2011 teria aproximadamente 3.358 habitantes, distribuídos por cerca de 37 Km² de área.

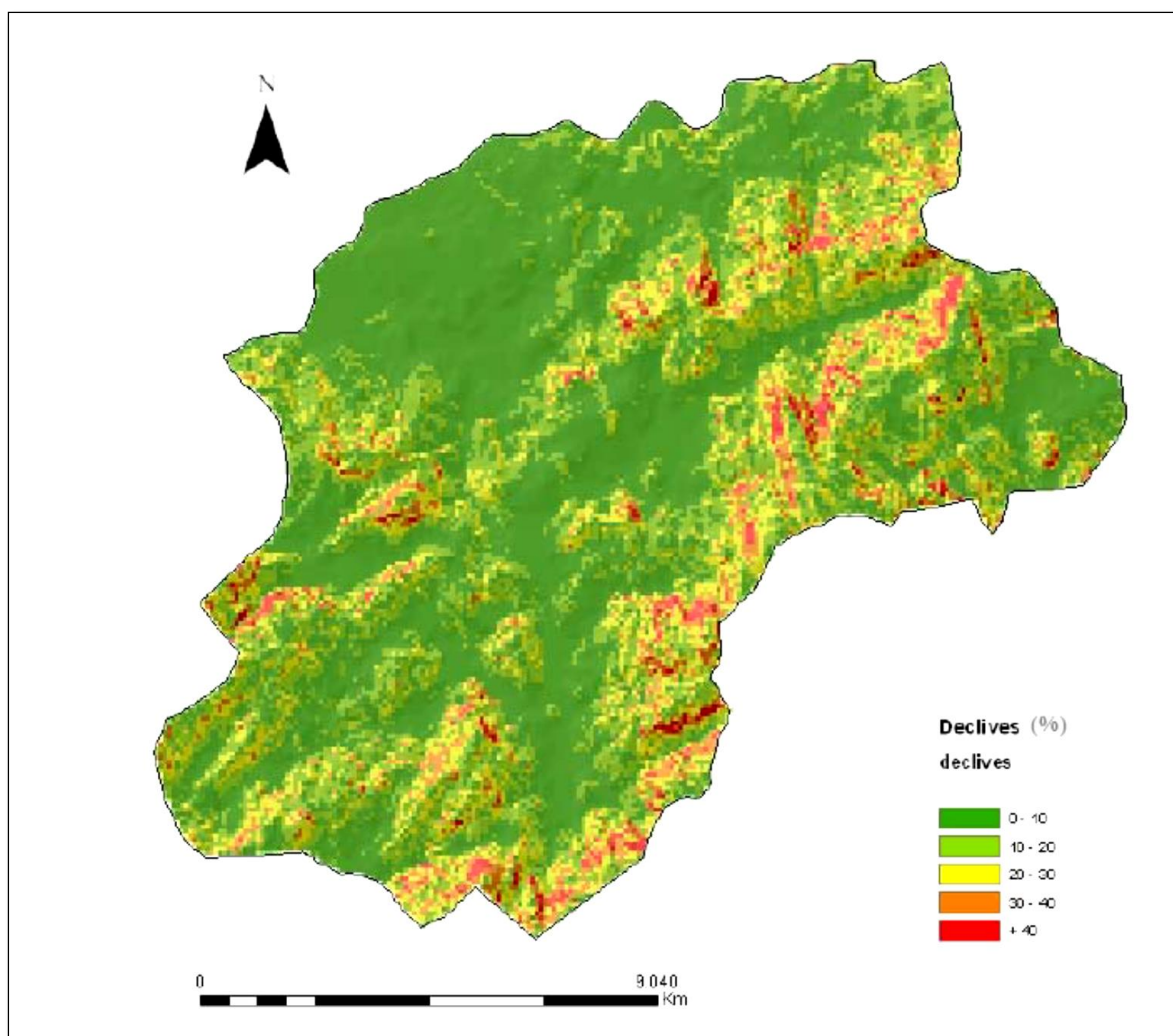


Figura 20: Declive do concelho de Braga (Braga, 2008)

A figura 20 demonstra a morfologia do concelho de Braga. Com uma morfologia “ponderada”, o concelho de Braga tem zonas, que por um lado tem um declive mais moderado (zona mais moderada a Norte), e por outro lado tem zonas com um declive mais acentuado (zona mais montanhosa a Sul).

Embora haja algumas diferenças altimétricas no concelho, podemos atribuir uma certa irregularidade no terreno, no entanto, o concelho de Braga não pode ser visto como um concelho de elevadas diferenças declivosas. Todavia, é notório, (figura 20) em algumas partes do concelho o contraste entre zonas altas e zonas baixas. Como refere o relatório da direção municipal de planeamento e ordenamento de Braga, este caracteriza o relevo do conselho irregular

“O relevo do concelho de Braga é caracterizado por uma relativa irregularidade. No entanto, não se pode considerar um território montanhoso, pois a sua localização coincide com o ponto geográfico onde escadeias montanhosas designadas “barreira de condensação” acabam e onde começam as planícies litorais.

A morfologia caracteriza-se por ser bastante contrastante, alternando zonas baixas, alvéolos de erosão, e vales fluviais, entre relevos alterosos, em cujas vertentes se desenvolve um tipo de povoamento disperso e um conjunto de atividades agrícolas, que conferem à paisagem aspetos imponentes e inconfundíveis. Nos alvéolos e vales fluviais, predomina a atividade agrícola. A grande quantidade de vertentes, montes, serras e vales, que se desenvolvem ao longo do concelho, beneficia a existência de uma rede bastante densa de cursos de água” (Braga, 2008 p. 6)

Como podemos ver na figura 20 o interior do concelho, onde se situa o núcleo da cidade de Braga, mantém-se com um declive regular, embora possamos ver algumas diferenças: é na periferia, essencialmente Sul, que o declive é mais acentuado se faz sentir

1.2.2 Evolução da População residente em Braga

O distrito Braga revê-se num aumento considerado de habitantes com um ganho de 10 pontos percentuais. Foi a capital de distrito que mais habitantes registou, por outro lado, foi o Porto a que mais perdeu, com uma descida de 9%. Segundo os dados preliminares do Censos 2011, “o distrito conta com 848.444 habitantes, tendo o concelho de Braga sido o que mais população aumentou em relação aos Censos 2001, tendo agora mais 17,627 residentes”. (Distrito de Braga é o que mais ganha em população, 2011). Fonte na origem de um artigo de jornal. Os meios de comunicação têm, por diversas vezes, referido o aumento da população na cidade de Braga. No entanto, de forma a atestar esta veracidade, recorreremos ao Instituto Nacional de Estatística para perceber melhor o aumento da população bracarense.



Figura 21: Censos 2011 (Carvalho, 2012)

Tabela 1 – Evolução da População Residente em Portugal, no Norte, no Cávado e no Concelho de Braga e respetivas variações em 1981, 1991, 2001 e 2006

	População Residente					Variação (%)		
	1981	1991	2001	2006	2011	1981/1991	1991/2001	2001/2006
Portugal	8684000	9867147	10329340	10599095	10562178	13,6	4,7	2,6
Norte	3410099	3472715	3687293	3744341	3689713	1,8	6,2	1,5
Cávado	328938	353267	393063	409781	410169	7,4	11,3	4,3
Braga	125454	141256	164192	173946	181819	12,6	16,2	5,9

Fonte INE, Censos 1981,1991,2001, 2006 e 2011

Os dados dos censos em 2001 indicam que a população de Braga era composta por 164192 habitantes. Em 2006 verificamos um aumento da população, fixado nos 173946 habitantes. Neste caso há um aumento de 5,9% entre o ano de 2001 a 2006.

O quadro acima indica que a cidade de Braga, nas últimas décadas, a taxa de crescimento é superior à média nacional e aos valores registados na região Norte e na sub-região (Cávado).Tendo em atenção a tabela acima, o crescimento populacional registado entre o

ano 2001 e 2006, é visível uma redução do crescimento populacional nas quatro unidades territoriais em relação ao período anterior (1991/2001) O Norte é a mais notória (apenas cresceu 1,5%). O concelho de Braga concentra, em 2006, cerca de 42% dos residentes no Cávado

“O recenseamento geral da população realizado em 2001 apurou uma população de cerca de 164 mil residentes no concelho de Braga. Nos Censos 2011, os residentes no concelho passaram para 181. 819. Nos Censos 2011, a vereadora responsável pelo pelouro das freguesias, Ana Paula Morais, concluiu que o aumento da população do concelho de Braga se deveu às condições favoráveis das políticas municipais e das infraestruturas existentes no concelho.” (Distrito de Braga é o que mais ganha em população, 2011)

O aumento da população de Braga, desde o ano 2001 até o ano 2011 deve-se ao facto de esta ser uma cidade jovem e potencializadora de ofertas de trabalho. Embora, na atualidade (2012), se viva momentos de crise económica, também é verdade que ao ter um aumento de residentes em Braga, vamos ter um aumento de pessoas desempregadas. Este fenómeno pode levar a que a cidade perca a curto prazo o número de habitantes, devido ao aumento de emigração que se faz sentir no concelho.

2001= 164.000 Residentes. 2011= 181.000 Residentes.



Figura 22:À esq. Aumento da população. À dir. aumento das infraestruturas habitacionais (Foto do autor)

1.2.3 Estrutura etária da população

Braga é uma das cidades mais jovem do país. No ano de 2012 foi Capital Europeia da Juventude. Com cerca de 180 mil habitantes residentes no concelho, 85 mil são jovens que usam a cidade no seu dia-a-dia. Não só pelo facto de Braga apresentar boas infraestruturas que criam condições para a fixação dos jovens, mas também a Universidade do Minho tem um papel importante para atrair os jovens para a cidade.

Como podemos observar nos gráficos infra, comparando os dois gráficos, é visível na cidade de Braga, (gráfico esq.) um maior número de jovens em relação à zona Norte. Por um lado, verificamos que a camada jovem, dos 0 aos 14 anos, tanto na zona Norte como no concelho de Braga, tem vindo a diminuir, também é visível, na zona Norte e no concelho de Braga, um aumento substancial da camada mais envelhecida (a partir dos 65 anos), entre 1991 até o ano de 2006. Tendência que deverá manter-se, acompanhando a realidade projetada para todo o país.

Por sua vez, a população mais ativa (compreendida entre os 15 e 64 anos) tem vindo a aumentar, representando aproximadamente 70 % da população residente. Esta faixa etária representa um contributo considerável para o crescimento económico da cidade de Braga. Deste modo, uma população jovem, ativa no mercado e empreendedora faz desta cidade um local acolhedor e agradável para novas pessoas se estabelecerem e se fixarem na cidade.

Gráfico 1 (Braga)

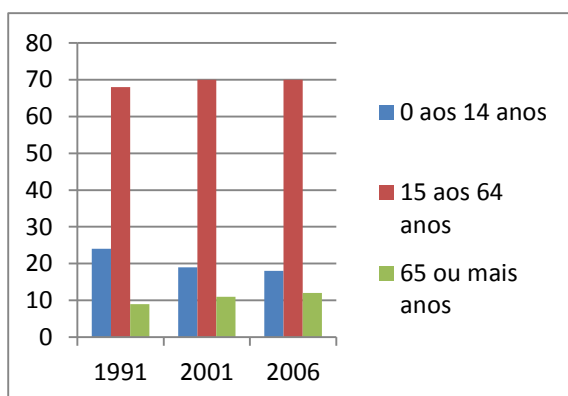


Gráfico 2 (Zona Norte)

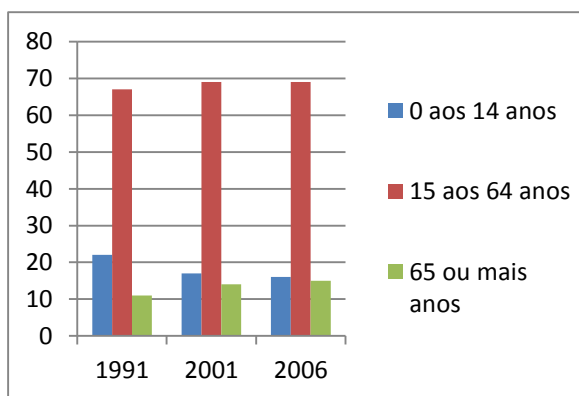


Gráfico Distribuição da população residente segundo classes etárias na cidade de Braga e na Zona Norte, entre 1991 e 2006. (À esquerda: Gráfico da cidade de Braga. À direita: Gráfico da Zona Norte) Fonte (INE)

“Já no que diz respeito à estrutura etária da população por grandes grupos, sublinha-se que, face aos valores de Portugal, da Região Norte e da sub-região Cávado, Braga apresenta a percentagem mais elevada de população com idades compreendidas até aos 14 anos de idade (17,9%), sendo que a sub-região apresenta um valor muito próximo (17,8%). Por outro lado, é de referir que o município de Braga apresenta a mais reduzida percentagem de população com idade igual ou superior a 65 anos de idade (11,8%), o que denuncia uma estrutura etária jovem, comparativamente às restantes escalas de análise. Esta premissa é corroborada pelo Índice de Envelhecimento, datado de 2006. O concelho de Braga apresenta o valor mais baixo (66,2), comparativamente a Portugal (111,7), à Região Norte (93,3) e à sub-região do Cávado (70,6).” (Empresas, 2003)

Pelo exposto, os gráficos demonstram um forte crescimento da população da cidade nas últimas décadas. Deve-se recordar-se, como várias vezes temos vindo a referir, que a estrutura etária de Braga é jovem e dinâmica, em muito contribuindo para o desenvolvimento da cidade, nas mais diversas vertentes.



Figura 23: Capital Europeia da Juventude (Braga, 2008)

1.3 Evolução Histórica do quarteirão Largo do Paço

O quarteirão do Largo do Paço tem uma forte ligação à evolução morfológica da cidade. Este absorve edifícios de larga escala arquitetónica, sendo edifícios importantes, não só pelas suas composições e estilos arquitetónicos, mas também pelo uso e funções dos mesmos. O Largo do Paço é caracterizado como um espaço admirável e dos mais representativos da história de Braga, e sabemos ter correspondido ao “ponto quente” da cidade medieval. Neste contexto, iremos fazer uma breve síntese, onde vamos abordar questões da composição do quarteirão do Largo do Paço, como caso de estudo.

1.3.1 Rua Eça de Queirós

O quarteirão do Largo do Paço foi o local de estudo escolhido para o presente trabalho devido à sua grandiosa resenha histórica. O LP é um dos locais mais visitados da cidade de Braga, devido ao facto de estar localizado no centro histórico. Deste modo, iremos apresentar, de uma forma breve, todas as ruas que circundam o quarteirão. Na verdade, o LP passa por grandes transformações urbanas desde o Séc. XVI¹⁴ até a atualidade. Nesta conjuntura, surge a oportunidade de expor algumas imagens destas transformações, que achamos pertinentes, para perceber alguns traços evolutivos do quarteirão.



Figura 24: À esq. Abertura da Rua Eça de Queirós sentido Oeste-Este. À dir. abertura da Rua Eça de Queirós sentido Este-Oeste (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana I.P.(IHRU), 2007)

¹⁴ A referência a partir do século XVI deve-se ao facto de as cartografias, documentos escritos de referências às ruas, entre outros manuscritos, remontarem a partir do Séc. XVI.

A imagem representada pela figura 24 mostra-nos o decorrer das obras, em 1949, para a abertura da nova rua denominada Eça de Queirós. Localizada a Norte do quarteirão, a rua Eça de Queirós permite contornar o quarteirão e dar uma maior fluidez ao centro histórico. Como se pode verificar na figura 24, à esquerda, visualiza-se a abertura no sentido Oeste-Este, e à direita, ilustra o sentido inverso, Este-Oeste. Ambas as imagens representam transformação do terreno na rua Eça de Queirós. Como podemos observar, na figura 24, à esquerda, a transformação deste espaço teve como consequência a demolição da Capela Santo António. Em prol do desenvolvimento surge a necessidade de extinguir esta capela, que era um espaço de culto, mas que estava fora das suas funções, desamparada e desenquadrada no local.

A presente figura 25, à esquerda, ilustra a rua Eça de Queirós após a conclusão das obras iniciadas em 1949. Dada a sua finalização em 1950 esta intervenção origina o nascimento, ao lado esquerdo, do edificado que acompanha toda a extensão da rua. Nesta imagem (Figura 25) verificamos que o jardim é desenhado em toda a extensão do terreno e as árvores de grande porte ainda não estão inseridas no jardim. Por outro lado, na mesma figura, à direita, o jardim perde o desenho exposto na figura ao lado e ganha vegetação, de grande porte, na periferia da rua.



Figura 25: À esq. rua Eça de Queirós 1950. (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana I.P.(IHRU), 2007) À dir. rua Eça de Queirós na atualidade 2012 (Foto do autor)

Na atualidade, esta é a rua (figura 25 à direita.) com menos movimento do quarteirão, confronta com o jardim Santa Bárbara e é aquela que tem o declive mais acentuado do quarteirão. É uma rua disponível ao trânsito automóvel, apenas para cargas e descargas de materiais, em horários fixados para o efeito. Como podemos observar na figura 25, à esquerda, em 1950 era uma rua exposta ao trânsito automóvel. Pela dimensão da largura da rua e pela quantidade de veículos automóveis transitáveis na época, a rua Eça de Queirós parecia ter capacidade de fluidez necessária para escoar o trânsito e as pessoas. Na atualidade, o mesmo não se verifica. A rua apenas serve os comerciantes e moradores da zona. Devido ao facto de ser uma rua inserida no centro histórico, também esta assume políticas e estratégias de dinamizar o local para atrair ao máximo turistas, nacionais e estrangeiros. Neste contexto, a rua deixa de ser aberta ao trânsito automóvel, como era no passado, e passa a ser uma rua pedonal, como se referiu, que contorna o quarteirão LP.

1.3.2 Rua da Misericórdia

A imagem que se segue (figura 26) ilustra a rua da Misericórdia. A sua localização, tendo como referência o quarteirão LP, fica a Poente. Esta confronta-se com o largo da atual Câmara Municipal e com o Arquivo Distrital de Braga. A presente rua da Misericórdia, como ilustram as figura 26 e figura 27, foi e ainda continua a ser uma das principais ruas da cidade. A sua importância deve-se ao facto de ser uma das duas ruas responsáveis pelo desenvolvimento do centro histórico de Braga. Identificando esta rua no Século XVI, como é possível observar no mapa de Braunio (figura 7), podemos atribuir-lhe a responsabilidade de ser uma rua estruturadora do espaço urbano. Tendo em especial atenção à forma como a rua da Misericórdia está localizada no mapa de Braunio, facilmente verificamos que esta correspondia ao “*Cardus Máximus*”¹⁵ romano, do atual centro histórico de Braga.

¹⁵ *Cardus* (cardo) Designa o eixo norte-sul de uma cidade romana, que corta em ângulo reto o “*Decumanus Maximus*” encontrava-se o centro da cidade (ou do acampamento), local onde se situava o fórum. As duas ruas principais orientavam-se segundo estes dois eixos. As ruas secundárias paralelas ao eixo norte-sul, eram as *cardines*. (Digest, 1981 p. 306)



Figura 26: À esq. rua da Misericórdia inícios Séc. XX (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana I.P.(IHRU), 2007) À dir. rua da Misericórdia na atualidade 2012 (Foto do autor).

Como é visível, na figura 26, à esquerda, a rua da Misericórdia era amuralhada na sua totalidade. Comparando as duas imagens expostas na figura 26, verificamos que a rua foi alargada, não só na própria via, mas também nos passeios onde transitam os peões. Na atualidade, a rua apresenta um aumento de espaços presenteados com o verde dos arranjos ajardinados.

A figura 27, abaixo exposta tem como intuito referenciar as alterações arquitetónicas das diferentes épocas. Como é possível verificar, na figura 27 à esquerda, existe uma entrada, bastante arrojada, de acesso ao interior do edifício.

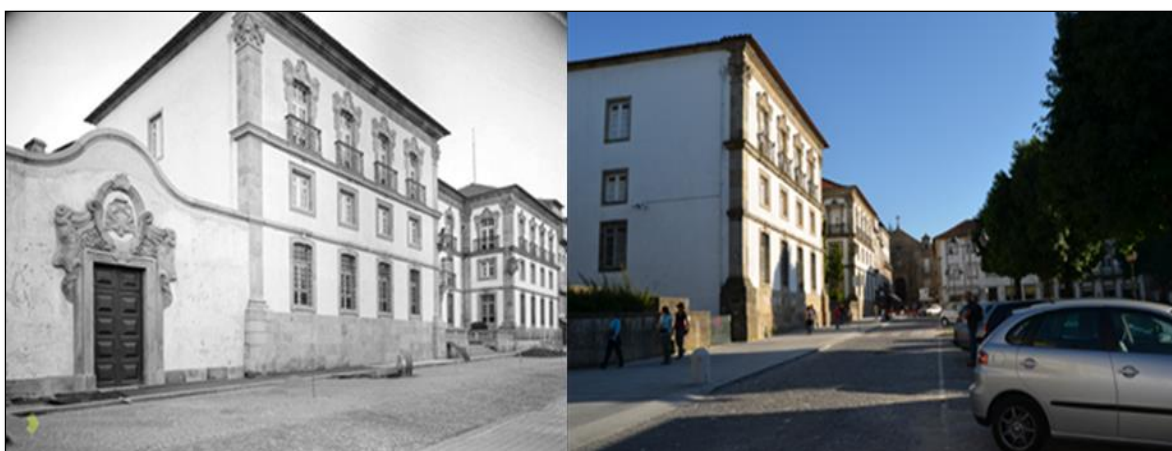


Figura 27: À esq. rua da Misericórdia em 1930 (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana I.P.(IHRU), 2007) À dir. rua da Misericórdia na atualidade 2012 (Foto do autor)

Constituída por uma enorme porta em madeira, encimada por um brasão em granito, a entrada assume um carácter privado, onde não é possível visualizar o interior além do muro. Nesta ilustração, como é visível, o muro que oferece um carácter privado ao interior do edifício, simplesmente desaparece. Na atualidade, como podemos observar na figura 27, à direita, verificamos a existência de um muro, que não é o mesmo, composto por pedra em granito e com uma altura reduzida em relação à figura 27, à esquerda. Desta forma, aquilo que era um espaço privado passa a ser um espaço semipúblico. Onde, em meados de 1930, entravam apenas pessoas pela porta de acesso, deixa de existir essa mesma porta para dar lugar a uma passagem de automóveis, que serve de acesso ao estacionamento dos funcionários que exercem funções no atual arquivo Distrital de Braga.

1.3.3 Rua do Souto

A Rua do Souto é a que mais relevo tem, é a mais movimentada de todas as vias que compõe o quarteirão em estudo. Como podemos rever no mapa de Braunio (figura 7) esta rua, faz parte do eixo estruturante da cidade de Braga. É das mais antigas da cidade de Braga.

“A Rua do Souto, em virtude da sua própria origem e desenvolvimento, a partir de um caminho onde, de forma espontânea, se foram anexando pequenas parcelas, estreitas e alongadas, deveria possuir um traçado mais irregular. Esta circunstância terá impulsionado e justificado as reformas urbanísticas empreendidas na rua, por D. Diogo de Sousa, no século XVI. Com elas a parte poente da Rua do Souto será alargada e transformada numa rua regular 1418. De facto, esta rua torna-se na maior e mais reta rua da cidade intramuros, que terá o seu prolongamento natural na Rua Nova, também ela alargada, regularizada e redefinida espacialmente, tornando-se o eixo viário mais imponente e emblemático da cidade, como se pode observar no Mapa de Braunio.”
(Ribeiro, 2008 p. 464)

D Diogo de Sousa foi o grande impulsionador da evolução morfológica de Braga, como em outro passo deste trabalho referimos “urbanista” teve a sua participação reestruturando as fachadas que confrontavam a rua do Souto e todo o conjunto do Largo arquiépiscopal

de Braga. A rua do Souto, sendo das principais, é a rua que demarca o principal eixo de crescimento da cidade.

A figura 28 representa a composição da rua do Souto em 1750, e extraída do livro MRB Compreendida no sentido Este-Oeste, a rua do Souto reunia condições para a atração das atividades mercantis da cidade. Como podemos observar nos alçados da figura 28, na ocupação intensa dos edifícios, tem como característica no rés-do-chão portas a absorver quase toda a largura da construção. Segundo esta tipologia do edificado da época, denota-se, na rua do Souto, uma forte e determinante ocupação mercantil, direcionada para os produtos regionais e adaptada à transição de pessoas e mercadorias.

“Das 153 casas contabilizadas nesta estrutura, 141 possuem portas à largura de todo o seu espaçamento, o que significa uma predisposição do piso térreo a este tipo de funções, cujo montante é de 92,1%, dando um excelente exemplo de inter-relacionamento de morfo-funcional da estrutura.” (Bandeira, 1993 p. 147)

As obras realizadas na cidade por D. Diogo de Sousa encontram-se descritas num documento intitulado Memorial das Obras que D. Diogo de Sousa mandou fazer (1532-1565), realizado pelo cónego Tristão Luís, Pertencente ao A.D.B., Registo Geral, livro 330, fls. 329-334v. Este documento encontra-se publicado por Ferreira 1928-1934, vol. II; Costa 1993 e Maurício 2000, vol. II”. (Ribeiro, 2008 p. 322)

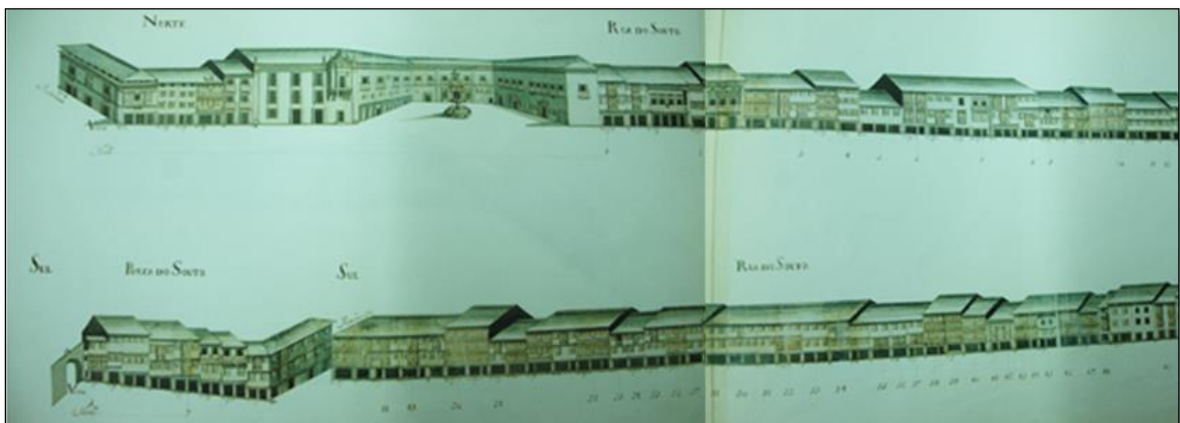


Figura 28: Rua do Souto (Braga, 1989/91)



Figura 29: À esq. rua do Souto sentido Oeste-Este em 1949, (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana I.P.(IHRU), 2007) À dir. rua do Souto na atualidade 2012 (Foto do autor)

A rua do Souto é caracterizada pela elevada importância turística. Sendo das ruas mais emblemáticas de Braga, na atualidade absorve o comércio como subsistência da comunidade local. De caráter histórico, esta rua está direcionada apenas para trânsito de peões, e, horários fixados, está acessível à passagem de veículos para cargas e descargas de mercadorias. A imagem representada na figura 30 ilustra a rua do Souto em diferentes épocas. À esquerda, é visível a linha do elétrico que permaneceu neste espaço, entre 1914 e 1963. À direita, os antigos carris deixam de existir e o pavimento é alterado apenas para percursos pedonais.

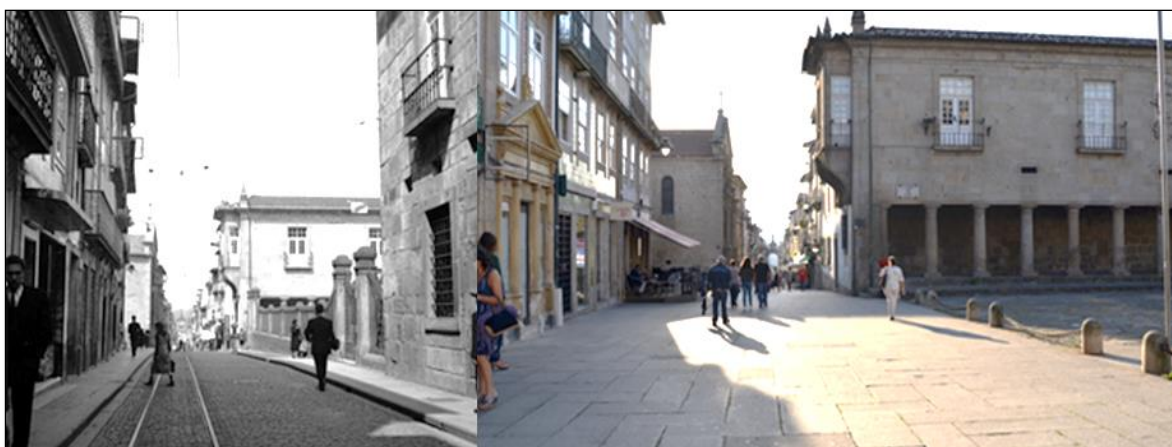


Figura 30: À esq. rua do Souto (1949) (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana I.P.(IHRU), 2007).À dir. rua do Souto 2013 (Foto do autor)

Sendo calcetada em paralelos, como podemos observar anteriormente na figura 30, à esquerda, na década de 90 passa a ser pavimentada por lajes em granito que perduram na atualidade (figura 30, à direita). Representando a figura 30, à esquerda e à direita, a mesma rua (Souto) pelo simples facto de deixar de existir a vedação que separa o largo da rua, temos a sensação que a rua fica com maior dimensão, pois é aberta para o Largo do Paço.

No entanto, a rua do Souto, nas diferentes épocas, manteve a mesma largura. A diferença persiste na abertura do LP que, conjuntamente com a rua do Souto, oferece mais permeabilidade a este espaço público, tornando-o mais aberto e mais vivenciado pelas pessoas.

1.3.4 Rua Dr. Justino Cruz

A rua Dr. Justino Cruz fica a Nascente do quarteirão, trata-se de uma rua generosa, atrativa pelo comércio tradicional e com bastante movimento de pessoas, como ilustram as figura 31 e 32. É a partir da rua Dr. Justino Cruz que as pessoas chegam ao conhecido Jardim Santa Bárbara. Deste modo, a presente rua torna-se o principal acesso ao jardim que tem bastante procura no centro histórico da cidade.

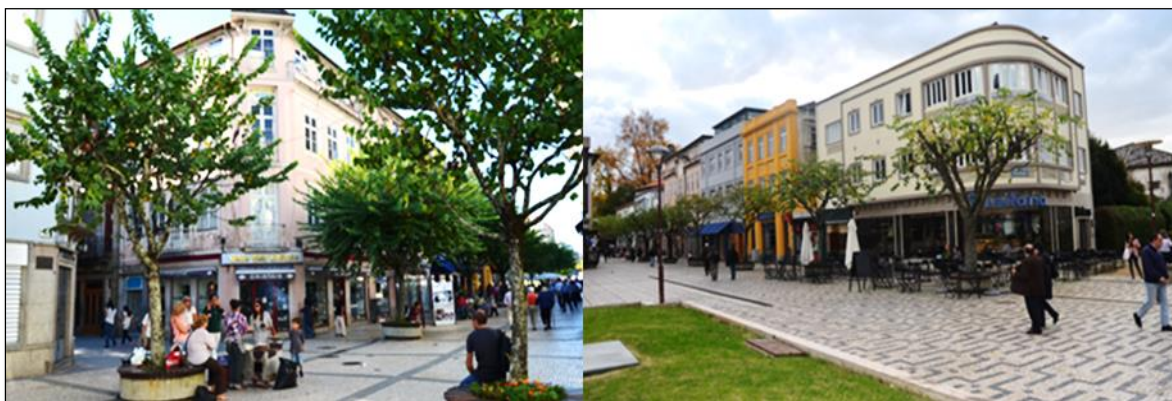


Figura 31: À esq rua Dr. Justino Cruz sentido Sul-Norte. À dir. rua Dr. Justino Cruz sentido Norte-Sul 2012 (Fotos do autor)

A rua Dr. Justino Cruz é recente e, a sua abertura, provoca uma nova reorganização na zona adjacente ao jardim Santa Barbara. Nas palavras de Maria do Carmo:

“A abertura da Rua Dr. Justino da Cruz, que dividiu quase a meio o anterior quarteirão, provocou uma profunda reorganização nesta zona. Desde logo, rompeu com o pano norte da muralha, destruindo grande parte da sua estrutura, ao mesmo tempo que originou a construção de edifícios nas suas margens, sobretudo na nascente.” (Ribeiro, 2008 p. 399)

A expansão de novas artérias da cidade de Braga tem como principal objetivo promover o comércio tradicional. A rua Dr. Justino Cruz, embora seja uma rua recente, assume-se como dinamizadora do espaço urbano, cria ofertas para a expansão do comércio num contexto histórico devido à sua localização. Nas duas décadas anteriores, esta artéria foi objeto de intervenções de regeneração do espaço público. Deste modo, como verificamos na figura 31, a rua Dr. Justino Cruz é caracterizada como um eixo de ligação entre vários espaços urbanos, e é, principalmente, dotada de boas condições físicas, que lhe permitem ter uma posição forte no comércio tradicional.

Como ilustra a imagem abaixo inserida (figura 32), a rua Dr. Justino Cruz apresenta uma mais-valia para o comércio tradicional, na atualidade. Esta rua é apenas de uso pedonal, começou a ter movimento a partir de 1923, que foi a sua data de conclusão. O objetivo desta abertura foi ligar a rua do Souto ao Campo da Vinha. Deste modo, cria-se mais uma artéria de ligação entre o centro histórico e a sua envolvente.



Figura 32: Rua Dr. Justino Cruz. (Fotos do autor)



Figura 33: Conjunto Largo do Paço em 1750 (Braga, 1989/91 p. 6)

1.3.5 Paço Arquiepiscopal

A figura acima (33), foi extraída do livro Mapas das ruas de Braga e tem como objetivo mostrar todo o conjunto do Largo arquiepiscopal. O Largo do Paço encontra-se no centro do quarteirão, do presente caso de estudo. O LP foi um edifício concebido para ser a residência dos arcebispos de Braga. A sua construção remonta ao século XIV. Passou por várias intervenções arquitetónicas. A estrutura foi-se moldando em função das necessidades das diversas épocas.

Ainda na atualidade, conseguimos observar a estrutura, na qual é composta o Largo do Paço. Como refere Maria do Carmo “Assim, podemos definir a parte norte, com as estruturas góticas, a parte sul, construída nos séculos XV, XVI, XVII e XVIII e na zona poente, a construção barroca, também denominada de Paço de D. José de Bragança”. (Ribeiro, 2008 p. 84).

Na verdade, ao longo dos tempos, assistimos à presença de vários estilos arquitetónicos que se foram apoderando no Largo do Paço. Apesar das várias transformações urbanas, este espaço, na atualidade, ainda conserva muitas das características arquitetónicas de tempos remotos.

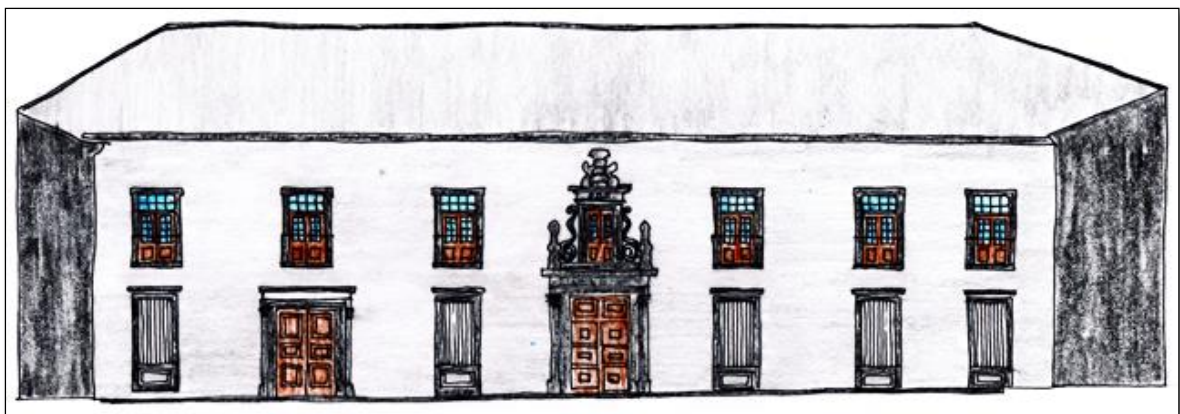


Figura 34: Fachada localizada a Norte do LP (Desenho do autor)

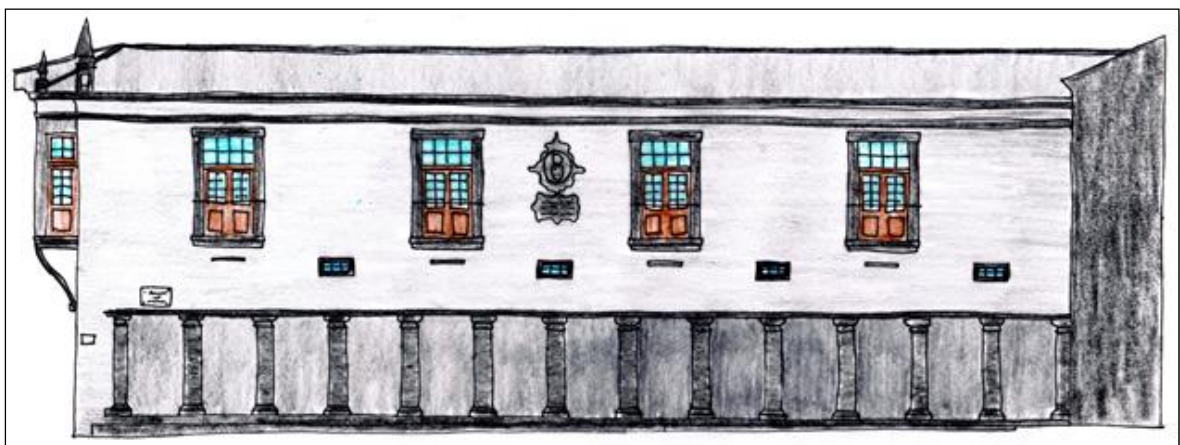


Figura 35: Fachada localizada a Oeste do LP. (Desenho do autor)

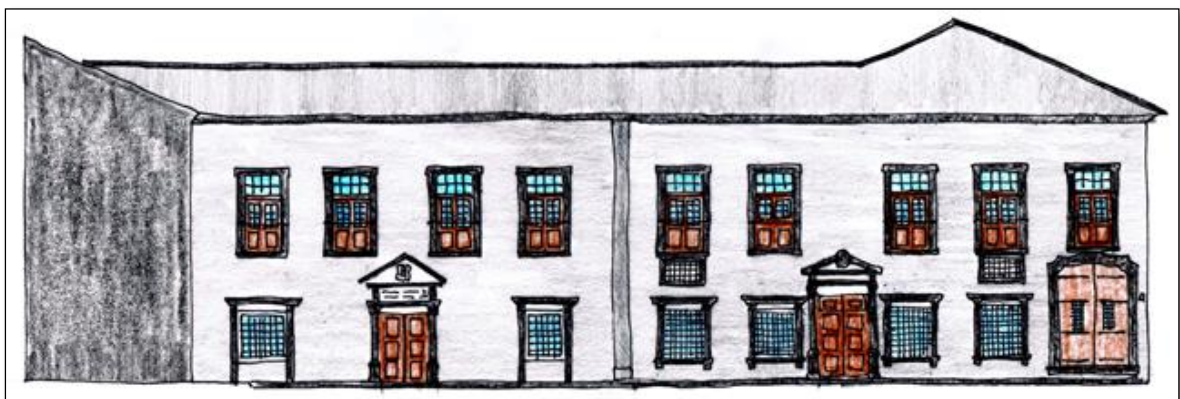


Figura 36: Fachada localizada a Este do LP. (Desenho do autor)

Situado no centro urbano da cidade, o Largo do Paço confronta com a fachada localizada a Norte (Figura 34) para a rua do Souto, abrindo-se para a Sé Catedral. A proximidade entre estes dois edifícios, a Sé Catedral e a Paço Arquiepiscopal, é óbvia, dadas as suas funções religiosas. Na verdade, não é possível atribuir uma data precisa para a construção do Largo do Paço. No entanto, o brasão do Arcebispo D Gonçalo Pereira, exposto na porta da torre medieval, remonta o Séc. XIV (1326-1348). Este edifício foi, por várias vezes, alvo de inúmeras intervenções arquitetónicas. Porém, as intervenções mais expressivas tiveram lugar no exterior do edifício, mais propriamente em redor do chafariz, que se intitula por “chafariz dos sete castelos”, sito no centro do LP.

“O espaço geográfico onde será construído o Paço dos Arcebispos estaria já destinado desde há muito às suas atividades, uma vez que se encontra designado nas fontes documentais como quinta ou vinha do Arcebispo, tal como já referido. D. Gonçalo Pereira terá aproveitado o alargamento da cerca defensiva para norte para mandar edificar a residência dos arcebispos, elegendo para o efeito um espaço perto da Sé, protegido pela nova cintura da muralha e pelo Castelo. O local eleito, insere-se assim, na lógica da conceção urbana da cidade medieval. Este edifício deveria encontrava-se inicialmente muito perto do perímetro da cerca medieval dos séculos XIII/XIV, possuindo uma grande torre, que deveria funcionar como torre de menagem, a qual deveria encontrar-se inclusivamente integrada no sistema defensivo. A partir desta torre seria possível controlar a Sé, o Castelo, bem como toda a cidade. O Paço terá sido construído como uma fortaleza, encontrando-se todo fechado por muros e edifícios, com as suas fachadas viradas para o interior, formando um conjunto privilegiado e destacado em toda a cidade.” (Ribeiro, 2008 p. 490)

A ilustração que se segue, representada pela figura 37, mostra-nos a ala nascente, do Largo do Paço, sendo mandada construir por D. Manuel de Sousa. Este espaço era ocupado por antigas casas, dando lugar a esta ala para funções de Auditório, no rés-do-chão.



Figura 37: À esq. Inscrição de D. Manuel de Sousa (1544-1549) À dir. porta da ala nascente do Largo do Paço, na atualidade (Ribeiro, 2008 p. 492)

Como podemos observar na figura 37, à esquerda, está representado em desenho técnico a composição arquitetónica e a Inscrição alusiva à obra a cargo do arcebispo D. Manuel de Sousa. Posteriormente, a ala nascente, após a intervenção de D. Manuel de Sousa, tinha como função absorver todo o tipo de arquivo ligado à igreja. Mais tarde, acolheu o tribunal da Relação e posteriormente o tribunal da primeira instância Civil.

Abaixo, na figura 38, está ilustrada a inscrição de D. Manuel de Sousa, que é traduzida: "Para ilustrar a cidade, e haver um tribunal permanente, onde se administre a justiça e não instável como dantes, D. Manuel de Sousa, pai e senhor da cidade e grande sacerdote da Justiça mandou construir este célebre edifício". (Costa, 2007)



Figura 38: Inscrição de D. Manuel de Sousa. (Foto do autor)

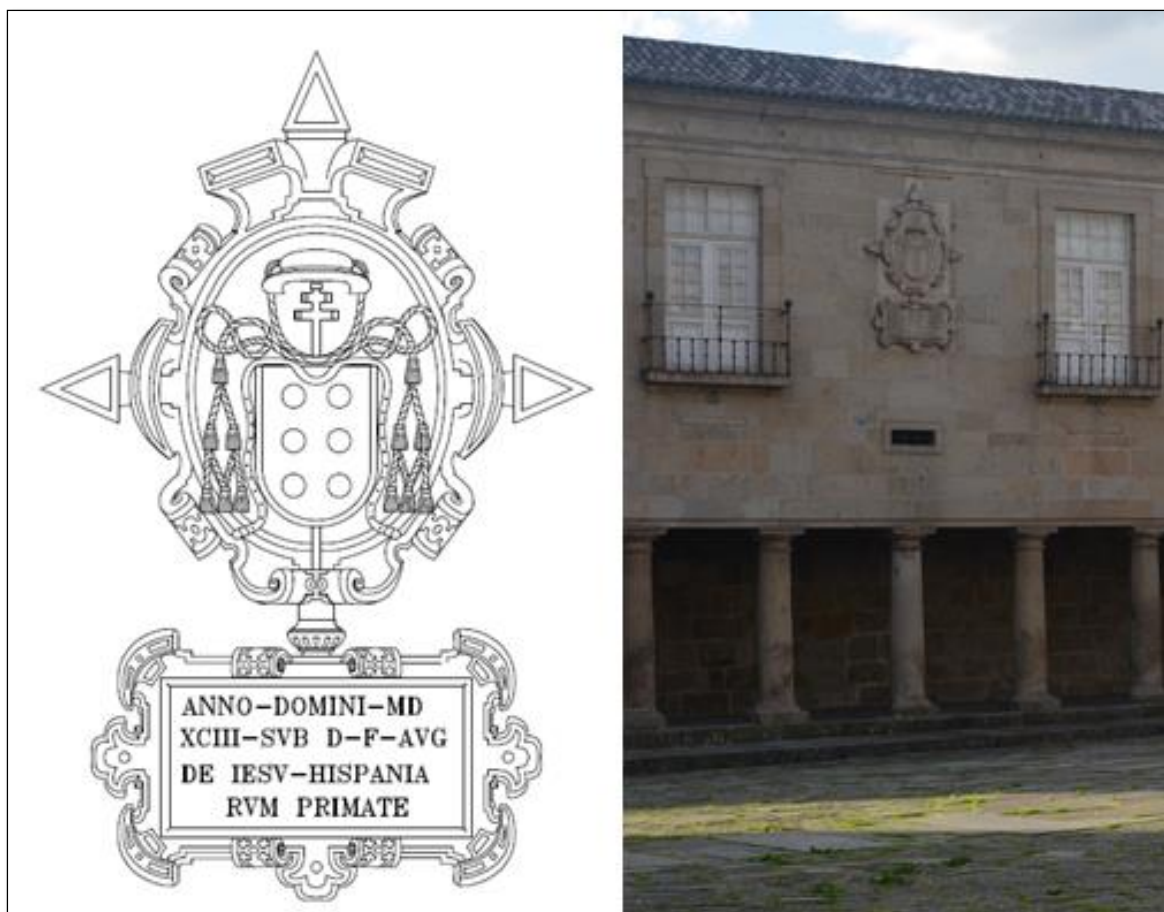


Figura 39: À esq desenho técnico do brasão com a inscrição referente à sua construção. (Ribeiro, 2008 p. 493) À dir. localização do Brasão na fachada poente do Largo do Paço 2012 (Foto do autor)

Segundo Maria do Carmo "Em 1593 o arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus mandou construir no corpo sul, na ala poente, a chamada Galeria¹⁴⁷⁹, em cuja fachada superior ainda se pode ler atualmente uma inscrição referente à sua construção" (Ribeiro, 2008 p. 493). A figura 39, à direita, representa a localização do brasão que ainda hoje se encontra no mesmo local. Todavia, em 1593 a fachada original do corpo Sul, na ala poente, não é a que está representada na presente figura 39, dado esta ser uma ilustração atual. No entanto, podemos observar o brasão, na originalidade, da fachada poente, na figura 43. Embora a fachada posteriormente fosse remodelada, as alterações sofridas, apenas no rés-do-chão, manteriam intacto o brasão que identificamos na figura 39.

Mais tarde, já no Séc. XVII, D. Rodrigo Cunha acaba por propor e fazer a ligação das alas poente e nascente. Nasce um novo corpo a Sul que se vira para a atual reconhecida rua do Souto.

“A última grande intervenção, no corpo sul, foi realizada por D. Rodrigo de Moura Telles (1704-1728) em 1709 e 1713. A ele se ficou a dever a reconstrução das alas central, nascente e poente, que passaram a estar todas ligadas internamente, (...) Por sua vez, na ala nascente, mandou ampliar o edifício onde se encontrava a Relação e o Auditório que passou a ocupar o espaço do aljube que aí se encontrava, o qual foi transferido para junto do Castelo. Como testemunho da sua obra D. Rodrigo de Moura Teles colocou as suas armas sobre a porta que passou a dar acesso à ala nascente, depois da sua ampliação, como ainda hoje lá se mantém.” (Ribeiro, 2008 p. 494)

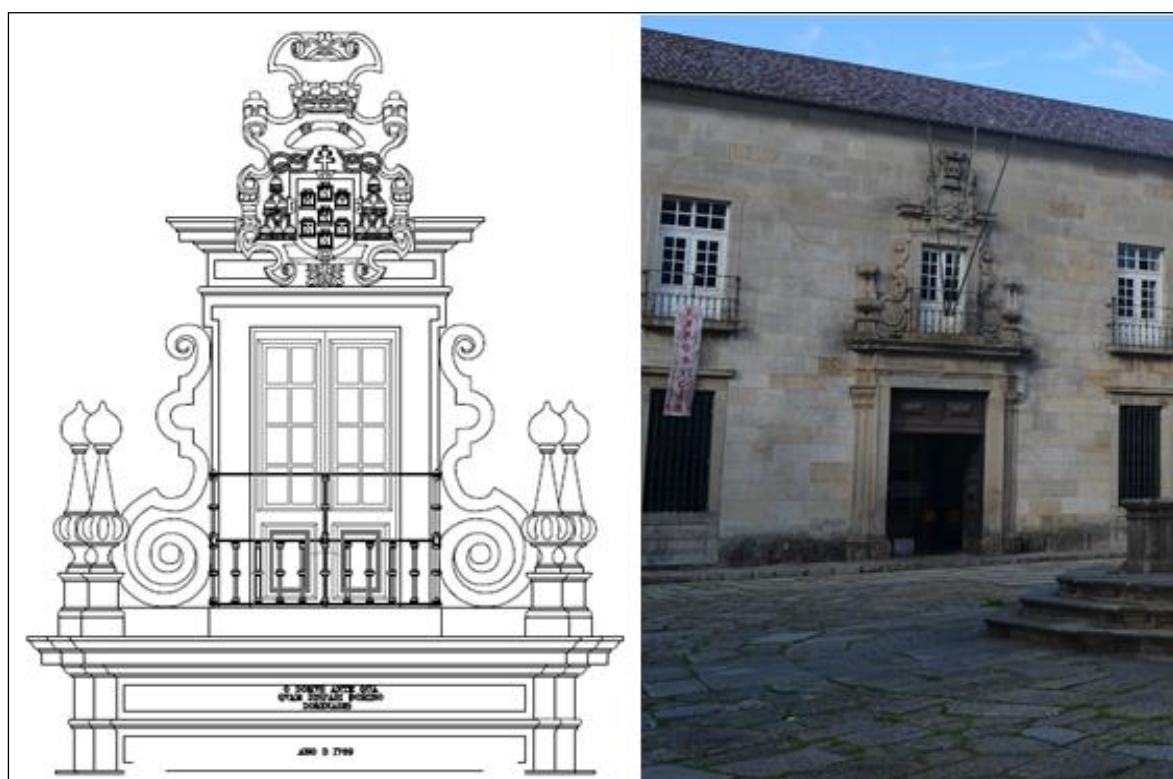


Figura 40: À esq desenho técnico da porta da ala central (Ribeiro, 2008 p. 495) À dir. entrada atual reitoria da Universidade do Minho. (Foto do autor)



Figura 41: Largo do Paço 2012. (Foto do autor)

À semelhança de outras cidades, os núcleos urbanos medievais foram responsáveis pelo crescimento e pela definição morfológica da cidade. Ocupados pelas classes mais ricas da época, tais como, a nobreza, o clero e os profissionais mais abastados, fizeram dos núcleos urbanos lugares de excelência. É num destes lugares que se encontra o Largo do Paço, como já foi referido, daí o motivo da escolha deste espaço, como caso de estudo, pela sua localização se centrar no núcleo urbano da cidade de Braga. Todavia, com o aumento demográfico, surge a necessidade da população se expandir para a periferia da cidade, assistindo-se, como nas demais cidades portuguesas e europeias, ao nascimento de zonas residenciais periféricas. Este fenómeno determina que a cidade ganhe uma nova tipologia edificatória e morfologia, embora as transformações e adaptações urbanas, da cidade tenham sido realizadas, a partir do núcleo urbano.

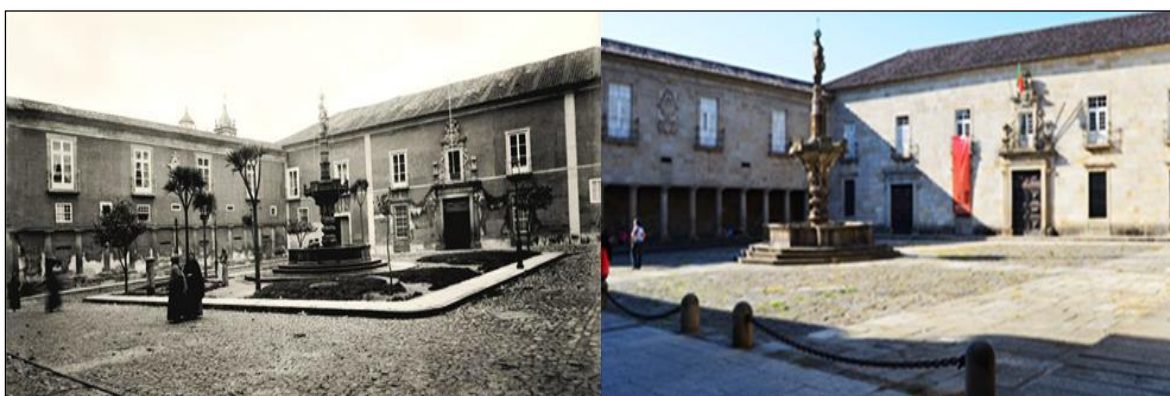


Figura 42: Largo do Paço à esquerda séc. XX. (JCM, 2008) Largo Paço à direita na atualidade. (Foto do autor)

A imagem anterior, representada na figura 42, ao lado esquerdo, ilustra o Largo do Paço nos inícios de Século XX. Como podemos observar, na imagem esquerda, temos a fachada virada a nascente do edifício, no rés-do-chão, totalmente rasa. A diferença do edifício na atualidade é o recuo da fachada, que é composta pelos pilares em pedra que suportam o piso superior do edifício. Em todo caso, tanto na figura do lado esquerdo, como na figura do lado direito, a fachada em questão apresenta-se da mesma forma, quer isto dizer que não sofreu alterações no vão. A fachada recua e apresenta-se com a mesma composição arquitetónica, sem qualquer tipo de aberturas.

É de referir que a estrutura do L P, nos princípios do século XX (figura 42), apresenta um jardim que envolve o chafariz dos “sete castelos¹⁶” que já se mencionou. Na atualidade, podemos observar que toda a estrutura ajardinada já não existe. Até o passeio e as árvores foram substituídas pelo pavimento que abraça toda a área do Largo do Paço. Deve-se referir que o Chafariz foi uma obra de referência pelo facto de abastecer a população local.



Figura 43: À esq. Chafariz do Largo do Paço (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana I.P.(IHRU), 2007) À dir. chafariz Largo do Paço na atualidade. (Foto do autor)

¹⁶ O chafariz é um dos emblemas da cidade, situando-se num largo adjacente à Rua do Souto. De tal maneira é marcante no imaginário português que o seu desenho chegou a ilustrar as notas de 500\$00. Mandado construir em 1723 pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles é uma estilização dos respetivos símbolos heráldicos: a taça, suportada por anjos, é ladeada por seis castelos e o sétimo constitui a coluna que serve de base à imagem-símbolo de Braga. (Lifecooler, 2006)

Na figura 43, temos expostas duas imagens de épocas diferentes na qual podemos observar a transformação do interior do Largo do Paço. Na figura à esquerda, ainda é possível ver a igreja que está nas traseiras da fachada poente do LP. É de referir que, para além do recuo da fachada no rés-do-chão, como já foi dito, na figura esquerda, por debaixo das janelas, encontra-se abertura para o interior do edifício. Como podemos observar, na figura 43, à direita, as mesmas aberturas deixam de existir. Em relação ao chafariz, chegamos á conclusão que apenas difere no número de degraus.

“Tem o chafariz que está defronte da galeria dos paços Arcebispais, o qual está assentado sobre um pátio para o qual se sobe por 3 degraus, de todas as partes oitavados de triângulos, nele está assentado um tanque que corre as mesmas linhas que tem 3 palmos e meio de alto, com sua moldura muito bem-feita, o qual terá de circunferência 70 palmos. Do meio deste tanque nasce um pilar para receber a taça, no qual serve de adorno 4 atlantes que recebem nas costas, a qual é do mesmo feitio do tanque e das escadas oitavadas de triângulos. Tem esta taça 6 bicas metidas nas bocas de 6 carrancas e sobre cada uma é um castelo com suas ameias. Do meio desta taça se levanta outro castelo também oitavado de triângulos sobre o qual está uma peanha com 6 bicas com 6 bicas pequenas de esguicho em roda por onde espirra água para cima e sobre a dita peanha assenta uma figura de pedra vestida a trágica, em pé com uma esfera sobre a cabeça. Destas 6 bicas da peanha cai água na referida taça e dela se despende ao povo por outras 6 bicas de bronze que ela tem, que a colhem por canos compridos e os recontros se recolhem no dito tanque. Neste chafariz, seus castelos e esferas se simbolizam as armas do ilustríssimo senhor D. Rodrigo de Moura Teles, arcebispo e senhor que foi desta cidade e arcebispado, o qual mandou fazer neste lugar donde tiraram um outro que nele se encontrava, que mandou meter dentro do terreiro do seu paço para onde vão as vertentes do mesmo chafariz. A água deste chafariz vem da primeira caixa geral da cidade, por aquedutos e repuxos e do mesmo chafariz vai para outros aquedutos para a cozinha do paço dos arcebispos além das por onde vão as vertentes. Terá este chafariz 37 palmos. Toda a obra deste chafariz é perfeitíssima e a segunda em ordem ao chafariz da Porta do Souto, na forma como vai descrito.”
(Manuela Martins, 2012 p. 198)

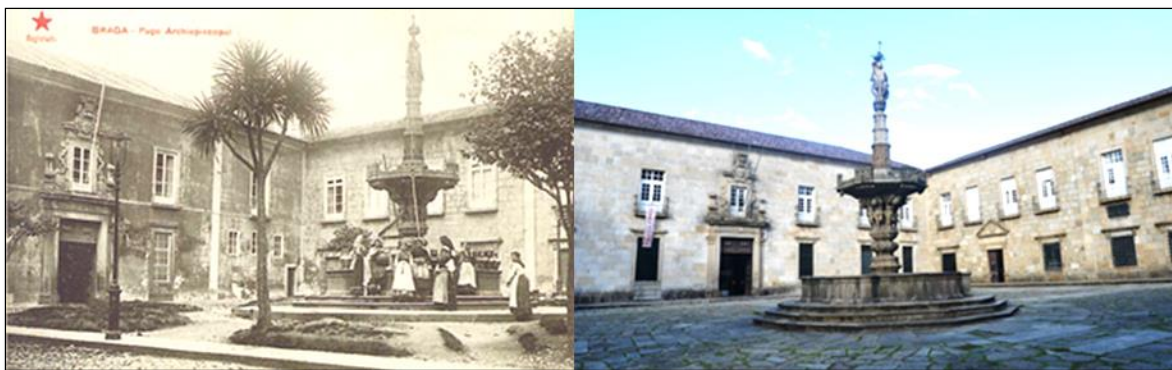


Figura 44: À esq ala central/nascente do LP (Bracarae, 2011) À dir. ala central/nascente do LP 2013. (Foto do autor)

Este documento, anteriormente referido e da autoria de Manuela Martins, faz referência não só à composição arquitetónica do chafariz, mas também evidencia a importância do chafariz como uma fonte de distribuição da água para a cidade.

Como podemos verificar na figura 44, à esquerda, desconhecida a data, o interior do Largo do Paço encontra-se mal tratado. As fachadas, quer da ala central, quer da ala nascente, carecem de tratamento que as faça rejuvenescer. Nesta fase, denota-se alguma falta de preocupação com o estado de conservação do edifício. Todavia, é uma fase onde provavelmente este espaço foi mais vezes usado, devido à fonte de água proveniente do chafariz exposto no centro do LP.

A imagem que se segue, representada na figura 45 à esquerda, destaca-se das anteriores devido ao facto da composição do interior do quarteirão ser mais cuidada. A posição de marcos miliares expostos na presente figura 45 à esquerda, foram removidos do local. O jardim contorna o chafariz abrindo espaços de circulação para as acessibilidades às diferentes zonas do edifício.

Em relação ao chafariz, como temos vindo a perceber, através destas apresentações, mantem-se intacto, não sofrendo quaisquer tipo de intervenção que altera a sua forma ou posição, exceto nos degraus da sua base, como referimos. Através desta sequência de fotografias, é possível perceber as diferentes fases que o Largo do Paço passou. Com o passar dos anos, e as mudanças das necessidades das pessoas, várias transformações se fizeram sentir neste espaço, significativas para a história deste centro urbano que marcaram a história da cidade de Braga



Figura 45: À esq LP Séc XX, Anos 40. (Bracara, 2011) À dir. LP na atualidade 2012. (Foto do autor)



Figura 46: À esq vedação do LP (1949) (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana I.P.(IHRU), 2007) À dir. LP na atualidade 2012. (Foto do autor)

A figura 46 tem como objetivo mostrar a relação entre o Largo do Paço e a rua do Souto. Como podemos observar, na figura 46 à esquerda, vê-se uma vedação que delimita o Largo. Os pilares em granito e a estrutura em metal oferecem um caráter mais privado ao Largo do Paço. No entanto, comparando com as figuras anteriores, denota-se que o interior do LP está devidamente cuidado. É de salientar a relação entre a rua do Souto e o interior do LP, em 1949, como podemos ver na figura 46, à esquerda, e a relação entre a rua do Souto e o interior do LP, na atualidade, como podemos observar na figura 46, à direita. No primeiro caso temos: o interior do LP com jardim composto pela vegetação local, o limite definido pela vedação entre a rua e o interior do LP, a pavimentação em paralelo e a passagem do elétrico na rua do Souto. No segundo caso temos: a ausência do jardim no interior do LP, a ausência da vedação entre a rua do Souto e o interior do LP, a ausência da linha por onde passava o elétrico e, por fim, a alteração da pavimentação da rua do Souto. Esta deixa de ser em paralelo e passa a ser composta por lajes de maior dimensão.



Figura 47: Largo do Paço. Vista Oeste-Este. (Desenho do autor)



Figura 48: Largo do Paço. Vista Interior. (Desenho do autor)

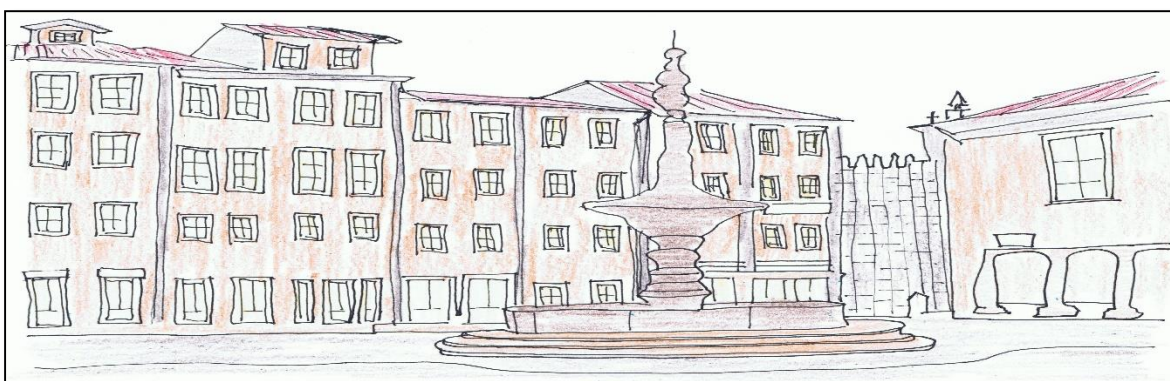


Figura 49: Largo do Paço. Vista Norte-Sul. (Desenho do autor)

“Dois equipamentos marcam claramente esta campanha e revelam bem o conteúdo erudito, cenográfico e de prestígio pretendido: diante da fachada principal, a Fonte dos Castelos (assim denominada por apresentar uma decoração essencialmente com castelos) impressiona pela sua dimensão; a Leste, uma grande galeria, de feição maneirista, de dois registos sendo o térreo parcialmente aberto em arcadas, reforça a planta quadrangular da praça.” (IGESPAR, 2007)



Figura 50: Jardim Santa Bárbara 2012 (JSB). (Foto do autor)

1.3.6 Jardim Santa Bárbara

O jardim de Santa Bárbara, como ilustra a figura 50, reconstruído na década de 50 do século passado, é um dos mais belos do país e considerado por muitos admiradores o *ex-libris* da cidade de Braga. Situado a Norte do Largo Arquiepiscopal de Braga, é composto por vários tipos de flores, plantas e arbustos que dão cor a este belo espaço público. Na atualidade, o JSB está a cargo da Câmara Municipal de Braga e está aberto a todos os cidadãos que queiram usufruir deste espaço de lazer.

No centro do Jardim, está colocada a fonte de Santa Bárbara. O nome de Jardim Santa Bárbara deve-se ao facto de neste local existir uma fonte setecentista que era propriedade do antigo Convento dos Remédios¹⁷, suportando a estátua de Santa Bárbara. Após ser inserida a estátua Santa Bárbara em cima da fonte, passou a denominar-se de jardim de Santa Bárbara.

¹⁷ História Institucional: "O Convento dos Remédios foi fundado em 1544-1549, pelo Bispo D. André de Torquemada, auxiliar de D. Diogo de Sousa, que confirmou em 1547 a dita fundação, foi este o 1º convento a existir na cidade de Braga. Destinado a religiosas da Ordem Terceira Franciscana com clausura, regidas pelos estatutos das freiras da Anunciada de Salamanca, ficaram sujeitas ao Prelado bracarense e, por morte deste, sujeitas à Sé Apostólica, sob pena de perderem os bens. Em 1890 contavam apenas com duas religiosas e em 1897 ainda funciona, mas desde 1896 foi ocupado por creches dirigidas, até 1907, pelas Franciscanas Missionárias de Maria. A igreja conventual seria encerrada em 1911 e logo de seguida, derrubada, como já antes havia sucedido ao convento. No seu lugar, figuram, o Teatro Circo e outros edifícios." (in: Inventário do fundo monástico-conventual, 1985)



Figura 51: Parte Norte do Largo do Paço, futuro Jardim Santa Bárbara (1937/38) (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana I.P.(IHRU), 2007)

“Junto ao Jardim de Santa Bárbara, ajardinado, com canteiros geométricos de buxo, decorados com topiárias de cedro, e diversos elementos arquitetónicos, nomeadamente restos de cornija, estátuas e pedras de armas.” (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana I.P.(IHRU), 2007)

A figura 51 ilustra o espaço, a Norte do complexo Largo do Paço, que dá lugar ao atual Jardim de Santa Bárbara. Ainda em ruínas, foi a partir do ano 1937 que começam a obras de reabilitação urbana, nas traseiras do LP. Uma profunda modificação urbana teve como objetivo transformar este espaço, degradado, num espaço de lazer e de convívio. Uma zona massificada, como é visível na figura 51, densa, excessiva em pedra, sofre uma profunda limpeza para dar lugar a um espaço aberto, mais amplo, sem fronteiras e barreiras físicas, como podemos observar na figura 53.



Figura 52: Vista do JSB Para o Corpo Medieval. (Desenho do autor)



Figura 53: À esq Jardim Santa Bárbara em 1955. À dir. Jardim Santa Bárbara em 1960 (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana I.P.(IHRU), 2007)

A figura 53 tem como objetivo mostrar as transformações urbanísticas deste espaço. O jardim Santa Bárbara incide sobre uma cruz, onde, no centro, culmina com a fonte de Santa Bárbara. Dividido em quatro partes iguais, assumindo a forma de um quadrado, como podemos verificar, na figura 53, em cada uma dessas partes, está demarcado no centro um arbusto devidamente tratado, onde pode ser acessível por passeios que circundam toda a área do jardim. Na atualidade, como verificamos na figura 50, o Jardim Santa Bárbara, assume-se como um espaço florido, cheio de “vida”, e com potencialidades para fazer dele um polo turístico de excelência.

1.3.7 Arquivo Distrital de Braga

O arquivo Distrital de Braga (ADB) é mais um emblemático edifício inserido no quarteirão em estudo. Um percurso histórico que passa indiferente a qualquer pessoa. O ADB passou por várias fases construtivas, desde a sua conceção até a atualidade. Este edifício foi afetado por um incêndio em 1866, na altura a desempenhar funções de Governo Civil e por momentos que se traduzem no auge do Barroco em Portugal. Para perceber um pouco mais da história deste glorioso edifício, partimos para um percurso de ilustrações e documentos que abordam os momentos mais importantes deste edifício, denominado por Arquivo Distrital, localizado no quarteirão Largo do Paço.



Figura 54: Arquivo distrital de Braga (A.D.B) em 2012. (Foto do autor)

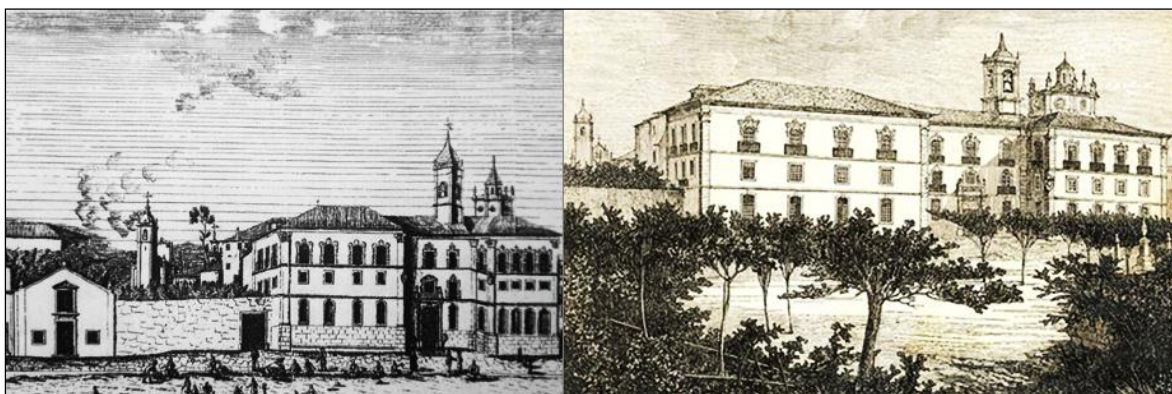


Figura 55: Paço de D. José de Bragança (1741-1756) atual Arquivo Distrital de Braga (Vasconcelos, 1997)

O Arquivo Distrital de Braga (figura 54) assume o estilo barroco como a sua identidade. D. Rodrigo Moura Telles, em princípios do Séc. XVIII, reestrutura o edifício, mas é em 1866 que o ADB é alvo de um aparatoso incêndio que destrói parte do edifício (figura 56), o que obrigou o então serviço Governo Civil a ser transferido para o chamado campo de Santa-Ana, atualmente, Avenida Central O atual edifício Arquivo Distrital de Braga, foi reabilitado por André Soares¹⁸. D. José de Bragança mandou reestruturar e ampliar o edifício que, até à data, estava desocupado para lhe atribuir uso. Neste contexto, sendo André Soares o

¹⁸ André Soares foi um notável artista bracarense do Séc. XVIII, famoso pela excelência das suas obras e criador de uma versão muito pessoal do estilo barroco-rococó. Não só na arquitetura e na escultura em pedra e madeira, mas também na pintura, ourivesaria, iluminura de códices e documentos, ferragem de bronze dourado e azulejo se veio a refletir essa nova expressão “soaresca”, patente nos seus trabalhos existentes em Braga e noutros lugares, principalmente na província do Minho. André Soares, de seu nome completo André Ribeiro Soares da Silva, nasceu em Braga no dia 30 de Novembro de 1720. (Soares, 1971)

responsável pelas remodelações do edifício, este ganha referências fortes do barroco, pois tratou-se de uma obra de restauro de um dos mais conceituados artistas do barroco. A figura 55 ilustra o Paço de D. José de Bragança onde, na atualidade, está o Arquivo Distrital de Braga. Como podemos ver na figura 55, à esquerda, em 1741, junto ao atual Arquivo distrital de Braga, existia a capela de Santo António, que foi demolida para dar lugar à presente rua Eça de Queirós, como verificamos em outro passo deste trabalho (figura 24).

“Após a morte D. Rodrigo de Moura Telles, o Paço Arqueiepiscopal ficou vago, devido aos problemas existentes entre Roma e o monarca português D. João V, só vindo a ser reocupado, em 1741, pelo novo arcebispo D. José de Bragança (1741- 1756). Este prelado, ainda antes de ocupar a residência dos Arcebispos mandou realizar obras de restauro e alargamento do edifício, criando uma nova ala no corpo poente, virada para a atual Praça do Município, antigo Campo de Touros do Arcebispo¹⁴⁸⁴. A criação da nova fachada barroca, de autoria de André Soares, irá marcar a topografia urbana no sector a poente do Paço, correspondente ao Campo de Touros do Arcebispo, que conhece a edificação do edifício da Câmara Municipal de traça barroca e desenho de André Soares.” (Ribeiro, 2008 p. 494)

Após o incêndio de 1886, que acima se mencionou, este edifício, conservou, apenas, as fachadas exteriores que, apesar de tudo, resistiram ao desastre e fizeram parte da já referida reestruturação, ao estilo barroco, do mestre André Soares. A visão atual que temos do presente edifício, Arquivo Distrital de Braga, deriva de várias intervenções arquitetónicas.

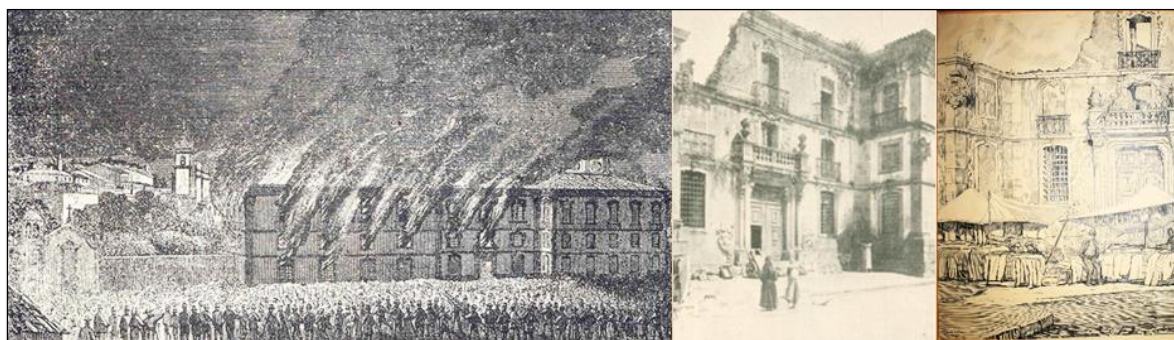


Figura 56: Incendio do atual Arquivo distrital de Braga em 1886 (Vasconcelos, 2000)

Entre 1920 e 1930, este imóvel adquire a sua atual composição arquitetónica. “Campanha que conferiu ao monumento uma fachada tripartida de impacto cenográfico, com corpo central ligeiramente recuado e a dois registos, ladeado por dois corpos quadrangulares de alçados definidos em três andares” (IGESPAR, 2007). Passadas as mais diversificadas funções no presente Arquivo Distrital de Braga este edifício mantém a sua traça original, a sua grandeza arquitetónica e continua a ser um notável edifício, que faz parte da arquitetura barroca em Braga. “No último século, foram muitos os serviços aqui estabelecidos. De Quartel de Infantaria a tribunal, de Museu a Quartel dos Bombeiros Municipais, de Loja municipal a sede do Instituto Minhoto de Estudos Regionais, o conjunto está, hoje, convertido em Reitoria e Biblioteca da Universidade do Minho.” (IGESPAR, 2007). A figura 57, à esquerda, ilustra no Séc. XVIII a atual Praça Municipal. Na realidade, no século XVIII esta praça era propriedade particular de D. José de Bragança. “Construída entre 1753-1756, por ordem de D. José de Bragança, que fez da atual Praça do Município uma espécie de espaço pessoal” (Ribeiro, 2008 p. 494). A Praça do Município, em 1959, é alvo de uma revitalização. No que diz respeito à sua composição, de acordo com as novas funções que passará a assumir. Deixou, então, de ser o mercado municipal, para ser uma praça, envolvente da camara municipal e do Arquivo Distrital. À esquerda, a praça está preenchida com maior número de árvores, tornando-se um espaço mais denso e cariz particular. À direita a praça torna-se um espaço público, com a vegetação a delimitar o espaço, acessos por escadarias ao interior da praça e no centro está posicionado um arranjo ajardinado, que nos anos seguintes dará lugar ao atual chafariz da Praça Municipal. Em todo o caso, o que verificamos é que este espaço público fica acessível para todas as pessoas que queiram usufruir dele, tornando-se, um espaço mais aberto, mais permeável e dinamizador deste núcleo urbano.



Figura 57: À esq. Praça Municipal Séc. XVIII. À dir. Séc. XX (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana I.P.(IHRU), 2007)

1.3.8 Reitoria da Universidade do Minho



Figura 58: Corpo central do LP, Localização da Reitoria da Universidade do Minho. (Foto do autor)

A reitoria da universidade do Minho¹⁹ (figura 58) está localizada no corpo central do Largo Arquiepiscopal. A entrada da reitoria da Universidade do Minho fica no centro do edifício. Duas portadas em madeira que se abrem para o exterior, encimada pelo brasão de Moura Teles que envolve a varanda do piso superior, está a inscrição latina “Ó casa antiga, quanto é diferente o senhor que te domina”. O espaço destinado à reitoria da Universidade do Minho é um lugar nobre, onde ocorrem importantes e diversificados eventos. Parte do edifício tem funções administrativas, geridas pela reitoria da Universidade do Minho. Aqui se reúne o conselho geral, o conselho cultural, a direção financeira e patrimonial e a direção de recursos humanos. Este mesmo local teve, entre outras, funções de antigo Tribunal da Relação, no século XVI.

¹⁹ Fundada no ano de 1973, a Universidade do Minho recebeu os primeiros estudantes no ano letivo de 1975/76. Hoje, a Universidade é reconhecida pela competência e qualidade dos professores, pela excelência da investigação, pela ampla oferta formativa graduada e pós-graduada e pelo seu alto nível de interação com outras instituições. (Minho, 1973)

1.3.9 Corpo Medieval



Figura 59: Corpo Medieval 2012. (Foto do autor)

O corpo medieval do Paço Arqueiepiscopal está virado para o jardim Santa Bárbara e como podemos observar na figura 59, a sua disposição tem a forma de L. A tipologia construtiva do corpo é densificada com pedra em granito, coroadada com as ameias e entre os vãos estão inseridas as janelas “duplas” de estilo gótico. No jardim, estão expostos quatro arcos que fazem referência ao estilo gótico, que “supostamente” devem pertencer à construção inicial do antigo Largo do Paço. No entanto, não é possível determinar em concreto a origem dos quatro arcos que se posicionam junto ao corpo medieval. Maria do Carmo F. Ribeiro atribui estes elementos, atualmente decorativos, à formação inicial do Largo arqueiepiscopal. Direcionada para o jardim Santa Bárbara, a torre medieval, como podemos ver na figura 59, foi um elemento importante na estratégia defensiva, durante as invasões militares, em 1369. A torre do Paço comunicava com a torre da Sé e a torre do Castelo medieval. Desta forma, a comunicação em simultâneo entre as torres era possível antecipar os movimentos do inimigo e determinar estratégias defensivas para a segurança dos povos. “1369 Henrique II de Castela cerca Braga e destrói a maior parte das casas fora de muros, entre as quais as da Rua dos Chãos e da Rua da Cruz de Pedra; a cidade teria 800 fogos” (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana I.P.(IHRU), 2007)



Figura 60:Corpo medieval em estado degradado recuperação em (1938) (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana I.P.(IHRU), 2007)

A presente imagem (figura 60) ilustra o corpo medieval, no ano de 1939, que se encontra num estado aparentemente ruinoso. A permanência das fachadas são o que resta deste conjunto edificado. Todo o interior parece desvanecer entre as paredes exteriores. Ausente de qualquer tipo de cobertura, aberturas dos vãos parcialmente destruída, escombros espalhados pela envolvente do edifício, o corpo medieval apresenta-se num estado danificado e carece de uma intervenção cirúrgica para dar a vitalidade que lhe pertence.

“São quatro as grandes fases de construção do monumento, ainda hoje bem visíveis. A principal, e a que possui maior impacto, é a gótica. O seu início deve remontar à década de 30 do século XIV, altura em que o arcebispado era regido por D. Gonçalo Pereira, mas a sua configuração geral pertence já ao século XV, na sequência da campanha construtiva empreendida por D. Fernando da Guerra, arcebispo entre 1422 e 1436. Sob o comando de Mestre Fernão Martins, as obras duraram cerca de duas décadas, estando a torre principal concluída em 1439. Ocupando grande parte do alçado virado para o Jardim de Santa Bárbara, compõem-se de vários corpos, a diferentes registos. Antes da intervenção da DGEMN, tinham sido vários os acrescentos, desde janelas de feição moderna até a adulterações dos pisos originais. Hoje, a sua torre apresenta três andares e os vãos (de arco quebrado) foram dispostos nos alçados de forma simétrica, numa procura consciente de uma ideia de medievalidade que, o mais natural foi nunca ter existido.” (IGESPAR, 2007)



Figura 61: À esq corpo medieval em 1939. (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana I.P.(IHRU), 2007) À dir. corpo medieval na atualidade 2012. (Foto do autor)

A Figura 62, à esquerda, representa a parte final das obras de restauro, do corpo medieval, feitas no ano de 1939. Na mesma figura, mas ao lado direito, é apresentada uma ilustração do mesmo corpo na atualidade. A diferença entre estas figuras reside apenas na falta de caixilharia e da arborização, que na altura (1939) não se encontrava exposta no local. No entanto, podemos concluir que desde a intervenção feita no ano de 1939, até a atualidade, os conjuntos edificados ficaram iguais, sem qualquer tipo de intervenções arquitetónicas visíveis. A reabilitação do corpo medieval, (figura 62) reconstruído a partir de 1938, teve como objetivo manter as mesmas características do edifício anteriores à reconstrução. O modelo gótico foi o modelo a ser respeitado nesta reabilitação, como era no passado. A intervenção nas fachadas traduziu-se no refazer das aberturas para o exterior com janelas em arco quebrado, mantendo sempre a premissa de recriar a traça anterior. A intenção de manter a mesma composição arquitetónica original do conjunto medieval é conseguida. De certo modo, acabam por prevalecer as memórias ancestrais recriadas pela “honestidade” compositiva do conjunto arquitetónico.



Figura 62: Reabilitação do conjunto finais das obras (1939) (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana I.P.(IHRU), 2007)



Figura 63: À esq, interior a reabilitar (1939) LP. À dir interior reabilitado (2003) (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana I.P.(IHRU), 2007)

A imagem exposta na presente figura 63, à esquerda, ilustra o interior do edifício pronto a ser reabilitado, em 1939, e à direita está representada uma imagem após a intervenção de reabilitação em 2003. Como podemos observar na figura 63, o interior foi reabilitado procurando-se manter a mesma linguagem do exterior. As referências medievais prevaleceram até à atualidade. O ambiente medieval está patente nas aberturas de transição dos espaços, o teto com estrutura em madeira e as paredes em granito, conferem a “autenticidade” medieval a esta sala.

A imagem que se segue (figura 64) dignifica o conjunto medieval que perdura até a atualidade. Foram várias as intervenções de reestruturação deste complexo medieval, no entanto, ainda sobrevivem as linhas originais, a perpetuarem-se na memória. Os quatro arcos, de estilo gótico que estão representados na figura, faziam parte de uma fachada que foi eliminada.

Como é visível, na presente figura 64, o espaço adjacente ao corpo medieval é um lugar de lazer, onde as pessoas gostam de sociabilizar, com bastantes espaços verdes, e muito procurado pelas pessoas que visitam a cidade, e que escolhem o centro histórico para passar um pouco do seu tempo.

No presente quarteirão, existem diversas referências arquitetónicas, no entanto, as matrizes do estilo gótico são, de alguma forma, as que marcam e as que nos fazem remeter para as recordações do passado.



Figura 64: conjunto medieval/Jardim Santa Bárbara 2012. (Fotos do autor)

“Arquitetura religiosa residencial, gótica, maneirista, barroca, rococó, revivalista. Paço Arquiepiscopal de planta irregular, assimétrica, composta por três corpos diferenciados, edificados em diferentes épocas, que se foram adossando e interligando. Um corpo quinhentista, onde se mistura a simplicidade do maneirismo com elementos decorativos barrocos; e um corpo barroco, totalmente refeito no séc. 20, aproveitando algumas das pedras originais, da fachada, onde se conjugam decorações barrocas e rococós, mas com o interior totalmente adaptado às funções de biblioteca e depósitos. As paredes da escadaria principal do corpo quinhentista apresentam silhar de azulejos joaninos com cenas galantes.” (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana I.P.(IHRU), 2007)

A presente citação, acima referida, produzida por um agrupado de peritos do instituto da habitação e da reabilitação, apresenta uma síntese de todo o conjunto que é o Largo do Paço.

Como pudemos ver, anteriormente, na planta da cidade de Braga (Figura 15), o conjunto do LP está encerrado, oferecendo um pátio interior. Na presente figura verifica-se que esse pátio deixou de existir. Deste modo, conclui-se que parte do conjunto do LP foi devastada, ficando apenas os arcos como elementos de memória do passado. Todavia, desconhece-se se a localização dos arcos góticos se mantém na posição original, ou foram deslocizados para a posição atual.

Composição dos alçados que compõem o corpo medieval

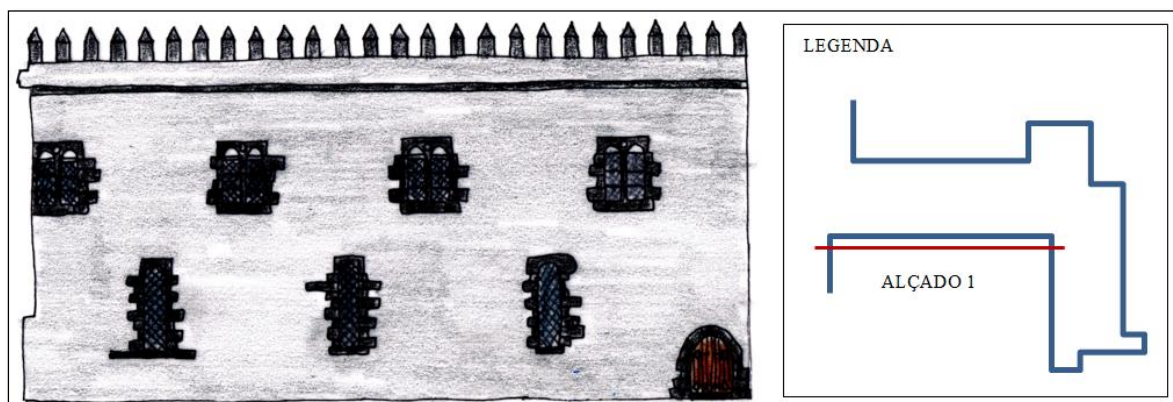


Figura 65: Corpo Medieval. Alçado nº 1. (Desenho do autor)

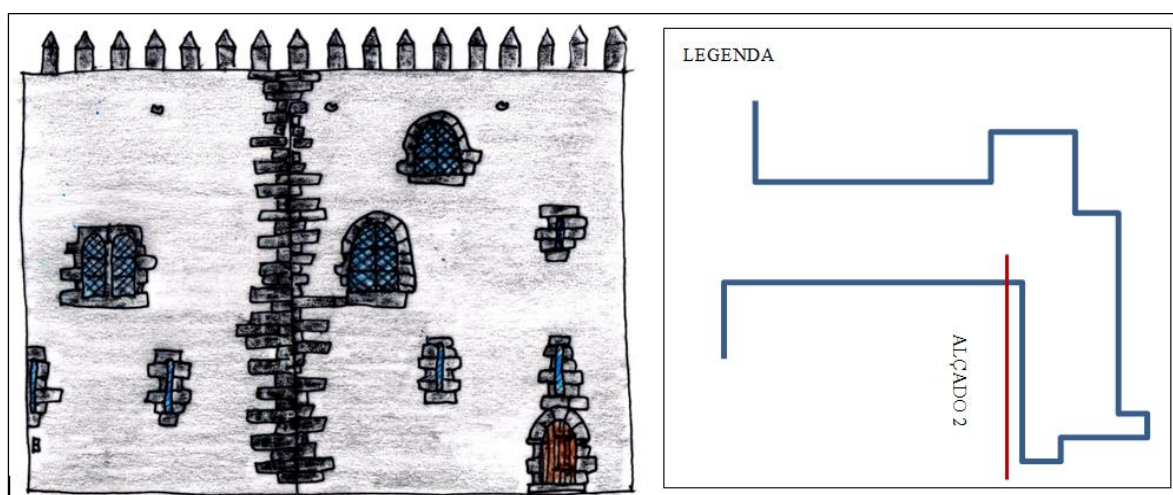


Figura 66: Corpo Medieval. Alçado nº 2. (Desenho do autor)

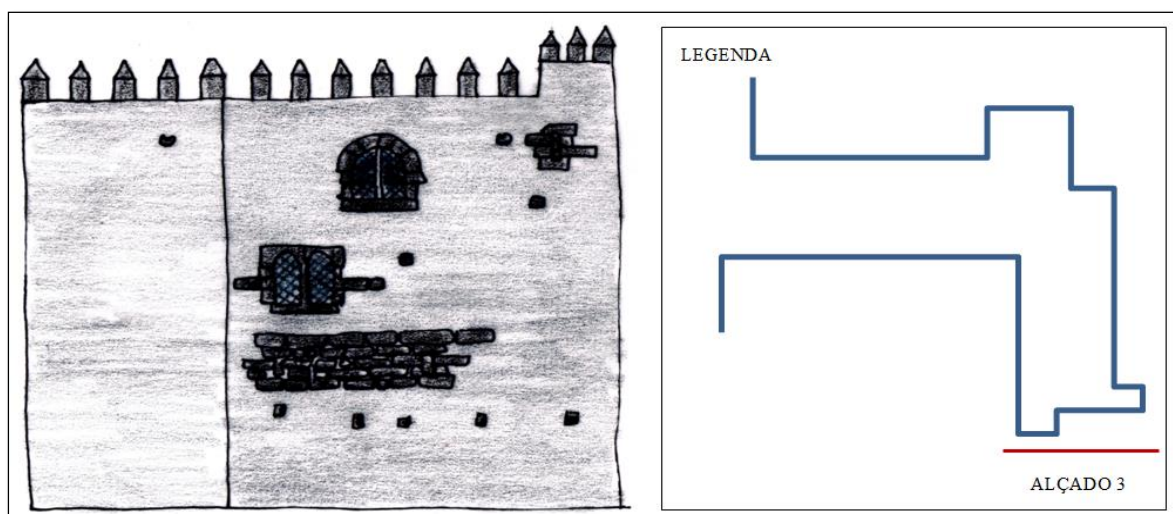


Figura 67: Corpo Medieval. Alçado nº 3. (Desenho do autor)

Corpo Medieval

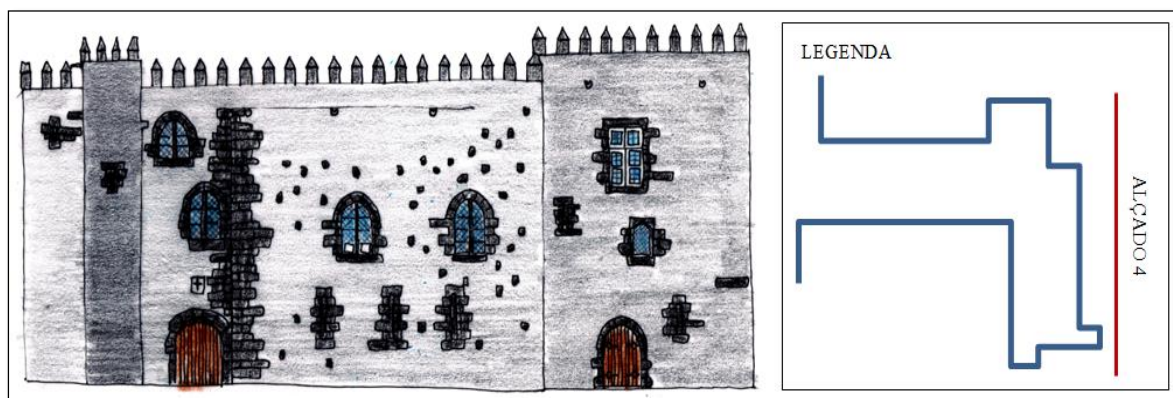


Figura 68: Corpo Medieval. Alçado nº 4. (Desenho do autor)

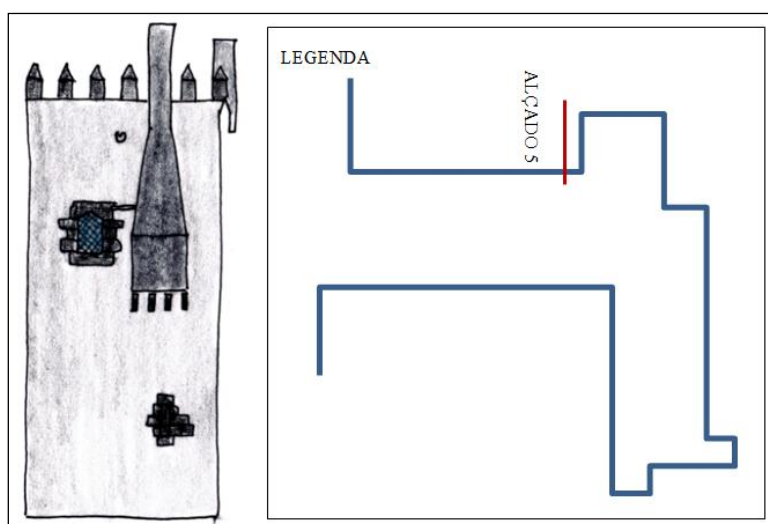


Figura 69: Corpo Medieval. Alçado nº 5. (Desenho do autor)

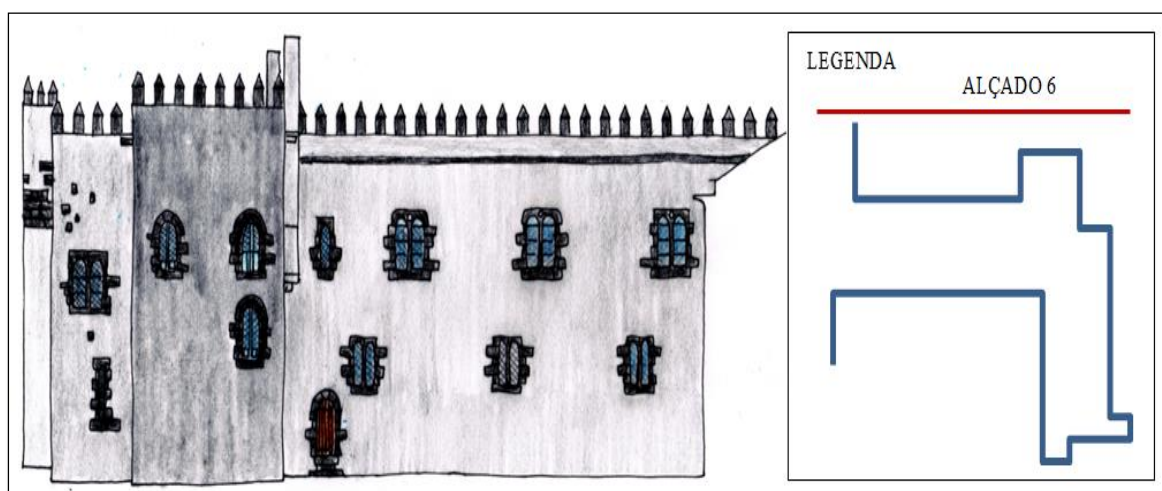


Figura 70: Corpo Medieval. Alçado nº 6. (Desenho do autor)

1.4 Levantamento Urbano /Análise interpretativa pessoal

O levantamento desenhado e fotográfico dos elementos relevantes do quarteirão Largo do Paço, são peças fundamentais para perceber o espaço urbano.

A figura abaixo identifica a rua Dr. Justino Cruz. A presente rua regista uma considerável afluência de pessoas, no centro histórico. A fluidez que proporciona fazem dela um caso particular, em Braga. Entre a densidade edificada e a oferta de espaços verdes, a rua D. Justino Cruz potencializa o comércio local. Com funções pedonais, como havíamos referido já, esta rua é um lugar de descanso e convívio para os passantes. Este desenho (figura 71), tem como intuito concretizar o ambiente urbano da cidade de Braga. Trata-se de uma artéria, no presente desenho, situada no quarteirão, precisamente na zona Este do Largo do Paço. Tem largura suficiente para dar capacidade de resposta às pessoas que lá transitam e, nas horas determinadas para o efeito, para cargas e descargas dos produtos comerciais. Assim sendo, oferece condições para as pessoas usufruírem de um bom ambiente urbano. Sendo uma rua apenas pedonal, como se vem a referir, a intenção é mesmo desviar o trânsito automóvel do centro histórico, quer por questões ambientais, quer para dinamizar o comércio tradicional. No entanto, o problema de falta de estacionamento gratuito, acaba por prejudicar o comércio tradicional.



Figura 71: Desenho de análise urbana. Rua Dr. Justino Cruz, Braga. (Desenho do autor)

Cada vez mais o comércio tradicional perde terreno para as grandes superfícies comerciais, onde o estacionamento automóvel é garantido e gratuito. Vem a propósito referir que muitas casas de comércio têm vindo a fazer acordo com parques privados do centro histórico, garantindo uma hora gratuita, quando as compras efetuadas assumem um dado montante. Facto que pode justificar, no caso da rua Dr. Justino Cruz, pareça haver condições e qualidade urbana para que as pessoas continuem a frequentar e dinamizar o centro histórico da cidade. É uma rua bem tratada e pensada para pessoas com mobilidade reduzida. Como vemos na figura 71 o declive não é acentuado e, em volta das árvores, estão fixados bancos de descanso para todos os cidadãos que queiram usufruir deles. Por diversas vezes, neste espaço, decorrem vários desfiles de moda, feiras artesanais e outros tipos de eventos, o que torna ainda a rua mais atrativa e frequentada. Este tipo de soluções são uma das estratégias usadas e programadas pela Associação Comercial do Minho, para dinamizar o comércio tradicional do centro histórico. Em relação à composição arquitetónica, no lado direito da imagem, como podemos observar, os edifícios fazem parte de uma arquitetura do século XIX, cuidada, obedecendo aos critérios de reabilitação que regulam os centros históricos. O lado oposto da rua, como é visível, permite uma arquitetura recente, moderna, que vai ao encontro das necessidades e funções dos edifícios.



Figura 72: Desenho análise urbana. Rua Dr. Justino Cruz, Braga. (Desenho do autor)



Figura 73: Desenho de análise urbana. Rua Eça de Queirós, Braga. (Desenho do autor)

A ilustração seguinte (figura 73) tem a particularidade de representar a profundidade da rua Eça de Queirós. Nunca é por demais relembrar que esta rua está apenas disponível a viaturas de moradores, cargas e descargas. Ao lado direito estão implementados os edifícios destinados à habitação e comércio. Do lado esquerdo a rua confronta com o jardim Santa Bárbara. Os edifícios de carácter habitacional, por norma, estão localizados no primeiro e segundo piso. Destinadas como funções ligadas ao comércio, estas verificam-se no rés-do-chão. Todavia, em alguns dos edifícios, o rés-do-chão é usado como garagem individual

A densidade da vegetação limita o espaço de transição entre o jardim e a rua. O declive algo acentuado dificulta, as pessoas de menor mobilidade a usufruir do percurso pedonal da rua. Talvez este seja um dos problemas da rua Eça de Queirós não seja das mais percorridas. Embora esta rua confronte com o nosso quarteirão, Largo do Paço, não tem destaque suficiente para que seja das mais visitadas. É também de referir que a rua Eça de Queirós não é das mais procuradas pela atividade comercial. Deve-se ao facto de ser uma rua com mais força habitacional do que comercial. Neste caso a preferência dos moradores é dar prioridade ao acesso automóvel ao invés do comércio local. Esta rua inserida no casco histórico, menos movimentada que as outras, na atualidade, ainda se pode estacionar perto das habitações.



Figura 74: Desenho da fonte de Santa Bárbara, Braga. (Desenho do autor)

A presente imagem (figura 74) assinala a fonte da Santa Bárbara²⁰ que está inserida no jardim com o mesmo nome (Jardim Santa Bárbara). A fonte remonta ao século XVII, propriedade do antigo convento dos Remédios, foi posta uma estátua de Santa Bárbara por cima da fonte, é daqui que surge o nome do jardim de Santa Bárbara. Este espaço preenchido de verde é considerado, por muitos, o “pulmão” do centro histórico da cidade. Um espaço agradável de se estar. No presente desenho há uma intenção clara de referenciar a fonte de Santa Bárbara como um elemento gerador daquele espaço. A posição da fonte no centro do jardim cria uma dinâmica em seu redor. O jardim de Santa Bárbara é um dos locais mais visitados e fotografados por todos os turistas que visitam a cidade.

²⁰ Em Outubro de 2008 atos de vandalismo fraturaram em 78 fragmentos a estátua de Santa Bárbara que encimava o chafariz. Foi restaurada, mas devido à fragilidade da peça, considerou-se desaconselhável que a escultura regressasse ao seu local, pois necessita de condições favoráveis à sua estabilidade física e estética, razão pela qual, será colocada no claustro do antigo Convento do Pópulo; Posteriormente foi mandada executar uma réplica em material durável, para colocar no chafariz de Santa Bárbara. Esta escultura que encimava o chafariz do Jardim de Santa Bárbara é, no entanto, proveniente do antigo Convento dos Remédios (demolido em inícios do século XX) e representa Santa Bárbara, virgem mártir do século III/IV), venerada na Igreja Católica Romana e na Igreja Ortodoxa. Terá nascido e vivido, supostamente, em Nicomedia, na Ásia Menor, proveniente de uma família pagã, foi decapitada pelo seu próprio pai após a sua conversão ao cristianismo, sendo este fulminado por um raio, daí ser invocada como protetora contra as tempestades. (Bracara, 2011)



Figura 75: Desenho urbano. Vista do Jardim Santa Bárbara (JSB), Braga. (Desenho do autor)

Este desenho (figura 75), tem como objetivo referenciar elementos construtivos de estilo gótico²¹ presentes no Jardim de Santa Bárbara. Na parte traseira do Largo do Paço, fica por realçar quatro arcos em ogiva que embelezam o local. Estes são exemplos, que ainda perduram, de elementos góticos que se escondem entre as traseiras do Largo do Paço, propriamente na zona mais baixa do Jardim Santa Bárbara. É de salientar o verde que se estende ao longo de todo o Jardim, tornando-o num espaço de excelência para se visitar e usufruir de uma ambiência particular, onde se registam memórias de elementos de características do gótico, no centro histórico.

Uma chamada de atenção para as janelas da fachada, que fazem parte da composição do alçado exposto para o Jardim Santa Bárbara, que se destacam pelos diferentes estilos arquitetónicos. A razão pela qual existe esta notoriedade deve-se ao facto de serem construídas em épocas diferentes, como foi usual acontecer nos mais variados edifícios distribuídos pela cidade.

²¹ Os vestígios materiais que sobreviveram da primeira fase construtiva do Paço, datados dos séculos XIV/XV, relacionam-se com o corpo gótico, a norte, no atual Jardim de Santa Bárbara. Este corpo constitui uma residência acastelada de planta em L, coroadas por cubelos ameados, sendo a fachada do nível térreo rasgada por frestas e, no primeiro andar, por janelas góticas. No jardim de Santa Bárbara, anexo a este sector medieval do Paço são visíveis ainda quatro amplos arcos góticos. (Ribeiro, 2008 p. 491)



Figura 76: Desenho do Jardim Santa Bárbara, Vista para o local de intervenção, Braga. (Desenho do autor)

A finalidade do presente desenho exposto na figura 76 é mostrar a barreira visual que está para além do muro. A densidade da arborização é elevada. Por um lado, é de enaltecer a ideia, sendo possível, assim, visualizar a degradação do edificado que está por detrás desta vegetação. Por outro lado, sente-se a necessidade de intervir neste local, em total degradação, que faz parte do centro histórico. A vegetação esconde a zona de intervenção que se propõe regenerar, no presente trabalho. Como podemos observar, a zona de intervenção tem a fachada principal para a Rua do Souto, e as traseiras para o Jardim Santa Bárbara. O edifício adjacente ao muro, recentemente reabilitado, tem uma arquitetura contemporânea. Em segundo plano, podemos ver uma torre²² que esteticamente se descontextualiza, devido à sua cércea ser a mais elevada de toda a envolvente do LP.

O Arquivo Distrital de Braga, representado de seguida na figura 77, tem como estilo arquitetónico o barroco, como já se referiu. Atualmente, mantém as funções de arquivo distrital, sob tutela da Universidade do Minho. Está virado a poente para a Rua da Misericórdia e a nascente para o corpo do LP da época medieval.

²² A presente torre é dos edifícios com altura mais elevada no centro histórico da cidade. Na atualidade tem como funções de serviços.

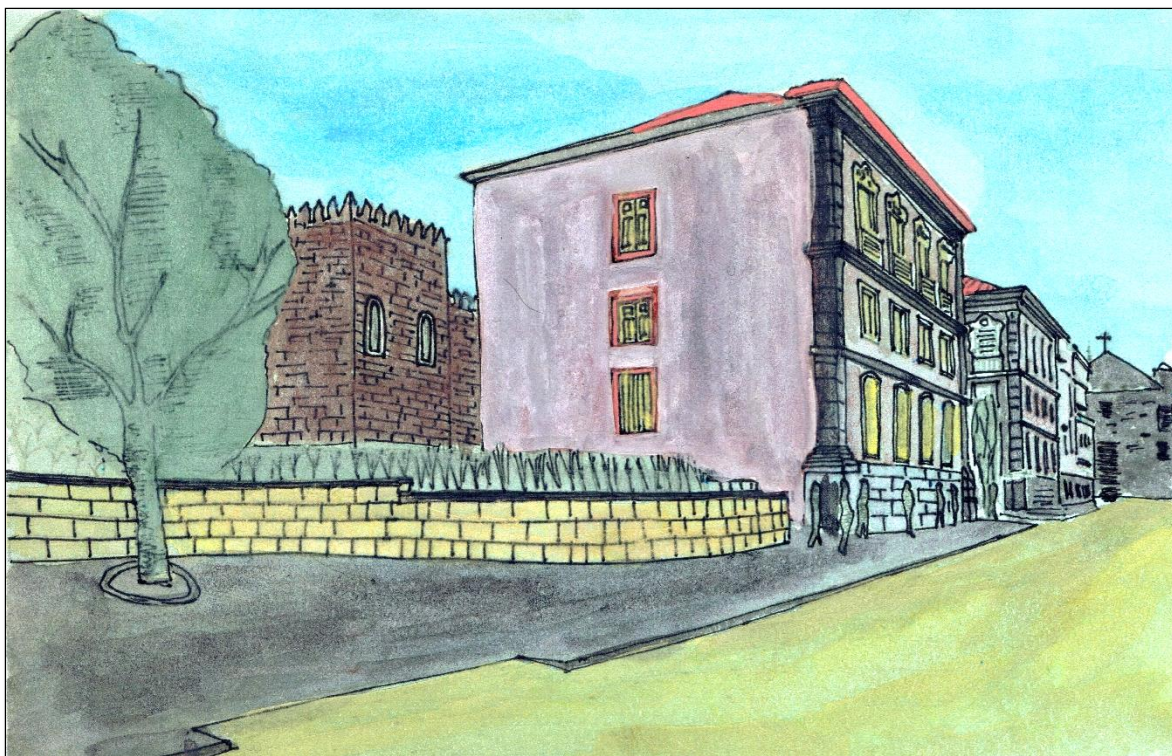


Figura 77: Desenho do arquivo distrital, Braga. (Desenho do autor)

A rua, ao contrário do que temos vindo a referir, está aberta ao trânsito automóvel. Como é visível, embora de reduzida na largura, mantendo a dificuldade de estacionamento

1.4.1 Diagnóstico do Centro histórico. Problemas analisados

No decorrer do tempo, as nossas cidades vão sendo vítimas da degradação progressiva das suas estruturas urbanas, fruto do abandono a que se foi assistindo, e na aposta da construção na periferia. Fenómeno que, como sabemos, se verificou em todos os centros urbanos, portugueses e estrangeiros, desde a segunda metade do século passado. É, indo um pouco mais atrás, dir-se-á que os centros históricos medievais começam a ser profundamente alterados ao tempo da Revolução industrial. Basta ver a proliferação de projetos de reorganização das cidades, no século XIX.

A cidade de Braga cada vez mais se depara com problemas de todo o tipo, quer sejam a nível de gestão do espaço urbano, problemas sociais, económicos, culturais, entre outros, quer a nível da implementação dos problemas relacionados com a revitalização do edificado. De facto, começa a ser uma preocupação determinar estratégias que, de certa forma, solucionem a falta de qualidade no nosso espaço urbano.

No dia 9 de novembro (2012), no elegante Salão Nobre da Associação Comercial de Braga, realizou-se uma conferência sobre a “Gestão do Espaço Público”. O objetivo foi discutir a gestão do espaço público da cidade de Braga. Este tipo de debate cria diversas oportunidades de conhecimento e proporciona um cruzamento de ideias que podem ser úteis à cidade, por sua vez, e úteis às pessoas que nela habitam. Neste mesmo debate, o arquiteto António Martins²³ referia a urgência em aproximar a cidade ao polo de Gualtar, da Universidade do Minho (distante do centro urbano). Na opinião, do arquiteto António Martins, foi uma falta de estratégia colocar a universidade do Minho na periferia, afastando os estudantes do centro histórico. Para o arquiteto, a presença dos universitários da universidade do Minho é uma mais-valia para o centro urbano. Um dos problemas, da não frequência dos estudantes da universidade no centro, é o facto de a circular urbana criar uma barreira física entre a zona onde vivem os universitários (Gualtar) e o centro de Braga. A distância do polo universitário ao casco histórico e a barreira física afastam os estudantes do centro.

Neste contexto, a cidade cresceu muito para leste. Concomitantemente, aí se instalou o Instituto Ibérico de Nanotecnologia, o novo Hospital, hotéis, restaurantes, farmácias, etc. De facto, o que se verifica na cidade de Braga é uma deslocação das instituições de interesse público para a periferia da cidade, criando novas centralidades. Todavia, o que potencializa o dinamismo à cidade são as pessoas. Quer isto dizer que se estão a praticar políticas de afastamento de serviços e das pessoas. Deste modo, o centro histórico vai perdendo poder cultural, económico, social e dinamismo. Como consequência, e relacionando o caso de estudo patente neste trabalho, o Largo do Paço, que faz parte do centro urbano, é também afetado por políticas de afastamento acima referidas.

Paolo Marcolin²⁴ dá como exemplo a cidade Italiana de Bolonha, designadamente nas medidas adotadas para “devolver a centralidade urbana e os cidadãos residentes”. As medidas praticadas nesta cidade foram essencialmente medidas estratégicas de

²³ Arquiteto António A. C. Martins - Arquitetos Associados Lda., Gabinete Big de Arquitetura com Sede em Braga, ESBAP (1978)

²⁴ Paolo Marcolin é professor arquiteto pelo Politécnico de Milão, mestre em Planeamento e Projeto do Ambiente Urbano pelas Faculdades de Arquitetura e de Engenharia da Universidade do Porto e Doutor pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

consolidação urbana. Interiorizando este conceito exemplar e inovador de Bolonha, pretende-se implementar no centro histórico e, por sua vez, no Largo do Paço medidas que promovam a coesão social e económica do centro histórico. O primeiro passo será explorar de que forma a gestão do espaço público poderá ser determinante para garantir as melhores opções urbanísticas e arquitetónicas, com a finalidade de assumir a coesão social, a promoção da cidadania, e a dimensão económica.

Especificando alguns dos problemas analisados no quarteirão Largo do Paço, importa aqui referir pormenores que devem ser corrigidos:

- A falta de comércio local com a venda de bens essenciais que satisfaçam as necessidades dos moradores do centro histórico
- A falta de comunicação e de informação sobre património arquitetónico, cultural e artístico
- A falta de segurança noturna
- Falta de valorização turística
- Falta de classificação a imóveis de interesse nacional, público e municipal

1.4.2 Estratégias de planeamento no quarteirão Largo do Paço

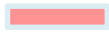
Nas últimas décadas, temos vindo a assistir a debates sobre estratégias de ordenamento do espaço urbano. É necessário investir nos centros históricos e criar condições para as pessoas que ambicionem habitar no centro da cidade. Para isso há que conceber estratégias de planeamento. Deve-se referir que, para dinamizar o centro histórico, todas as estratégias urbanas, abaixo expostas, devem ter em conta trazer as pessoas para a cidade com o intuito de promover o crescimento da economia local e o bem-estar das pessoas.



Figura 78 Quarteirão Largo do Paço: Proposta estratégica (Desenho do autor)

Edifícios com características funcionais: Rés-do-chão (comércio) piso seguintes destinado a serviços e habitação.

- Promover intervenções de reabilitação da habitação social pública
- Promover o mercado de arrendamento para atrair as pessoas
- Devolver residência à cidade
- Requalificar os seus valores patrimoniais
- Aposta no comércio tradicional, nas vendas de produtos essenciais que vá ao encontro das necessidades das pessoas



Edifícios de elevada importância histórica e arquitetónica

- Potenciar e dinamizar a oferta cultural
- Valorizar o centro histórico enquanto bem urbanístico

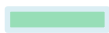


Estrutura da área pedonal

- Aumentar área pedonal nos centros históricos promovendo iluminação suficiente para segurança noturna
- Inserção de mobiliário urbano ajustado às características do local. (bancos em zonas de descanso)
- Promoção de esplanadas ajustadas ao centro histórico



A. . Criar pontos de informação (painéis eletrónicos) para a divulgação do património cultural, arquitetónico e artístico da cidade de Braga



Edifício em estado devoluto. O Salão Egípcio (caso de estudo)

- Reabilitação do edifício.
- Atribuir a classificação de interesse municipal a este edifício Salão Egípcio
- Atribuir ao edifício a função de “*urban center*”. Posto de apoio ao turismo.

1.5 Regeneração dos Centros Históricos, (caso similar de estudo)

Atualmente existe a vontade de conservar as memórias do passado das cidades. Basta ver a legislação produzida sobre o assunto, entre 2007e 2011. A sociedade do século XXI começa a dar mais importância às suas origens. Um conjunto de interrogações (onde, quando, como e porquê) interioriza-se no íntimo da pessoa e surge a necessidade de haver respostas para que se expliquem essas interrogações. É neste contexto que nos parece ser de elevado interesse, referenciar a importância de preservar a memória histórica das cidades, tornando-as em património vivo. Para dar resposta a determinadas questões, tem de haver vontade de preservar e estudar tudo o que representa a história, sejam eles os documentos escritos, gráficos, cartográficos e iconográficos, património arquitetónico etc. Nesta diretriz, o centro histórico assume-se pela grande oferta histórica e patrimonial, o que se revela como casos de estudo para perceber o desenvolvimento da cidade. Por norma, é nos centro históricos que estão os mais emblemáticos edifícios. A cidade cresce a partir de um núcleo urbano. É neste núcleo urbano que o nosso local de intervenção se localiza. Logo, teremos oportunidade de fazer uma breve síntese da evolução histórica, focalizada no quarteirão do Largo do Paço, para perceber a sua evolução e morfológica.

Leonardo Benevolo refere que, partir do Séc. XV, os teóricos da arquitetura descrevem-na como “uma ciência que dentro dela estão compreendidas todas as técnicas capazes de modificar o ambiente da vida humana; as mais completas enumerações dessas técnicas encontram-se publicadas no tratado de Alberti”. (Benevolo, 2006 p. 768). Certamente que o ambiente urbano deve ser desenvolvido segundo as matrizes que promovam o bem-estar da sociedade. Algumas dessas matrizes estão descritas nos tratados da arquitetura, todavia, inerentes aos tratados de arquitetura, o crescimento urbano desenvolve-se segundo: as tradições de um povo; a cultura do povo; a sua história; as características do local, entre muitas outras. No entanto, como introdução à tipologia de desenvolvimento urbano, no presente capítulo, vamo-nos centrar no seu desenvolvimento a partir dos centros históricos. As cidades europeias, na maior parte dos casos, concentram no núcleo urbano o património que dá a identidade única e faz referência ao desenvolvimento

morfológico da própria cidade. Nos centros históricos, por norma, estão localizados os edifícios e as praças mais importantes da cidade, tais como: o castelo, as igrejas, os palácios, as casas nobres, edifícios públicos etc. No nosso caso de estudo (quarteirão LP e sua envolvente próxima) podemos identificar uma grande quantidade de património histórico e arquitetónico. Quer isto dizer que a cidade de Braga teve algum cuidado para não permitir novas construções no casco histórico. Salvo uma exceção, que é uma torre altíssima que fica ao lado do centro comercial Santa Bárbara, localizada na rua Dr. Justino Cruz, a nascente do LP. De facto, este edifício é um elemento dissonante inserido no núcleo urbano da cidade. “Estas construções episódicas ocupam muitas vezes o lugar de honra; os monumentos servem de pano de fundo às ruas modernas, as torres das igrejas dominam ainda o perfil da cidade, competindo com os arranha-céus”. (Benevolo, 2006 p. 73).

As razões pelas quais se debatem, na atualidade, políticas de preservação dos centros históricos, têm como objetivo evitar este tipo de situação. Pois a continuidade da má gestão e do uso do solo na zona histórica, acentuam o contraste entre a cidade antiga, que vai desaparecendo, e a cidade construída de raiz.

No entanto, como exemplo de estudo da evolução morfológica dos núcleos históricos de outras cidades, temos o conhecimento de casos que tiveram sucesso na Europa e que servem de exemplo da preservação e conservação dos centros históricos. Nomeadamente: a cidade de Bolonha, Lovaina, Veneza, entre outras, que foram poupadas pelas construções modernas, mantendo o centro histórico praticamente intacto e coeso.

1.5.1 Caso de Bolonha:

A cidade de Bolonha (figura 79) está localizada no norte de Itália. De origem romana, o traço da cidade revê-se numa matriz urbana onde as ruas são configuradas com quadras similares à malha urbana do centro histórico de Braga, como podemos observar na Figura 7 anteriormente referida. À semelhança de outras cidades, Bolonha era cercada pelas muralhas que envolvia o atual núcleo urbano. É também no centro histórico que se concentra o património, histórico e arquitetónico, mais importante da cidade.



Figura 79: Centro histórico de Bolonha 1588, Braun and Hogenberg, (TGN, 2003)

Acima ilustrada, a figura 79 representa a cidade de Bolonha no ano de 1588. A partir do casco histórico, rasgaram-se as ruas que configuram a cidade, que ainda hoje definem a atual malha urbana. As muralhas antigas, percorridas pelos pórticos de acesso à cidade, protegiam-na dos possíveis invasores, ao tempo, oferecendo segurança às pessoas que habitavam nos intramuros.

O núcleo histórico de Bolonha é um exemplo onde foram aplicadas políticas de conservação e preservação do património no centro histórico. Como cita Benevolo “ O centro histórico destas cidades é um organismo unitário e bem distinto da coroa dos bairros periféricos; a rede das estradas ainda corresponde ainda em parte à antiga” (Benevolo, 2006 p. 75)

Bolonha serve como modelo de preservação e conservação do centro histórico devido ao plano de estudo executado com o objetivo de regenerar o casco histórico da cidade. Anterior à data do estudo, Bolonha, à semelhança de outras cidades europeias, teve deficiências no crescimento urbano, devido aos interesses económicos que se sobrepuseram aos interesses da salvaguarda do património histórico e arquitetónico.

Deste modo, a falta de políticas urbanas de preservação e conservação da cidade, leva a uma equipa de especialistas a fazer um estudo pormenorizado para determinar as estratégias de reabilitação da cidade.

“A cidade possuía então graves problemas estruturais decorrentes de um crescimento acelerado no início do século XX e de políticas urbanas que não levaram em consideração as características próprias da cidade, como seu valioso centro histórico e sua configuração radial. Em 1969, depois de extensa pesquisa, a administração pública da cidade de Bologna aprovou o plano para o centro histórico e foi este plano, juntamente com planos sucessivos para financiamentos de casas populares no centro de Bologna, o responsável pela recuperação do núcleo histórico da cidade.

O plano de Bologna está alicerçado em dois pontos principais: a cuidadosa pesquisa histórica e a participação da população em todo o processo. A primeira etapa foi o levantamento histórico-tipológico da cidade e de todas as construções do centro histórico. Durante três anos, uma equipe formada por 35 técnicos coletou as informações. Foram obtidos, em arquivos públicos e nos arquivos do Vaticano, mais de 90% das plantas das construções originais da cidade, principalmente as do século XVIII.” (Dias, 2005 p. 43)

O plano de estudo de Bolonha vai ao encontro das necessidades da cidade e das pessoas que nela habitam. “A participação da comunidade, através das comissões urbanísticas de bairro (formadas por cerca de 20 pessoas eleitas pelo concelho de bairro) foi fundamental para o sucesso do trabalho”. (Dias, 2005 p. 43) A pertinência de colocar as pessoas no papel de estruturadores da cidade resolve os problemas contemporâneos com que a cidade se depara e ajuda a colmatar as deficiências da própria cidade. “Resolver os problemas da cidade e dos cidadãos” (Regina, 1982 p. 48).

Neste contexto, por um lado, a profunda pesquisa histórica, e por outro, a participação da comunidade, foram responsáveis contributos válidos para o sucesso do plano estruturador de Bolonha, no que diz respeito à conservação e preservação do casco histórico da cidade.



Figura 80: Centro histórico de Bolonha. À esq. San Pietro. À dir. universidade de Bolonha. (Beta, 2009)

Assim, o plano de intervenção para a cidade de Bolonha, como refere Adriana Dias, tinha como objetivos as seguintes estratégias:

- Preservar o Centro Histórico da destruição;
- Integrar os patrimónios artísticos, históricos e culturais no contexto social e económico do território, confiando-lhe papel ativo e compatível;
- Descentralizar todos os geradores artificiais de concentração urbana, criando novas áreas de desenvolvimento terciário, externas ao núcleo histórico, restituindo à cidade antiga sua eficiência funcional intrínseca;
- Dotar o centro histórico de todos os equipamentos urbanos modernos;
- Determinar o uso de algumas vias somente para pedestres, por serem estas incompatíveis com o tráfego de veículos. (Dias, 2005 p. 45)

Dentro destas matrizes, a cidade de Bolonha estabelece um plano exemplar de revitalização do centro histórico, que pode servir de exemplo para outras cidade da Europa e, nomeadamente, a cidade de Braga, tema do caso de estudo.

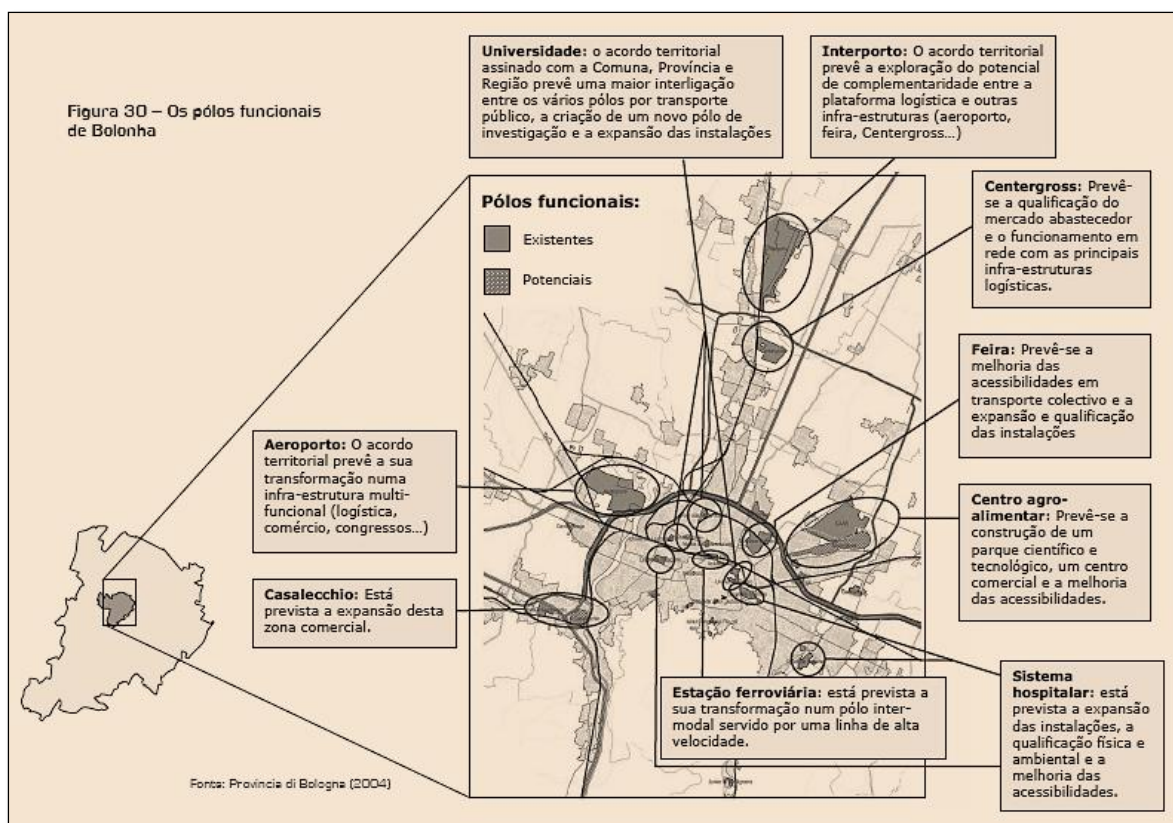


Figura 81: Polos funcionais de Bolonha (Azenha, 2006)

“Para além dos polos funcionais, existem outros “âmbitos homogéneos” relativamente aos quais é atribuído à Província, através do PCTP, um papel determinante na respetiva requalificação. É o caso das zonas empresariais cujos efeitos sociais, territoriais e ambientais ultrapassam os limites do município onde estão localizadas.” (Azenha, 2006)

A cidade de Bolonha centra-se na coesão urbana aprovando iniciativas estratégicas nas infraestruturas dos polos funcionais com o incentivo de dinamizar os espaços urbanos, oferecendo uma identidade histórica, que permanece na memória das pessoas. Na atualidade, Bolonha é uma das cidades mais desenvolvidas de Itália. Com bons acessos, onde facilmente se pode chegar de comboio ou de carro à cidade e uma boa localização geográfica: relativamente perto de Roma, Veneza e Florença, Bolonha fica num ponto estratégico para ser uma das cidades mais visitadas da Europa. Deste modo, o plano de Bolonha serve como exemplo inovador no que diz respeito à preservação e conservação do património histórico e arquitetónico. Pode ser considerado um exemplo a seguir na Europa ou mesmo um exemplo a seguir no nosso caso de estudo.

CAPÍTULO 2

2 SALÃO EGÍPCIO ESPAÇO DINAMIZADOR DO TURISMO NO CENTRO HISTÓRICO

O objetivo do presente trabalho é apostar na regeneração urbana de Braga através da requalificação arquitetónica de edifícios situados em pleno centro histórico. A proposta permitirá tornar o edifício apto a albergar obras de cariz social, de forma a dotar a cidade de um maior número de soluções e de ofertas turísticas dentro deste âmbito que é a reabilitação urbana. O conceito assenta fundamentalmente na requalificação e melhoramento de espaços e funcionalidades, preservando a traça primitiva dos edifícios bem como a lógica original dos seus espaços, visto estarem inseridos, em pleno centro histórico. Para além da finalidade social, o objetivo passa também por fortalecer o capital económico da cidade, como base de estruturação de uma sociedade mais equilibrada e justa. Neste caso, é proposta a reabilitação do edifício que se situa na parte sul do quarteirão, inserido no casco histórico da cidade de Braga. O programa a idealizar, numa primeira fase, foi colmatar o quarteirão, dando-lhe uma maior dinâmica, atribuindo-lhe o mesmo carácter histórico. Numa segunda fase, o objetivo é requalificar um edifício que está devoluto no quarteirão. A requalificação deste edifício é a única “peça” que falta no puzzle para que este seja um bom exemplo urbano, no casco da cidade. O local de estudo (Braga), é conhecido pelo quarteirão do Largo do Paço. Relativamente à obra de reabilitação/reconstrução, esta fica na rua do Souto, a que foi atribuído o número de polícia 9. O edifício pode não ser algo que historicamente tenha uma cronologia antiga. Contudo, a sua riqueza artística e decorativa são singulares em Braga. Espera-se que haja uma vontade de proteger e dar a conhecer este património aos bracarenses e fazer daquele sítio um *ex-libris* turístico. Essa é a razão pela qual me leva a reabilitar o edifício em questão.



Figura 82: Tardoz do edifício a reabilitar. (Foto do autor)



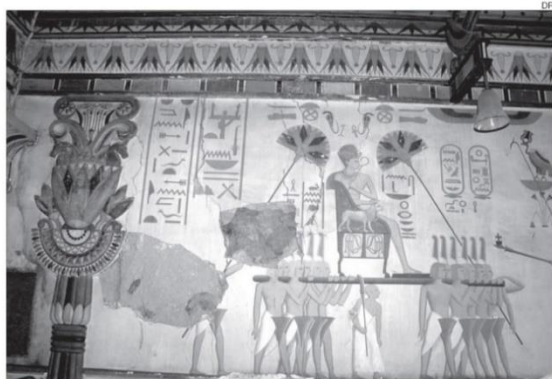
Figura 83: Ortofotomapa da localização do edifício a reabilitar (Google Earth)

Local de intervenção: Largo do Paço

Referência ao edifício a reabilitar



Figura 84: Logradouro do edifício a reabilitar. (Foto do autor)



Uma centena de pessoas visitou e pediu preservação deste património de Braga

Salão Egípcio exige intervenção preventiva

edifício terá que conservar as gravuras egípcias do salão, que foi local de encontro e de cultura, tendo sido sede do Sindicato do Comércio.

A "reabertura de portas" era «um momento muito aguardado» pelos defensores do património bracarense, pois pretendiam poder avaliar o estado deste local, que não está classificado patrimonialmente, porque não mereceu a atribuição de qualquer distinção nacional, enquanto a nível local a Câmara e a Assembleia Municipal recusaram a sua classificação. A proeza coube a Fernando Mendes e Leonardo Rodrigues, que conseguiram autorização da imobiliária para visitar o espaço, ao que acorreram largas dezenas de pessoas.

«É um espaço único e

algumas pinturas estão a cair aos bocados, devido às grandes infiltrações de que é alvo», testemunhou Ricardo Silva, coordenador da Jovemcoop, uma associação de defesa do património e da natureza, que se associou à iniciativa. «Muitas pessoas ainda não conheciam o Salão Egípcio, pelo que, no final, agradeceram a oportunidade de verem de perto este ícone bracarense, que corre o risco de não ser salvo a tempo, se não houver uma intervenção cautelar», apontou.

Depois de ter constatado o estado de degradação avançado em que se encontra o espaço, o arqueólogo Ricardo Silva não

que estanque a maior parte da chuva e humidade, que já está a fazer saltar o reboco das pinturas egípcias, bem como o gesso dos tetos», defendeu, em declarações ao *Diário do Minho*.

Património do Salão Egípcio exige medidas preventivas para não continuar a cair aos bocados

O líder da Jovemcoop frisou que «o património é aquilo com que nos identificamos», pelo que «não faltam bracarenses a reconhecer a importância deste salão e muitos mais o defenderiam se o conhecessem». O Bar Egípcio – projetado por José Faria Barbosa e pintado por Lúcio Fânzeres, em 1937, explorando temas faraónicos e empregando grafismo simbólicos dos hieróglifos. Trata-se de um espaço, que desde 1915 foi a

Figura 85 Exposição do Salão Egípcio no Diário do Minho (Salão Egípcio exige intervenção preventiva, 2013)

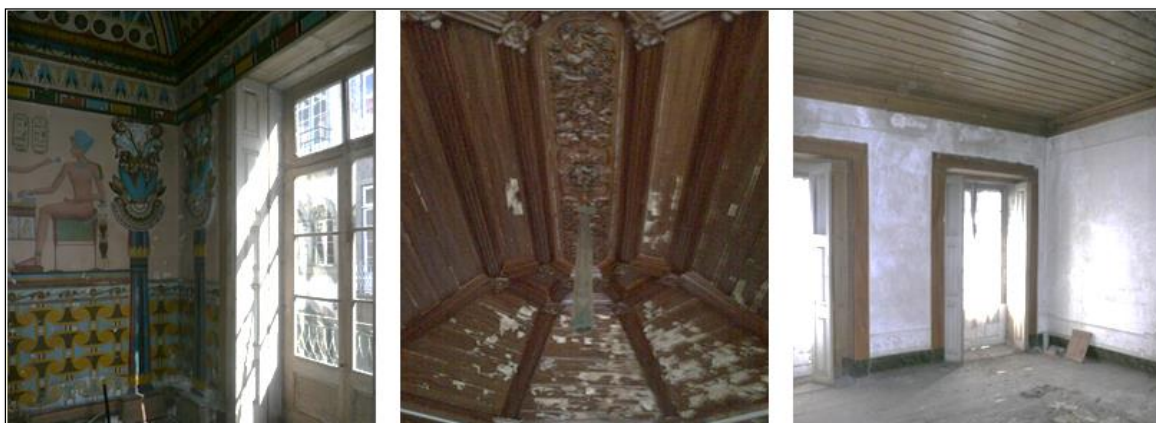


Figura 86: À esq. Sala egípcia, Ao centro Sala nº 1 À Dir. Sala nº2. (Mendes, 2013)

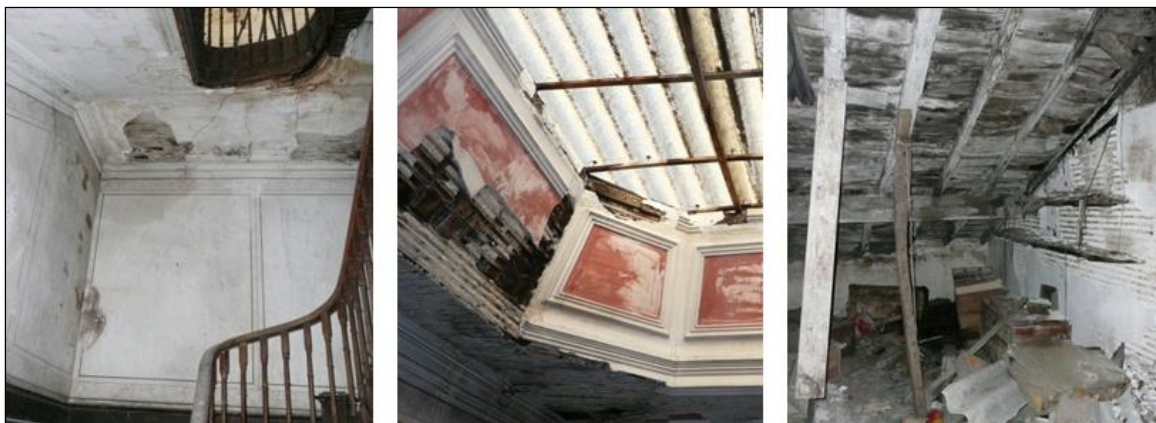


Figura 87: À esq Acesso verticais, Ao centro claraboia À dir. cobertura. (Mendes, 2013)



Figura 88: À esq edifício "Bar Egípcio". À dir. entrada do edifício (porta nº 9) 2012. (Foto do autor)

2.1 Levantamento histórico do edifício Salão Egípcio

A reabilitação da obra em causa pressupõe a intervenção num palacete urbano de características barrocas, datado do século XVIII, com a particularidade de, no seu interior, possuir uma divisão com uma decoração muito peculiar, popularmente designada por Salão Egípcio. Localizado no 1º andar, da rua do Souto, com porta nº 9, este edifício tem pinturas que são excelentes exemplares de memória do passado.

Inaugurado em 1937, o edifício Bar Egípcio foi projetado por José Faria Barbosa e pelo decorador António Alvim Braga. A vocação habitacional de cariz senhorial do edifício foi ao longo dos anos substituída por outras atividades, seja de índole comercial ao nível do rés-do-chão (Figura 88, casa das Louças) seja posteriormente serviços, no piso intermédio, ficando a parte habitacional deportada para o piso superior e cobertura.

Este edifício albergou durante algum tempo a sede do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Minho. Mais recentemente, em meados dos anos 90 do Séc. XX realizaram-

se aqui algumas sessões públicas de Poesia, sendo a última função atribuída ao edifício. Em 1996 o imóvel é posto ao abandono.

2.1.1 Cronologia do Bar Egípcio.

A presente cronologia, abaixo referida, deste admirável espaço é baseada na documentação exposta na exposição fotográfica, intitulada por: PRESERVAR E REVIVER É CONSERVAR A MEMÓRIA DE BRAGA. Esta exposição foi realizada em janeiro de 2013 por Fernando Mendes e Luís Machado.

1890- Em Abril foram aprovados os estatutos da Associação, constituída por 43 membros.

1900- Criada a Associação de Classe Comercial- inicialmente conjunta, comerciantes e empregados.

1936- Foi efetuado o baile de Aleluia, que teve sucesso, no Salão Egípcio em que se destacava a decoração concebida pelo artista bracarense Lúcio Teixeira Fânzeres, integrando desenhos, hieróglifos e símbolos egípcios de António Alvim Braga.

1940- Foi na década de quarenta, no salão egípcio que António Maria Santos da Cunha, presidente do sindicato, emitiu senhas de racionamento aos viajantes, devido à falta de combustível na época da II Guerra Mundial.

O salão egípcio celebrava anualmente os seus aniversários organizando eventos de variedades e muita animação. Este salão único no País, com um mobiliário apropriado e feito especificamente para o local que, durante a estadia do Sindicato, por largas dezenas de anos, sempre foi aberto aos turistas e visitantes, o que deixou de ser possível desde a apropriação por entidades privadas do imóvel.

Em 2005, o extinto IPAR recomendou à Câmara de Braga a sua classificação como imóvel de interesse municipal por se encontrara na área de proteção do centro histórico, ao que esta não acede, sustentando não ser necessário, por dispor já tutela legal adequada, nada promovendo no sentido da sua preservação. Após árdua luta, a Direção do Sindicato conseguiu na Câmara, em abril de 2007, a garantia da sua proteção e a guarda do seu mobiliário único. Falta em tudo isto uma vigorosa defesa do património ainda existente.

Atualmente o Salão Egípcio encontra-se transformado numa espécie de túmulo, o que não é aceitável com um dos mais antigos exemplares do Património Cultural da cidade de Braga. Os últimos eventos trazem, aliás, uma grande vontade de destruir o que resta do edifício, o que é inaceitável, pela memória e respeito pela história da nossa cidade. (Mendes, 2013)

Devido ao seu interesse peculiar, o Salão Egípcio está dotado de várias gravuras de cariz mitológico e simbólico. Estas gravuras são do autor Lúcio Fânzeres, que também é autor da perda decoração do antigo café oriental, sito no largo do Toural em Guimarães.

Esquema da localização das ilustrações segundo a área da sala (55 m2)

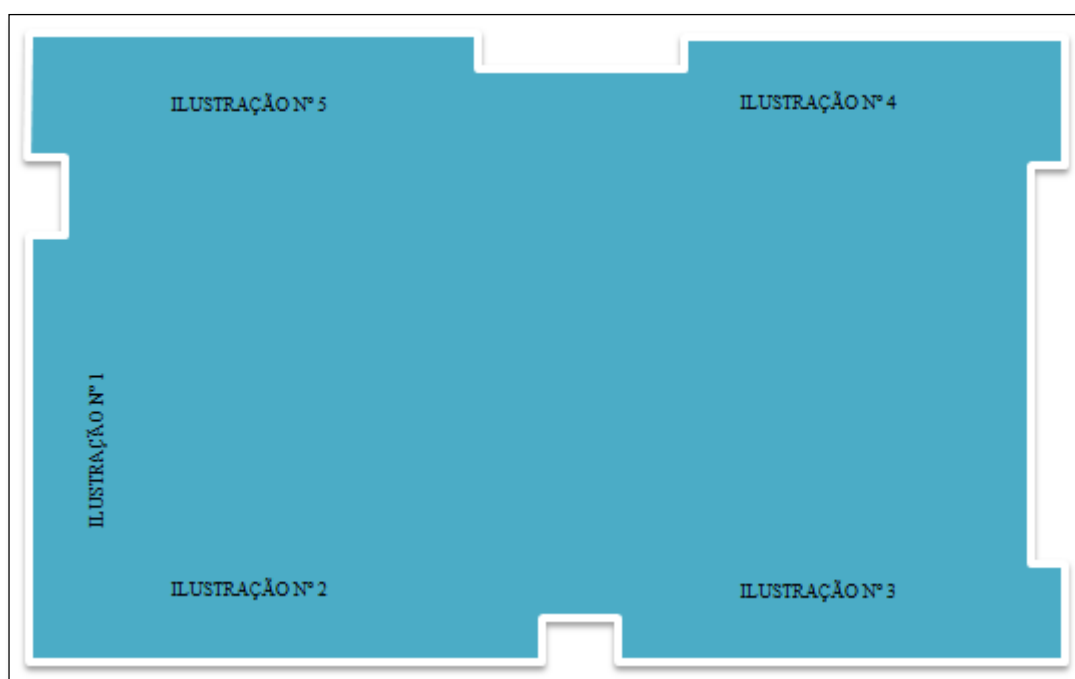


Figura 89: Esquema da localização das ilustrações egípcias. (Esquema do autor)

Interpretação das Ilustrações que fazem referência à cultura egípcia (deuses/faraós²⁵)

²⁵ Faraó é um termo derivado do egípcio *per-aa*, que significa “casa grande” e que servia para referir, desde os tempos mais remotos, o palácio real com os seus habitantes, isto é, a corte. A partir da XVIII dinastia passou a designar a pessoa do rei, sendo mais tarde utilizado como título soberano. (Regine Schuldz, 2001 p. 515)

Ilustração nº 1



Figura 90: Troca de oferendas entre os deuses Khum e Amun. (Mendes, 2013)

Exposição artística e simbólica das pinturas murais expostas no interior do Bar Egípcio

A decodificação das ilustrações, inseridas no interior do edifício, nas paredes do bar egípcio, estão comentadas pelo autor (José Macedo) baseadas na interpretação da bibliografia citada. É de referir que a pesquisa bibliográfica foi importante para atribuir a interpretação dos factos. Devo lembrar que esta é uma proposta pessoal, onde a comparação com outros tipos de ilustrações²⁶ servem de referências às conclusões obtidas. A presente Figura 90 representa a ilustração nº 1 localizada no esquema (Figura 89) anteriormente referido. Este cenário mostra-nos a troca de prendas entre os deuses Khum²⁷ e Amom.²⁸

²⁶ Através das bibliografias citadas: (Regine Schuldz, 2001) e (Giulia Marrucchi, 2006) foram comparadas as suas ilustrações com as do bar egípcio. Deste modo, permitiu-nos identificar as figuras presentes no Bar e chegar às conclusões conseguidas.

²⁷ O seu nome significa "o modelador". *Khnum*: deus originário da ilha Elefantina, representado como carneiro, e assim criador; é, em particular, o deus que forma os nascituros da roda do oleiro. (Giulia Marrucchi, 2006 p. 354)

²⁸ *Amon-Rá* ou *Ré* vem da origem de *Amon*, deus representado quase sempre na forma humana com duas plumas altas na cabeça, não é fácil de descortinar. A sua importância aumenta com a ascensão da nobreza

Ilustração nº 2



Figura 91: Alusão às batalhas. (Mendes, 2013)

Com o olhar atento de Rá, onde habitualmente o olhar de Rá era representado na forma de um homem encimada pelo disco solar e pelo Uraeus²⁹ (serpente sagrada que cuspiu fogo, destruindo desta forma os inimigos do deus) Na compreensão desta figura, os deuses simbolizam a paz e harmonia entre si. Esta imagem simbólica pode ser descrita como uma alusão à fertilização das colheitas e à importância do Rio Nilo para a sobrevivência do povo. Conhecido também como símbolo da vida eterna, as cruzes Ankh³⁰ fazem parte da ilustração acima referida. Os egípcios a usavam para indicar a vida após a morte.

A referência a este tipo de ilustração (Figura 91) tem como objetivo de descrever um povo corajoso das batalhas travadas em prol do império Egípcio. Quanto maior for a robustez militar de um povo maior é a estrutura do seu império. É muito comum encontrar este

originária de Tebas; assume rapidamente características de divindade nacional, assimilando-se ao deus principal do Egito, o Sol, na forma de *Amom Ré*. (Giulia Marrucchi, 2006 p. 354)

²⁹ *Uraeus* Denominação do diadema em forma de serpente sagrada que caracteriza o soberano do Egito; é identificado como deusa cobra *Uadjit* do baixo Egito. O nome da forma grega deriva de um dos muitos epítetos do emblema real, possivelmente de *lâret*, “a serpente que se ergue” (Giulia Marrucchi, 2006 p. 355)

³⁰ Ankh — Signo da vida representado por um cordel atado que adota a forma de uma cruz ansata. Esse símbolo é muitas vezes carregado pelas divindades sob a forma de um amuleto que simboliza o sopro da vida. (Netto, 1998).

tipo de ilustrações que descreviam, através das representações, combates importantes do império Egípcio e que posteriormente eram registados neste tipo de iconografia. É muito comum as pinturas murais representarem cenas alusivas à guerra. Neste caso em particular, no bar Egípcio, o autor da presente ilustração (Lúcio Fânzeres) quer passar a imagem da guerra, da coragem, da ambição, do poder, sobretudo da luta de um povo em busca dos seus ideais.

Ilustração nº 3



Figura 92: Faraó trajando o “Kheprech”. (Mendes, 2013)

Na presente figura, o faraó traja com o “Kheprech”³¹ no momento em que se dá uma troca de prendas. O uso do “Kheprech” simboliza a vivência de momentos de guerra.

³¹ “Kheprech”: Durante as batalhas ou por ocasião de cerimônias militares, o rei usava uma Coroa Azul de Guerra (*kheprech*), que surgiu no fim do Segundo Período Intermediário. Ela ficou assim conhecida

Esta vestimenta era usada nas cerimónias militares que antecedia as batalhas, quando o povo egípcio estava em guerra. Na presente pintura mural, simbolicamente aparece uma figura suportando flores de lótus³² na cabeça da figura que está em frente ao Faraó. Relacionando a ilustração 3 com a ilustração 4, verificamos semelhanças entre os protagonistas. No entanto, o autor aqui pretende, com os mesmos protagonistas contar histórias diferentes.

Ilustração nº 4



Figura 93: Jogo do “Senet”. (Mendes, 2013)

principalmente porque Ramsés II (c.1290 a 1224), em seus relevos de cenas de batalhas, sempre se fez retratar com ela na cabeça. Era um barrete com aparência de capacete e saliências nas laterais, confeccionado de tecido adornado com discos dourados. (Netto, 1998)

³² Flor de *Lótus*: Existiam duas espécies de Lotus no Egito A Branca e a Azul (...) de acordo com o mito hermopolitano, o lótus gigante surgiu as águas primordiais e dele surgiu o sol. O conceito do jovem deus sol como uma criança sobre a flor de lótus (...) Como símbolo do renascimento a flor de lótus também estava associado à imagem do culto funerário. Os quatro filhos de Hórus são, às vezes, mostrados sobre a flor. Era a planta heráldica do alto Egito

A ilustração acima referida (Figura 93) quer evidenciar o convívio do Faraó através do jogo denominado por “Senet”³³. É muito vulgar encontrar representações de pessoas jogando o “Senet”, um jogo muito popular e está associado à estratégia e à cultura egípcia.

O Faraó usa o Kheprech (coroa cerimonial de tonalidade Azul fronteadada por uma serpente Uraeus, usada frequentemente em batalha ou em cerimónia). O Faraó é levado por um grupo de “guerreiros” usando ornamentos em penas (em honra da Maat³⁴ deusa da verdade, justiça, harmonia e equilíbrio da terra).

Ilustração nº 5



Figura 94: Cerimónia alusiva às batalhas que antecede a guerra. (Mendes, 2013)

³³ O *Senet* documentado desde o período Protodinástico, através de representações pictóricas e achados arqueológicos, este jogo de tabuleiro para duas pessoas foi muito apreciado ao longo da história do Egito. Tinha um significado religioso, pois a evolução das peças era comparada ao percurso do morto no Além e a vitória no jogo garantia o renascimento do defunto. (Regine Schuldz, 2001 p. 520)

³⁴ *Maat* ou *Maet*: “verdade” ou “justiça”, o nome da deusa indica o conceito de ordem universal estabelecido pelos deuses. Na escrita é representado pela pena de avestruz, que se lê “*Maet*”; daí que a imagem da deusa a use como o emblema na cabeça. (Giulia Marrucchi, 2006 p. 354). *Maat*: O conceito de *Maat* representava o princípio do mundo organizado, ou seja, a ordem e o equilíbrio, os valores éticos e a justiça, a cultura e a força criadora. (Regine Schuldz, 2001 p. 522)

É visível, na anterior Figura 94, um homem vestido todo de branco, apontando um bastão para o Faraó, representando Ptah,³⁵ deus dos artífices. O animal representado na pintura mural, que se faz acompanhar ao lado do Faraó representa a deusa Bastet,³⁶ Era mencionada como uma deusa protetora, adorada em todo o Egito. Por vezes o aparecimento deste animal ao lado do Faraó servia como um amuleto para dar sorte durante o percurso das batalhas. Os hieróglifos, sendo dos métodos mais antigos da escrita egípcia, acompanham todas as pinturas murais no salão egípcio

Sumula de elementos simbólicos presentes no bar Egípcio invocados nas ilustrações acima referidas:



Figura 95: Deuses ilustrados no Bar Egípcio: Maat, Ptah, Amom, Bastet e Khnum. (Netto, 1998)

³⁵ Na mitologia egípcia *Ptah*, é o deus criador e divindade patrona da cidade de Mênfis. É um construtor. Nas artes, é representado como um homem mumificado com as mãos segurando um cetro (ceptró) *Ptah*: divindade originária de Mênfis; deus criador e protetor dos artesãos e artistas, representado sempre em forma humana e com barba real. (Giulia Marrucchi, 2006 p. 355)

³⁶ *Bastet*: deusa gata, ligada ao seu lugar de culto principal, a cidade de *Bubastis*; originalmente uma leoa, tornou-se mais tarde no aspeto pacífico da perigosa *Sekhmet*. Foi adotada pelos Gregos como Afrodite. (Giulia Marrucchi, 2006 p. 345). *Bastet* era considerada em Heliópolis como filha do deus criador Atum. O seu caráter oscilava entre a amabilidade e a ferocidade, à semelhança do gato. (Regine Schuldz, 2001 p. 522)

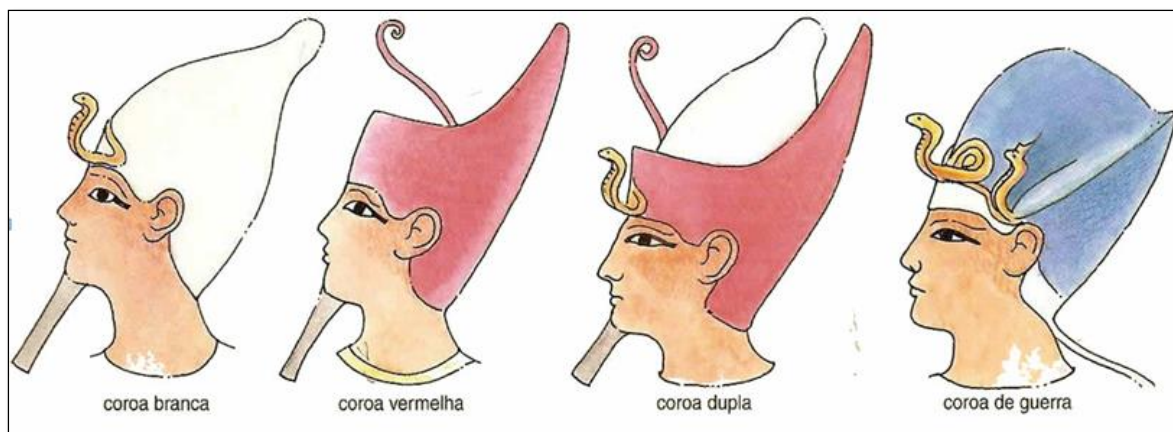


Figura 96: Vários tipos de Kheprech. (Netto, 1998)

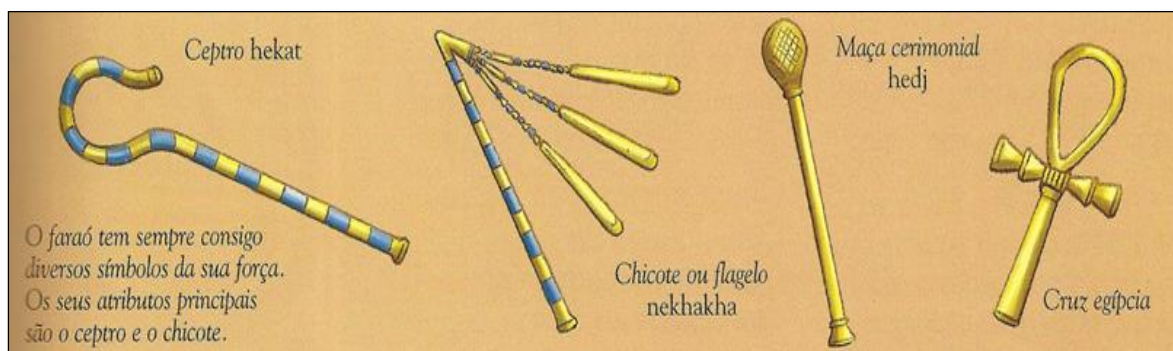


Figura 97: Objetos utilizados pelos faraós. (Netto, 1998)



Figura 98: À esq. Cobra Nanja. Ao centro jogo do Senet. À dir. cruz Ankh. (Netto, 1998)

2.1.2 Significado das cores instruídas nos elementos principais das ilustrações do Bar Egípcio.

No antigo Egito a cor relacionava-se com a substância dos aspetos da vida. A cor indicava e associava, por vezes, a linha de pensamento do homem em relação às emoções e sensações. Na arte, as cores serviam de pista para a natureza dos objetos representados. Os artistas Egípcios dispunham de uma paleta de cores, incluindo o branco e o preto, sendo formada por compostos minerais. A cada cor era atribuída um símbolo ou uma significação metafísica, sendo por vezes ambivalente o seu significado, ou seja, é comum existirem cores com mais do que um significado.

A cor Branca (hedj): como significado simbólico era vista como a cor da verdade e da pureza. Nas ilustrações inseridas no trabalho a cor branca é visível no Kheprech (Figura 92, 79 e 85) utilizado pelos Faraós da época. Era com produtos como a cal ou o gesso que se formava a cor branca. Como podemos observar, (Figura 99) no levantamento fotográfico do interior do Salão Egípcio, a cor branca era utilizada em vários detalhes construtivos, sobretudo nas paredes e nos tetos do edifício.

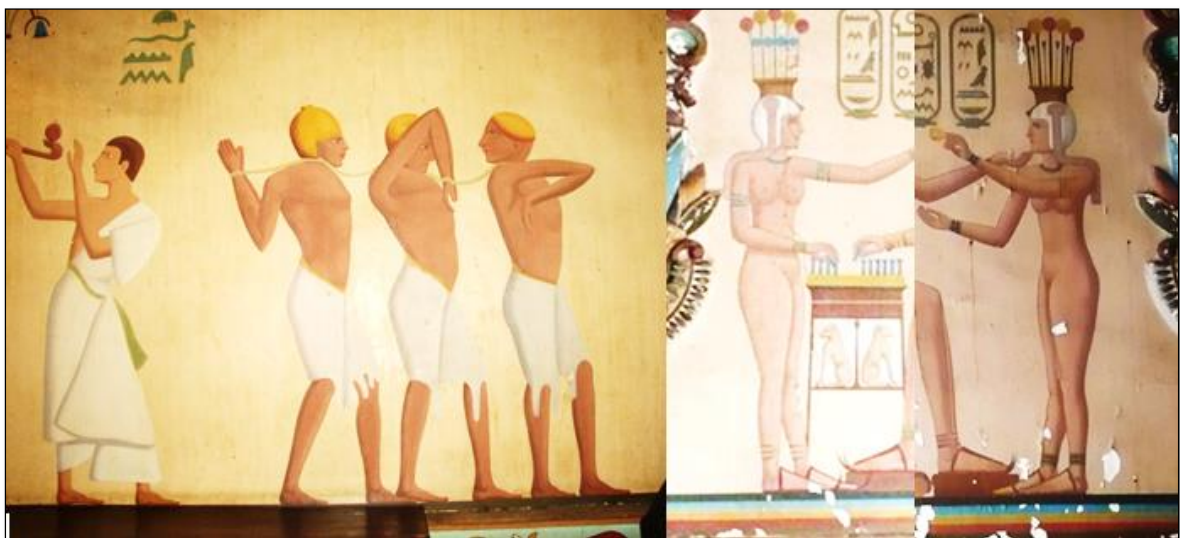


Figura 99: Referência à cor branca utilizada nas ilustrações expostas no Bar Egípcio. (Mendes, 2013)



Figura 100: Referência à cor preta utilizada nas ilustrações expostas no Bar Egípcio. (Mendes, 2013)

A cor preta (*kem*) simbolizava a noite e a morte. Era um símbolo natural do submundo e da ressurreição. Poderia ser igualmente símbolo da vida e da fertilidade. Esta ligação provém provavelmente da abundância das águas do Nilo devido às anuais cheias, que, por sua vez, fertilizavam os solos. Os pigmentos do preto eram extraídos de compostos carbônicos, como o carvão, madeira e ossos de animais carbonizados. A cor verde (*uadj*) estaria relacionada com a vegetação e a nova vida. Ao uso de tons verdes era atribuído uma aura privilegiada e um comportamento criador da vida. O pigmento verde podia ser manufaturado mesclando óxidos de cobre e ferro com sílica e cálcio. Podia também, ser extraído da malaquita³⁷ do Sinai.



Figura 101: Referência à cor verde utilizada nas ilustrações expostas no Bar Egípcio. (Mendes, 2013)

³⁷ Malaquita foi usada como um pigmento mineral em pinturas verdes da antiguidade até aproximadamente 1800. O pigmento é moderadamente resistente à luz, muito sensível a ácidos e variável na cor. O tipo natural tem sido substituído por sua forma sintética, *verditer* entre outros verdes sintéticos. Foi principalmente utilizado no Antigo Egito tendo a particular importância no séc. XVI, sendo mesmo referenciado no livro Cennino Cennini "*Il libro dell'arte*".



Figura 102: Referência à cor Azul utilizada nas ilustrações expostas no Bar Egípcio. (Mendes, 2013)

A cor azul (Figura 102) representa o símbolo do céu e da água, num sentido cósmico, alude aos céus e às cheias primordiais, significação da vida e do renascimento. O azul tinha uma forte relação com as águas do Nilo, com as colheitas, oferendas e fertilidade. Existia a crença de que os cabelos dos deuses eram feitos de lápis-lazúli³⁸. O azul egípcio era extraído do combinando de ferro e óxido de cobre com sílica e cálcio. Produzia uma cor rica que se alterava ao longo do tempo oxidando e escurecendo ou mudando a sua cadência de cor.

A cor amarela (Khenet)³⁹ era criada a partir de ocre naturais e óxidos, sendo que na última parte do novo império um novo método foi desenvolvido usando-se novas técnicas de composição de materiais.. Tanto o sol como o ouro partilham as qualidades da cor simbolizando o eterno, o impreterível e o indestrutível. Acreditava-se que a pele e os ossos dos deuses seriam de ouro. O ouro estava diretamente associado à representação divina, usado nos sarcófagos dos faraós.

³⁸ [Mineralogia] Pedra, de um azul-ferrete magnífico, que é um silicato de alumínio, sódio e cálcio clorado e sulfatado, do grupo sodalite, mais conhecido por lápis-lazúli, empregada em joalheria. (Variante brasileira lazulita.) (Priberam, 2008)

³⁹ O amarelo, ou khenet, representava o eterno e indestrutível, e era associado ao ouro (neb, nebu ou nebww) e ao sol. O ouro era a pele dos deuses, e numerosas estátuas dos deuses eram feitas ou cobertas com ouro. Os sarcófagos dos faraós também eram feitos de ouro, pois ele estava prestes a se tornar um deus em sua morte. Um "shen" dourado era colocado no peito da múmia para lhe dar a proteção de Ra. Os egípcios também usavam pigmentos de ocre amarelo (um minério de ferro) e massicot (um óxido de chumbo). Durante o Novo Império, eles também usaram o sulfato de arsênico. O amarelo também era misturado com o branco, representando a pureza. (Netto, 1998)

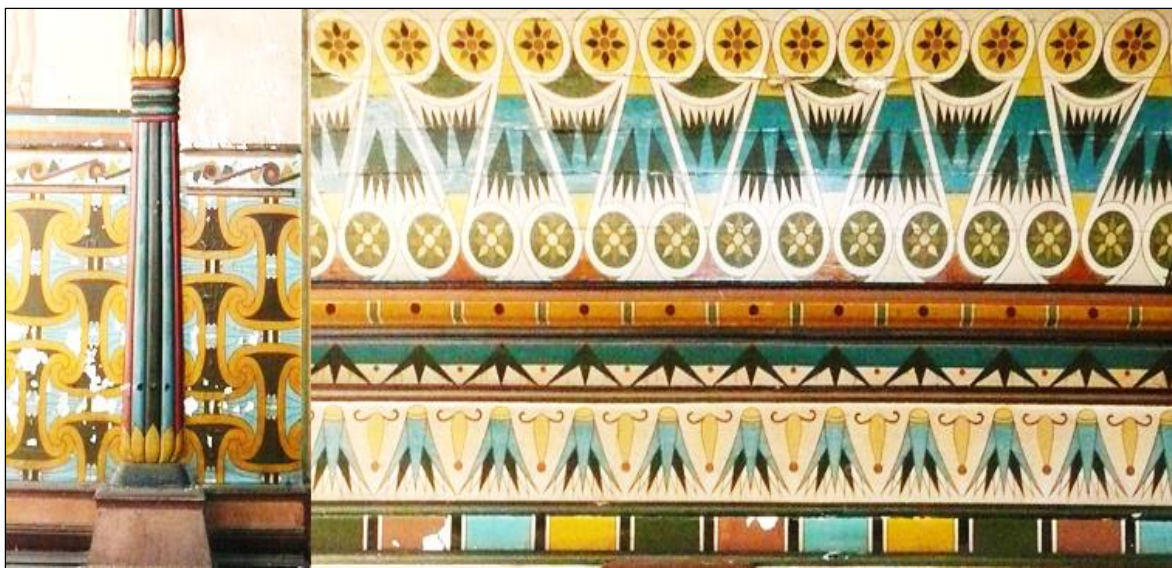


Figura 103: Referência à cor Amarela utilizada nas ilustrações expostas no Bar Egípcio. (Mendes, 2013)

Vida e vitória são as palavras simbólicas da cor vermelha (Deshet) no Egito. Durante as celebrações religioso-funerárias os antigos Egípcios pintavam o seu corpo com ocre vermelho. Definia igualmente a raiva e o fogo. Usado frequentemente para representar a natureza do radiante sol e a sua derivação maldosa. Era extraído do ferro oxidado e ocre vermelho

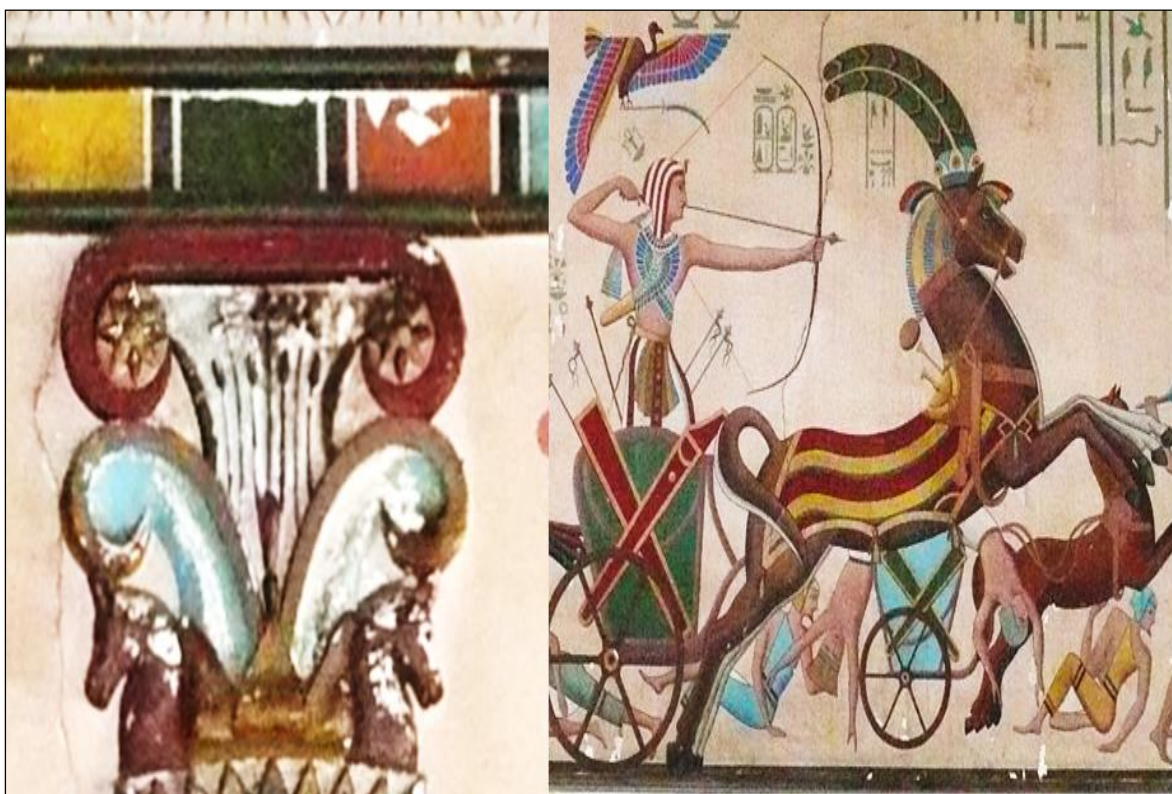


Figura 104: Referência à cor Vermelha utilizada nas ilustrações expostas no Bar Egípcio. (Mendes, 2013)

2.2 Levantamento fotográfico do estado de conservação do Bar Egípcio

O registo das memórias do Bar Egípcio.

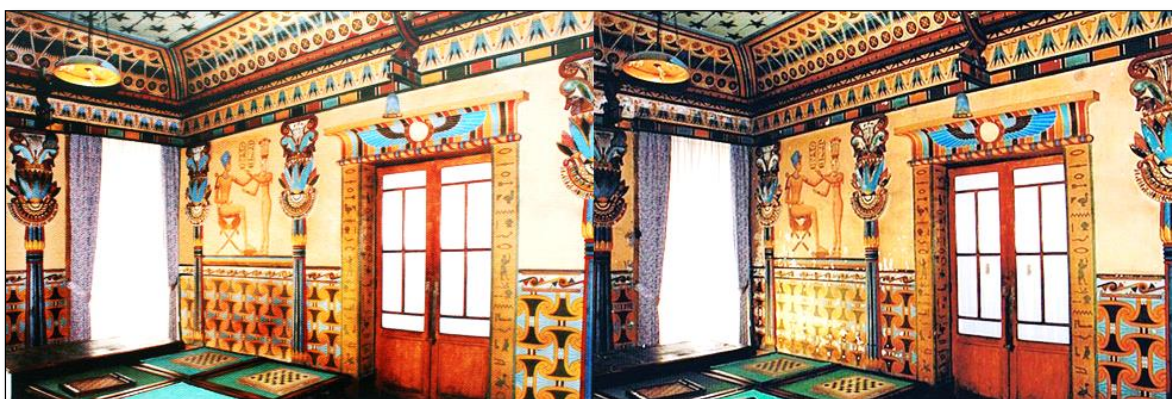


Figura 105: Bar Egípcio. À esq bom estado de conservação, à dir mau estado de conservação. (Mendes, 2013)

As ilustrações que se seguem retratam o estado de conservação atual do edifício. No entanto, para perceber a evolução da degradação do Salão Egípcio, colocamos imagens, à esquerda, dos murais em bom estado de conservação, e à direita, mau estado de conservação. Deste modo, podemos comparar e perceber como o Salão Egípcio era um espaço de excelência.

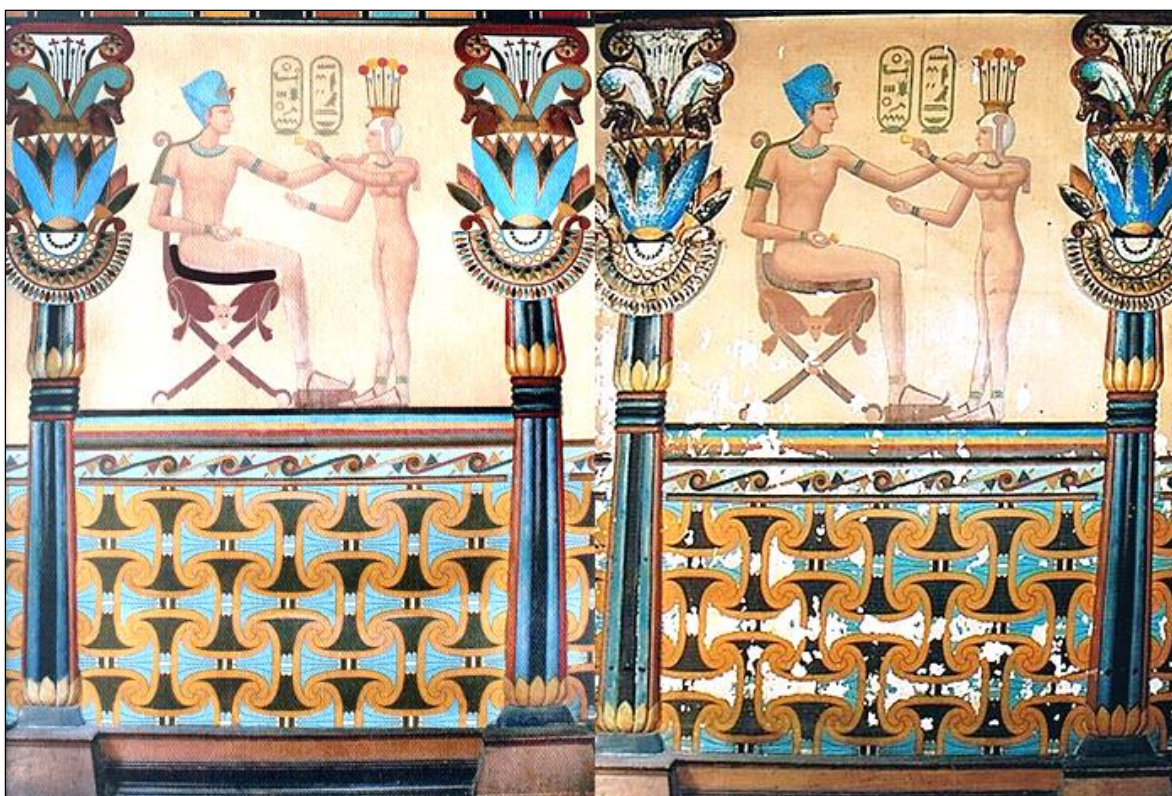


Figura 106: Bar Egípcio. À esq bom estado de conservação, à dir mau estado de conservação. (Mendes, 2013)



Figura 107: Bar Egípcio. À esq bom estado de conservação, á dir mau estado de conservação. (Mendes, 2013)

As presentes ilustrações elucidam o estado de conservação das pinturas murais.



Figura 108: Bar Egípcio. À esq bom estado de conservação, á dir mau estado de conservação. (Mendes, 2013)

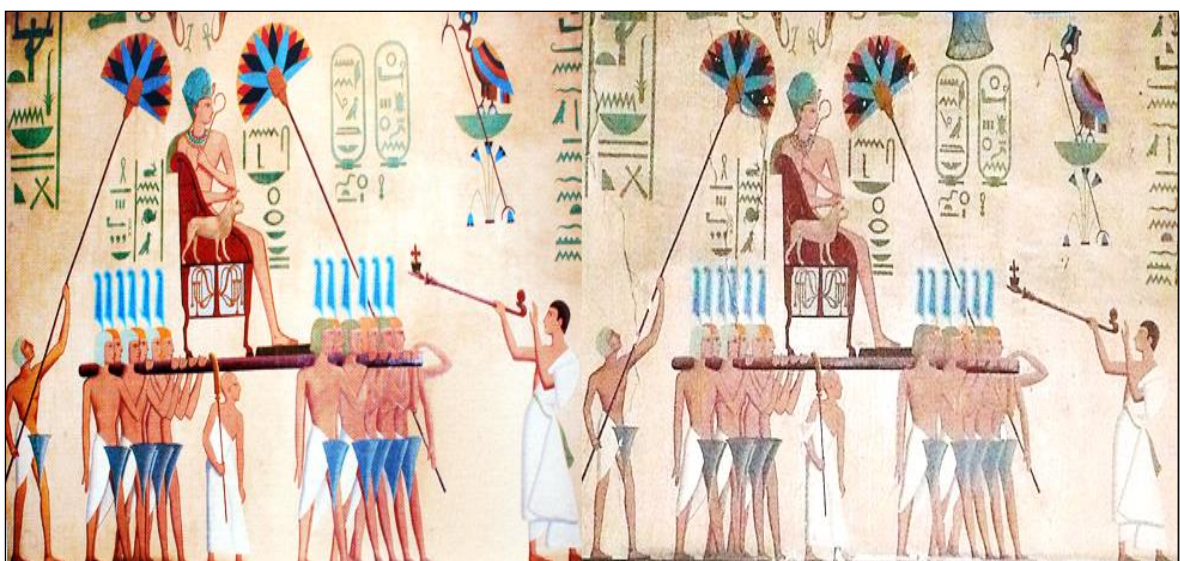


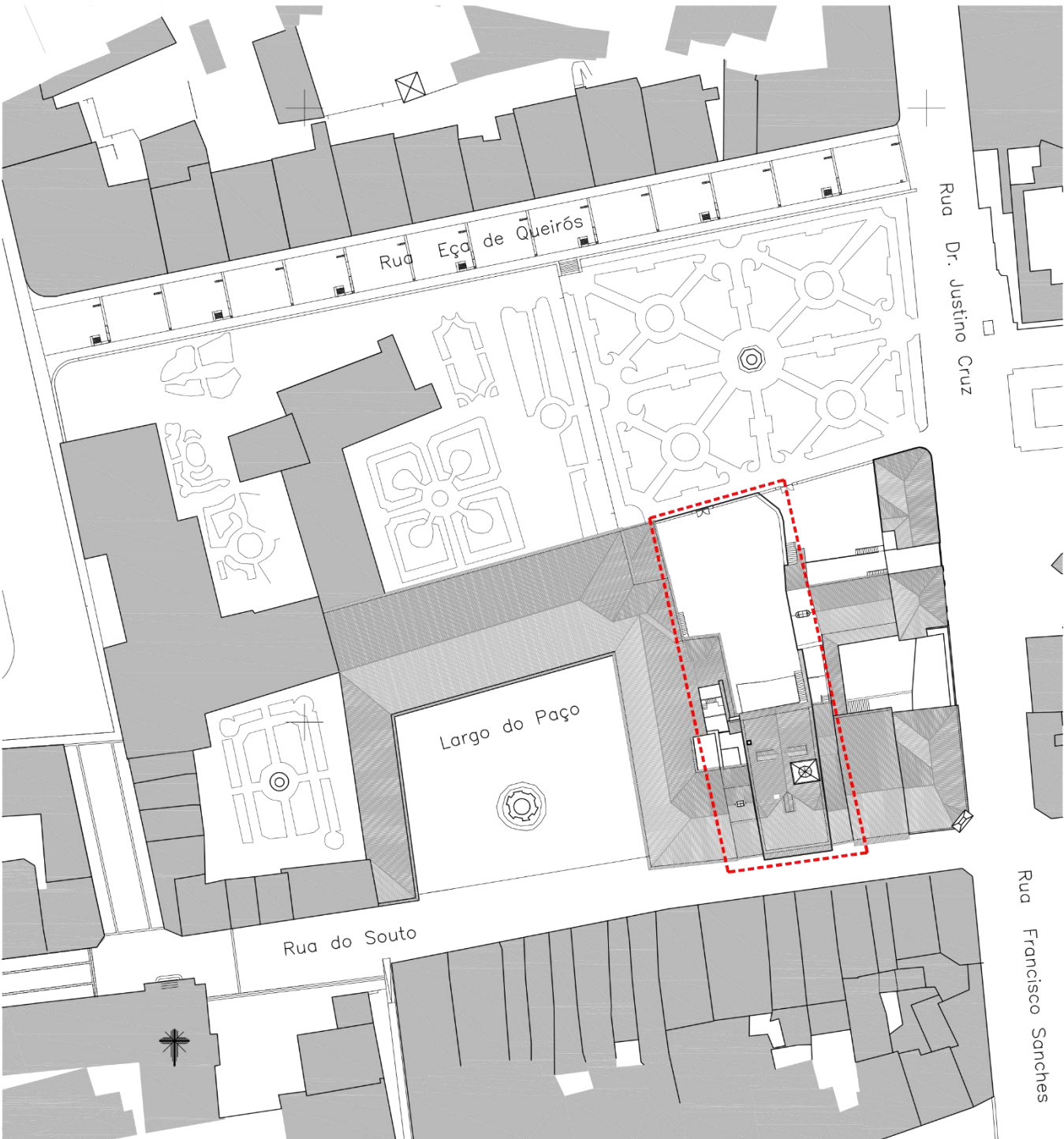
Figura 109: Bar Egípcio. À esq bom estado de conservação, á dir mau estado de conservação. (Mendes, 2013)



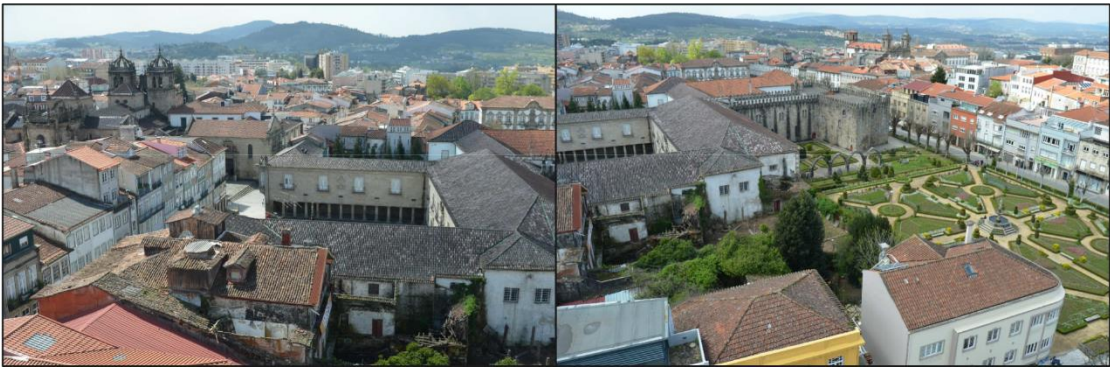
Figura 110: Bar Egípcio. À esq bom estado de conservação, á dir mau estado de conservação. (Mendes, 2013)

As ilustrações referentes aos murais egípcios expostos no salão têm elevado interesse histórico e simbólico. Facilmente podemos interpretar as diferenças entre as presentes imagens. É principalmente na cor que se notam as distintas escalas cromáticas. Na imagem á esquerda, mostra-se uma cor mais viva, mais bem definida. Neste caso, é um exemplo daquilo que seria esta pintura mural se tivesse devidamente restaurado. À direita, identificamos uma cor mais esbatida, mais desgastada, trata-se do estado atual da pintura mural. Naturalmente apresenta um estado corroído pelo tempo. Deve-se ao fato de este espaço de ter sido usado como bar durante algum tempo não ter sido devidamente cuidado.

O levantamento que se segue identifica o estado de conservação geral do edifício. Este é dividido em três tipos de estado de conservação: bom, razoável e mau.



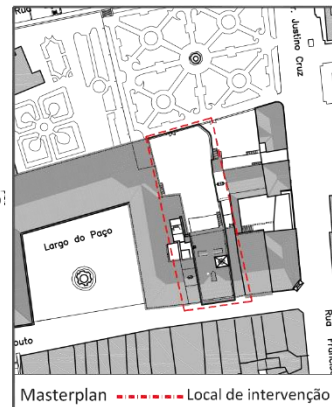
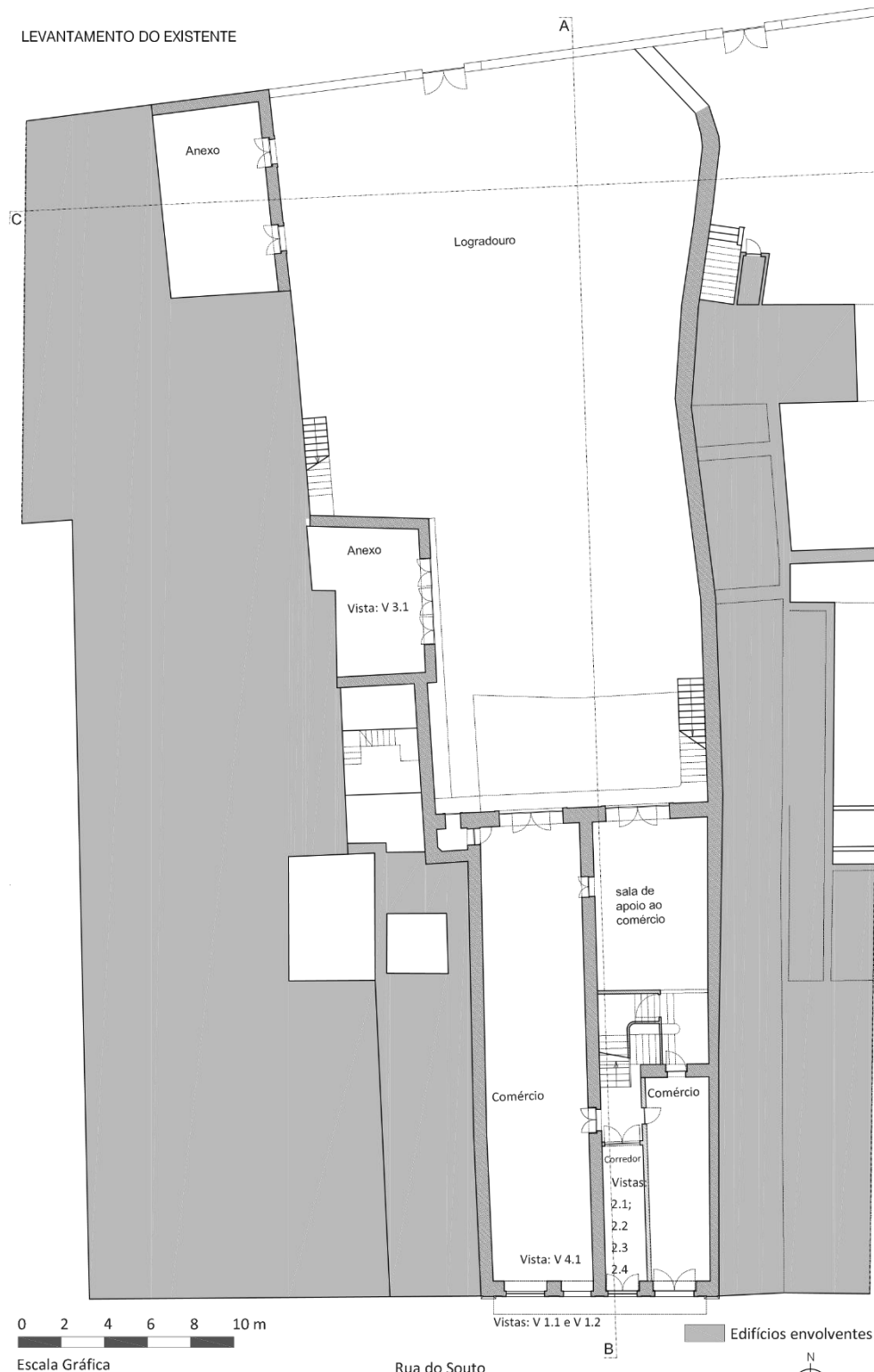
----- Localização do Salão Egípcio



Fotografias gerais do quarteirão

Planta da localização do Quarteirão de intervenção (Largo do Paço)

LEVANTAMENTO DO EXISTENTE

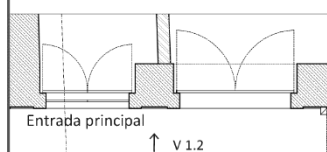


Levantamento construtivo 1º Piso

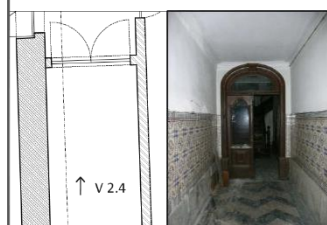
Parede estruturais em pedra
(+ - 0.60 m) largura

Parede interiores tijolo 0.20 m

Porta de entrada 2 folhas almofadada
em madeira maciça lacada com tinta de
cor castanha



Entrada do edifício com portas em madeira
maciça encastradas em pórtilhos de pedra

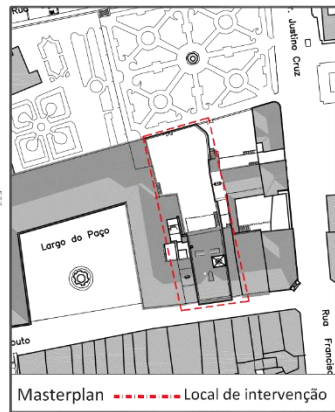
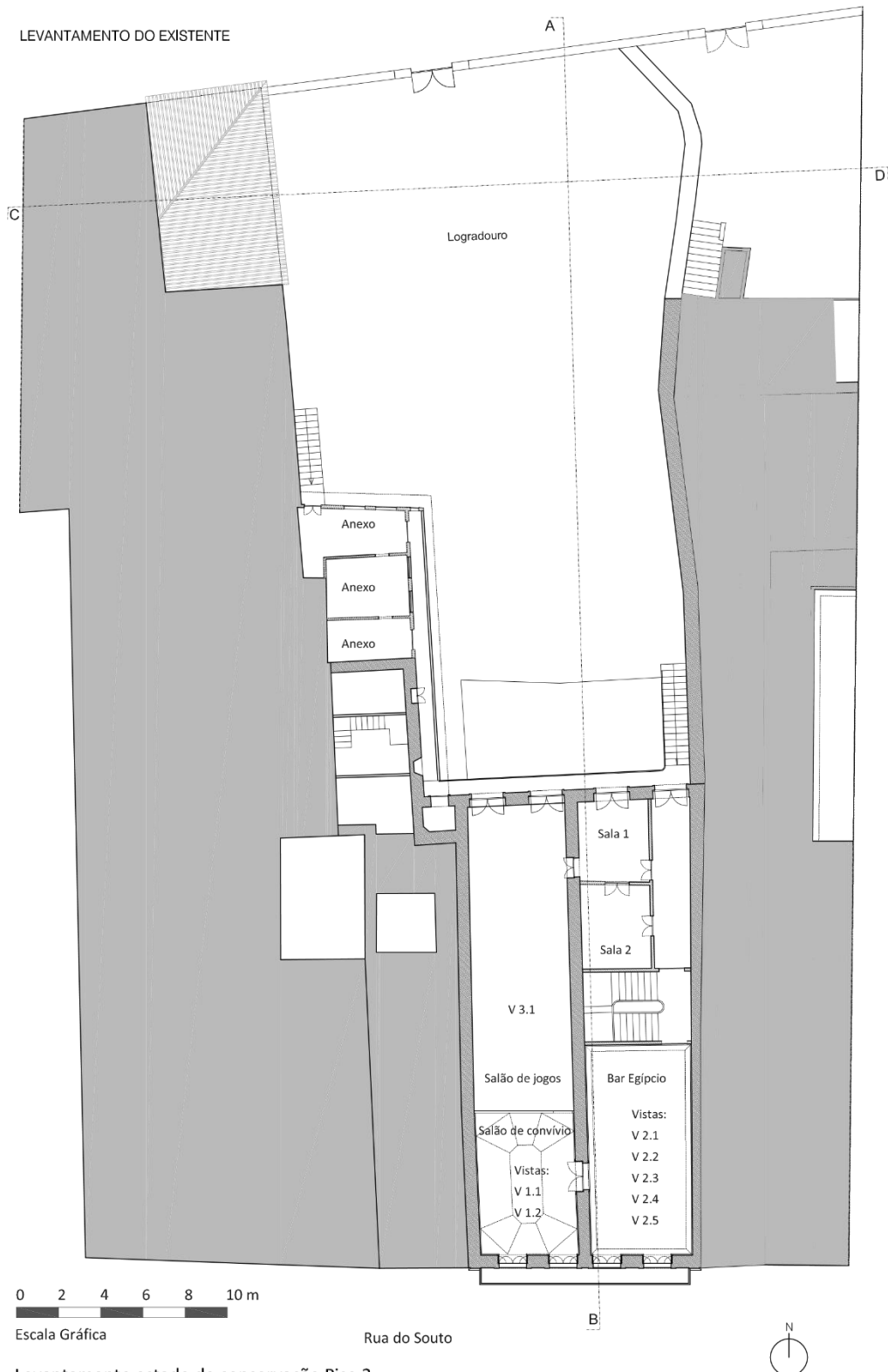


Corredor de distribuição / acesso vertical
À esq. parede estrutural em pedra, (0.60 m)
à dir. parede em tijolo (0.20 m) Ambas as
paredes são revestidas a gesso, azulejo e
pedra. O chão é cerâmica.

Planta do Piso 1 Desenho 01

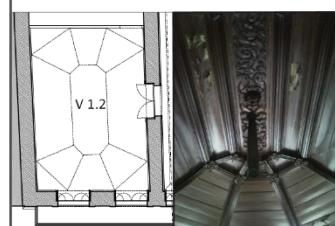
Levantamento estado de conservação Piso 1



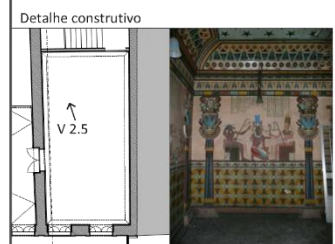


Levantamento construtivo 2º Piso

- Parede estruturais em pedra (+ - 0.60 m) largura
- Parede interiores tijolo 0.20 m



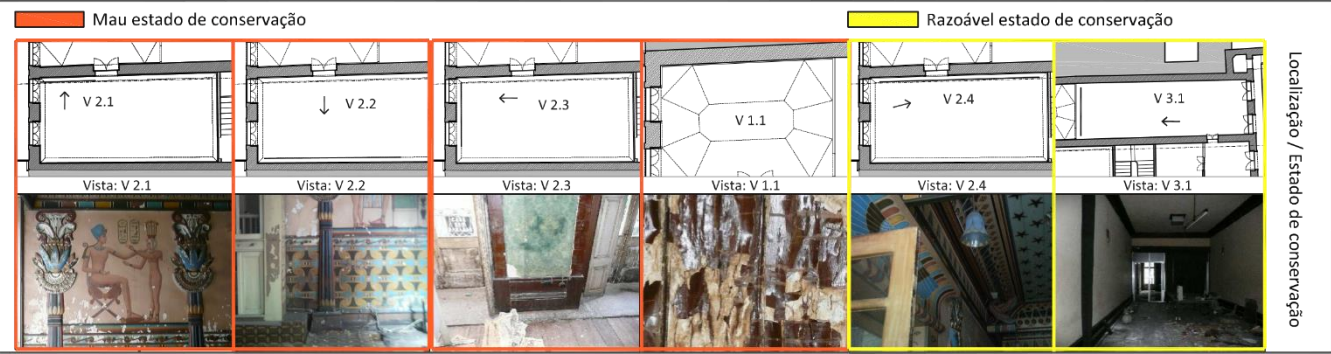
Teto elaborado com estrutura e forro em madeira com parte de talha no centro.

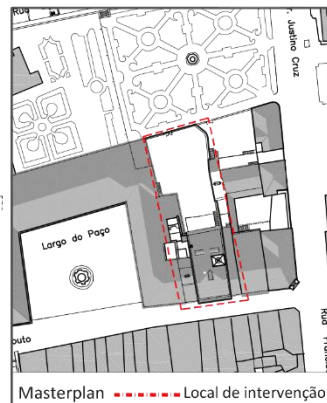
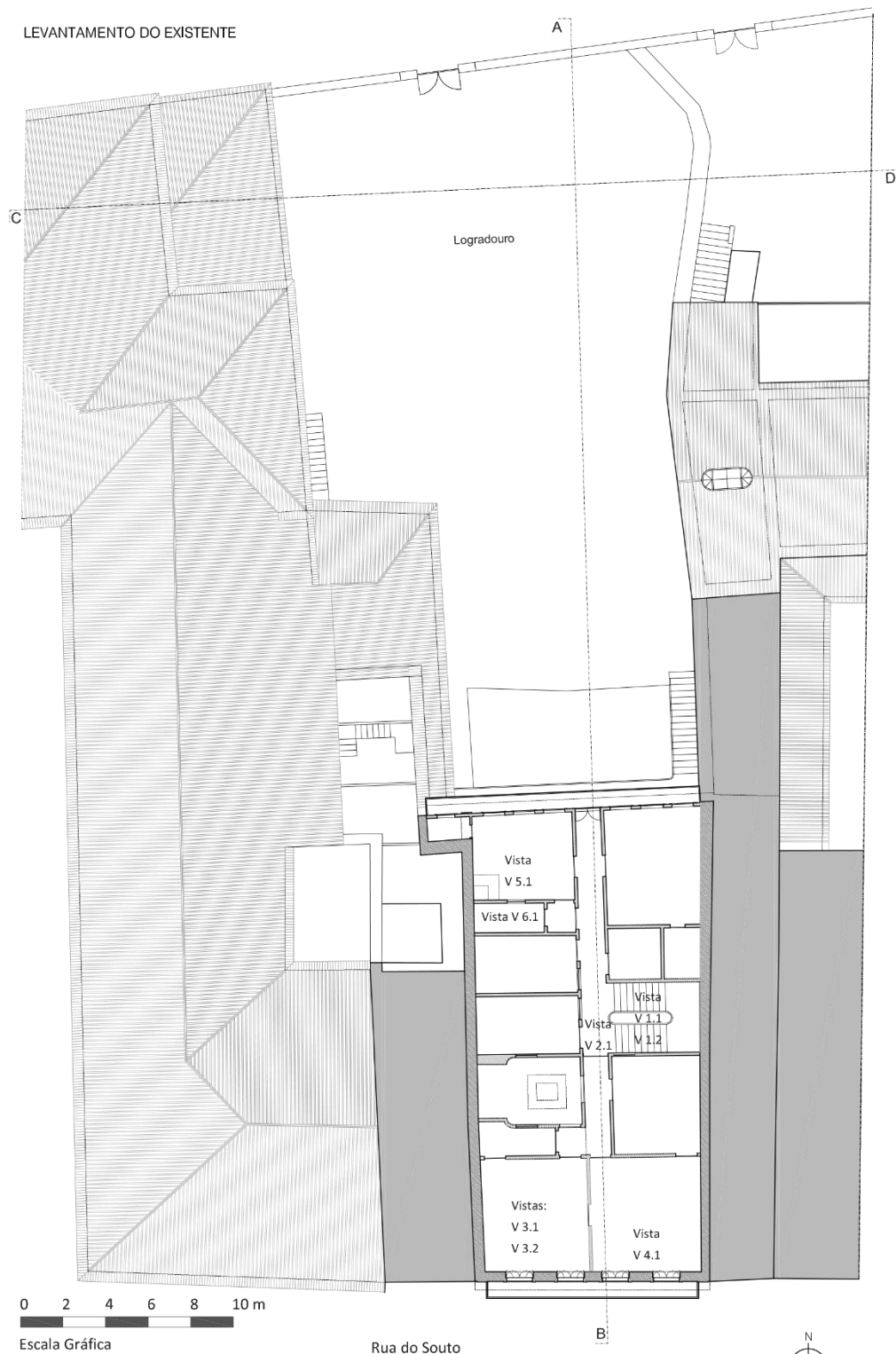


Salão Egípcio com pinturas murais suportadas no gesso em estado de degradação. O teto é constituído pela estrutura em madeira e o pavimento é assoalhado com madeira maciça.

Planta do Piso 2 Desenho 02

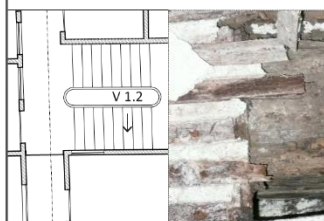
Levantamento estado de conservação Piso 2





Levantamento construtivo 3º Piso

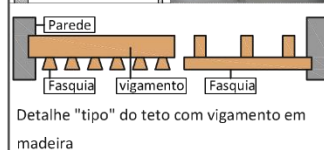
- Parede estruturais em pedra (+ - 0.60 m) largura
- Parede interiores tijolo 0.20 m



Principais causas de degradação do fasquiado

Descaimentos, devido à corrosão dos pregos que fixam o fasquiado ou à degradação das madeiras, por ação de fungos, bolores e ataque de insectos;

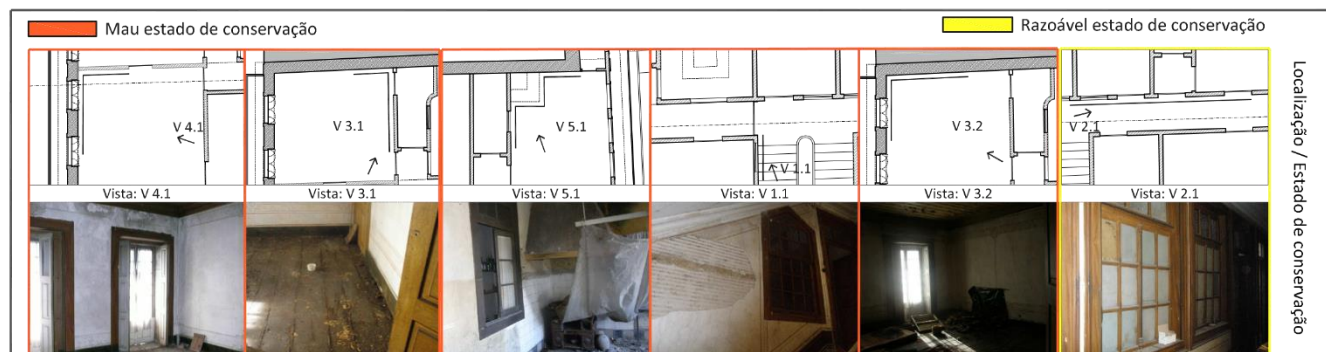
- Fissuração contínua, devido a cedência do vigamento, com deslocação nas zonas de apoio e nos entalhes, e à perda de fixação do estuque ao fasquiado, devido à má execução inicial;
- Fissuração irregular, de configuração aleatória, devida às variações térmicas do suporte; neste caso, desde que não existam desnivelamentos entre as duas superfícies, a fissuração não é crítica para a estabilidade do tecto;
- Apodrecimento dos topos das vigas de madeira, inseridas nas paredes, por falta de ventilação;
- Descoloração de áreas pintadas ou manchas, em resultado da humidade

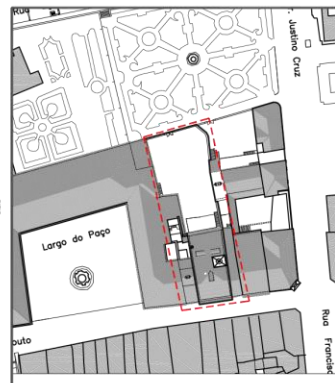


Detalhe "tipo" do teto com vigamento em madeira

Planta do Piso 3 Desenho 03

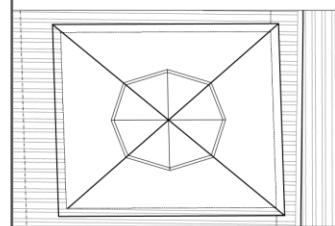
Levantamento estado de conservação Piso 3





Masterplan - - - - - Local de intervenção

- Levantamento construtivo 4º Piso
- Parede estruturais em pedra (+ - 0.60 m) largura
 - Parede interiores tijolo 0.20 m



Detalhe construtivo da claraboia concebida numa estrutura metálica suportada numa estrutura em madeira.

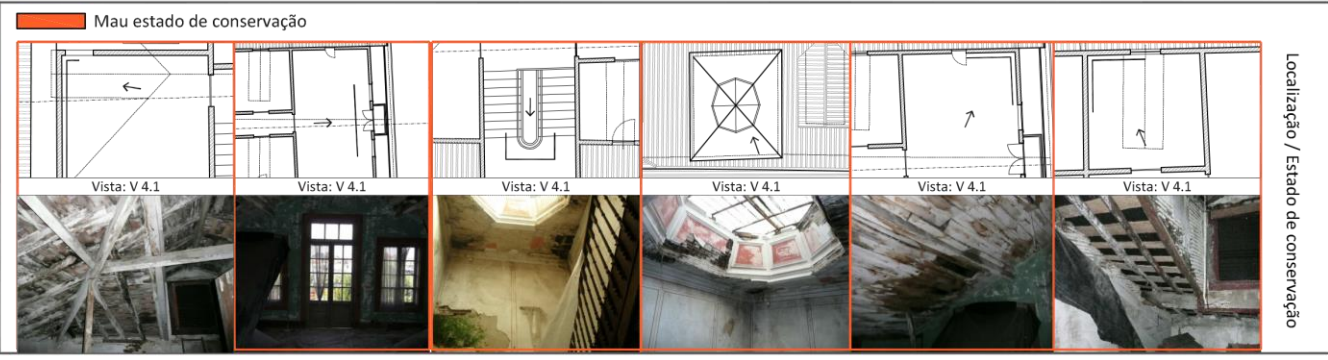


Detalhe construtivo do teto do 4º piso com estrutura em madeira e fasquiado suportando uma camada de gesso revestida a tinta de cores vermelha e branca.

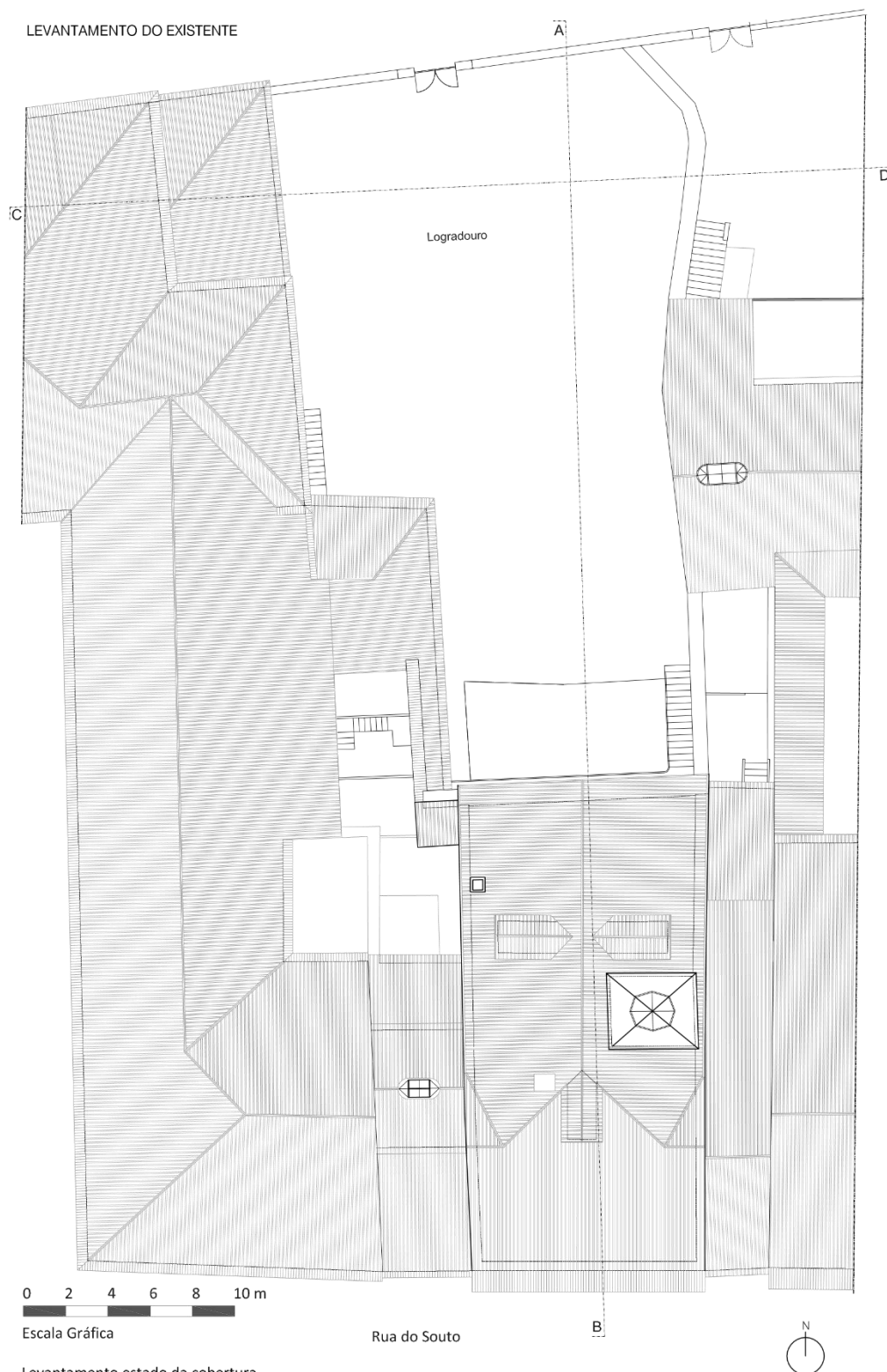
A principal causa do mau estado de conservação deste teto deve-se às infiltrações de água na estrutura em madeira. Com o passar dos anos o contato da água na madeira originou o apodrecimento quer da estrutura de madeira, quer a camada de gesso com o acabamento final de tinta plástica.

Planta do Piso 4 Desenho 04

Levantamento estado de conservação Piso 4



LEVANTAMENTO DO EXISTENTE

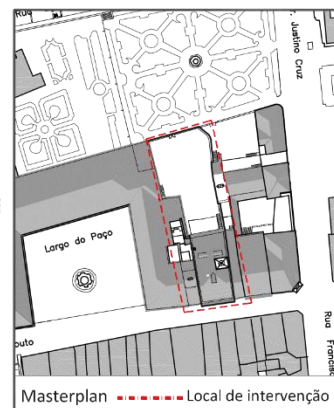


0 2 4 6 8 10 m

Escala Gráfica

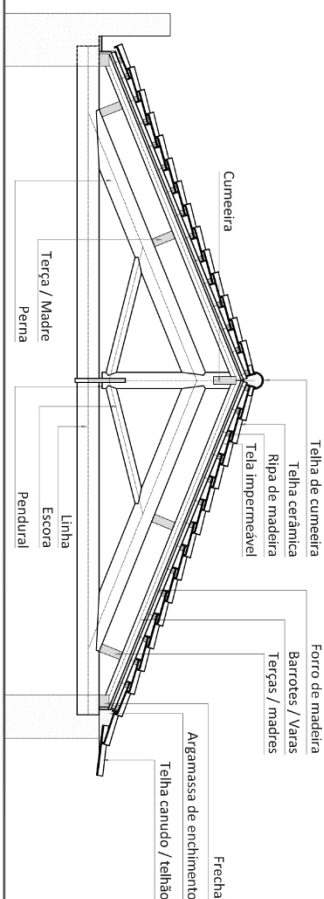
Rua do Souto

Levantamento estado da cobertura



Masterplan Local de intervenção

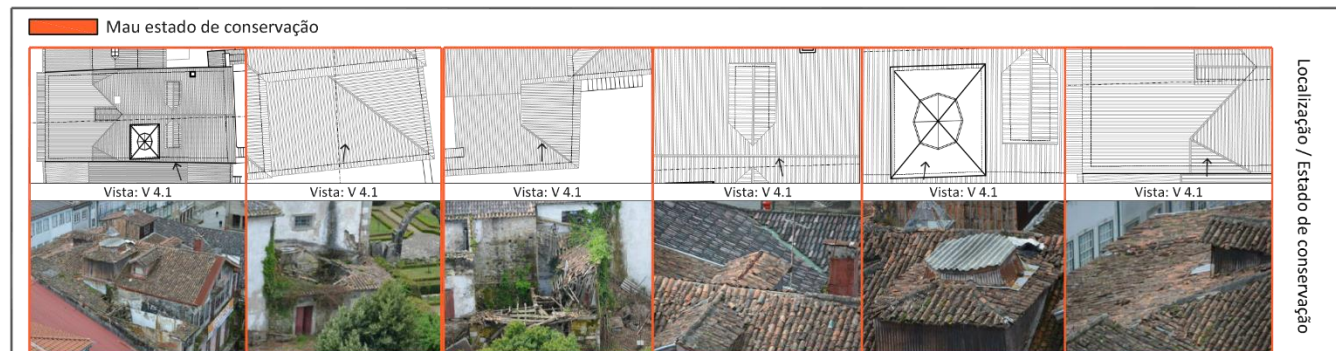
Levantamento construtivo Cobertura



Pormenor "tipo" construtivo idealizado da estrutura em madeira que suporta a cobertura do edifício

Planta de cobertura

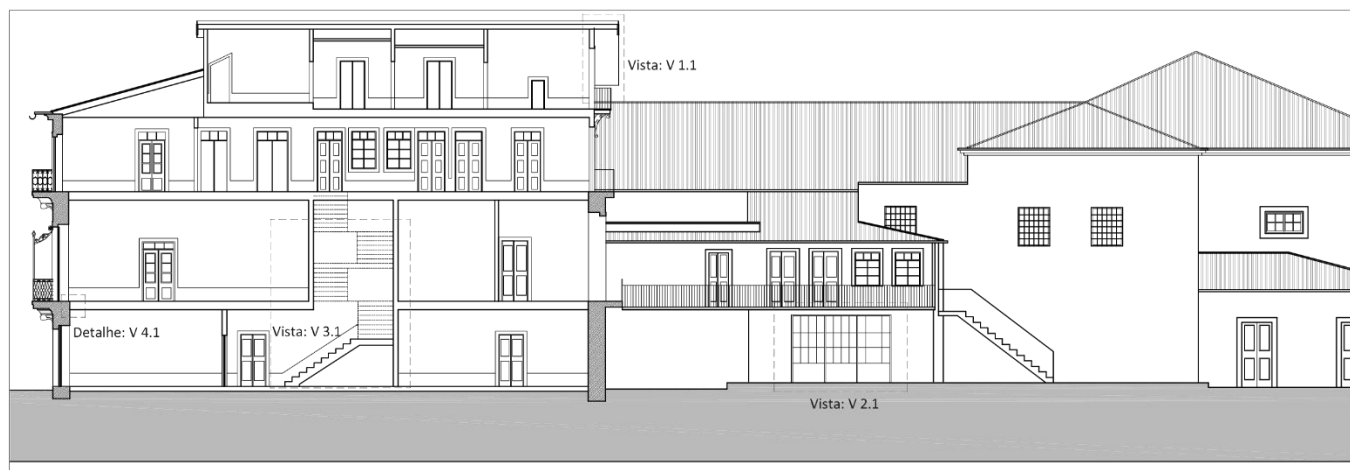
Desenho 05





Corte C-D

Levantamento estado de conservação: Corte C-D



Corte A-B

0 2 4 6 8 10 m

Escala Gráfica

Cortes: A-B e C-D

Desenho 07

Levantamento estado de conservação: Corte A-B





Alçado Frontal

Levantamento estado de conservação do Alçado Frontal

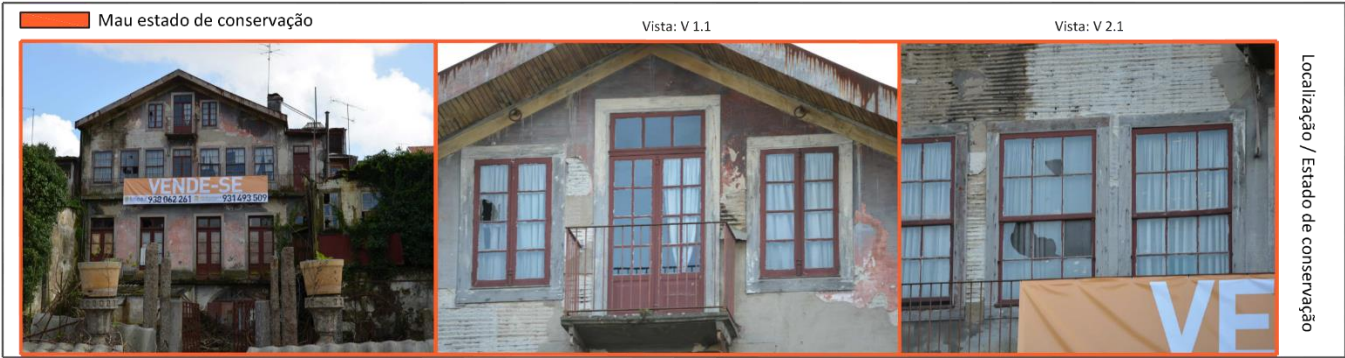


Alçado Posterior

0 2 4 6 8 10 m
Escala Gráfica

Alçado Fronta/Posterior Desenho 06

Levantamento estado de conservação 1º Piso



2.3 Estado de conservação das pinturas murais do Bar Egípcio

Os levantamentos fotográficos, geral e de pormenor, são elementos importantes onde obtemos dados para que se consiga concluir o estado de conservação do edifício. Com o registo destes elementos, podemos identificar as patologias e ao mesmo tempo atribuir possíveis propostas de tratamento a realizar.

Nesta secção iremos analisar todo o conjunto do espaço (Bar egípcio) propondo ao mesmo tempo indicações para a reabilitação baseadas em documentos escritos, de diversos autores, que redigiram sobre a restauração e em particular sobre a pintural mural. No entanto, não é intenção, do presente trabalho, a atribuição de soluções técnicas de restauro, até à exaustão. O que na realidade é importante é perceber o estado em que se encontram as pinturas murais e solucionar as mesmas com técnicas e materiais, aparentemente, viáveis na reabilitação.

Este conjunto mural encontra-se com películas de revestimento a seco (Figura 111) e apresenta uma camada cromática bastante espessa. Estamos, provavelmente, na presença de uma técnica com uso de tintas a óleo. Todo o conjunto apresenta um uniforme depósito de sujidades aderentes às pinturas. Como podemos observar na Figura 111, as pinturas sofrem de escamação,⁴⁰ a todo o momento partes de pinturas desligam-se do desenho caindo como escamas ao chão. O desenho perde a sua composição expressiva sendo este várias vezes interrompido. Em todo caso surge a necessidade de reconstruir os desenhos patentes neste espaço que dão o ser ao Salão Egípcio. As fissuras,⁴¹ como podemos observar na Figura 112 são uma constante em quase todas as ilustrações do Bar Egípcio.

⁴⁰ Escamação / Esfoliação (scalling / scagliatura) uma deterioração que aparece como um destacamento total ou parcial de partes (escamas, lascas ou talas), quase sempre acompanhado de descontinuidade de planos na matéria original. As escamas são irregulares em forma e espessura e variam de tamanho. São geralmente compostas de material que aparentemente não se modificou. (Braga, 2003 p. 24)

⁴¹ Fissuras ou Rachaduras (fissuring ou cracking-fessurazione ou fratturazione) deterioração que aparece sob a forma de descontinuidade (rachaduras finas ou fissuras) no material, com ou sem deslocamento relativo de duas partes. (Braga, 2003 p. 24)



Figura 111: Estado de conservação dos murais (escamação / esfoliação). (Mendes, 2013)

A preocupação em reintegrar todas as ilustrações existentes é importante para que se conte de novo a história que o autor quis transmitir. Como refere Márcia Braga: a reintegração pictórica utiliza um tom predominante do entorno da lacuna para preenchê-la de forma uniforme. O aspeto histórico da obra é considerado como o mais importante, não havendo acréscimos posteriores à sua criação. É também uma boa opção quando as bordas da lacuna não nos dão informações suficientes para completar a parte que falta. (Braga, 2003 p. 85)

Ao longo das paredes interiores, onde estão ilustradas as figuras de cariz Egípcio, denota-se a presença de gorduras, consequência provável do uso do espaço como café/bar. Também o mau uso da instalação elétrica, de certo modo, danifica as gravuras e deteriora os rodapés em madeira, que envolvem o espaço interior do Bar Egípcio.

Pontualmente, são visíveis a formação de fungos nas madeiras, o que se deve ao facto do prédio estar abandonado, desprotegido face às infiltrações excessivas de humidade, quer nas paredes interiores, quer nos tetos e nos pisos do edifício. É de salientar que as tonalidades das cores, ilustradas nas paredes, apresentam interrupções, algumas de elevada área e difíceis de reconstruir. São notórias as alterações cromáticas⁴² expressas nas figuras.

⁴² Alteração cromática: (chromatic alteration - alterazione cromatica) é uma alteração que pode aparecer como: variação em lustre ou brilho, variação em cor (matiz) ou uma variação de intensidade (saturação). (Braga, 2003 p. 23)



Figura 112: Estado de conservação das pinturas murais (Fissuras / Rachaduras). (Mendes, 2013)

A superfície degradada deve-se ao facto da camada que a suporta, o reboco, estar em mau estado. Não é perceptível a sua composição mas parece ser composto, no seu barramento final, a gesso. A separação entre a pintura e o reboco origina a criação de bolhas⁴³. Depois de certo tempo, as bolhas acabam por estalar e se separar da composição pictórica. A intervenção e consolidação das argamassas é uma fase longa do processo de restauração dos murais, é aquela que possibilitará uma boa execução das fases seguintes. Esta intervenção segue-se após a limpeza da superfície, provavelmente por via aquosa, com a junção, pontualmente, de um detergente neutro para eliminar as gorduras existentes. Após a devida limpeza, a consolidação e a fixação do reboco podem ser realizadas através de um consolidante de baixo peso, por exemplo o PLM-AL, diluído em água numa proporção adequada e devidamente ensaiada antes da sua aplicação. Pontualmente pode ser necessária a consolidação de camadas através de outros consolidantes.

⁴³ Formação de bolhas (blistering - rigonfiamento) levantamento superficial e localizado do material, que aparece em várias formas e consistência. (Braga, 2003 p. 24)



Figura 113: Salão Egípcio. (Mendes, 2013)

O mobiliário do Salão Egípcio também é interessante e revela a identidade singular do próprio salão. Propositadamente feito para o Bar Egípcio, o mobiliário faz parte da história do mesmo. No entanto, como podemos observar na Figura 113, à direita do salão, está colocado um armário de apoio ao Bar. No decorrer do tempo, o armário de apoio ao bar ficou degradado e a sua parte frontal foi toda pintada. Deste modo, todos os desenhos originais acabaram por se perder ficando apenas as laterais do móvel com o registo original. Trata-se de uma errada intervenção de restauro.



Figura 114: Salão Egípcio em uso. (Mendes, 2013)

2.4 Projeto de Reabilitação como elemento dinamizador do espaço

A proposta de trabalho é reabilitar o edifício Salão Egípcio, no quarteirão em estudo, inserindo neste equipamento um programa de cariz social que dinamize o edifício e a própria cidade. Este equipamento deve ser uma mais-valia para trazer as pessoas para a zona histórica, para dar a conhecer o centro histórico, apostando assim na cultura de uma cidade jovem e moderna.

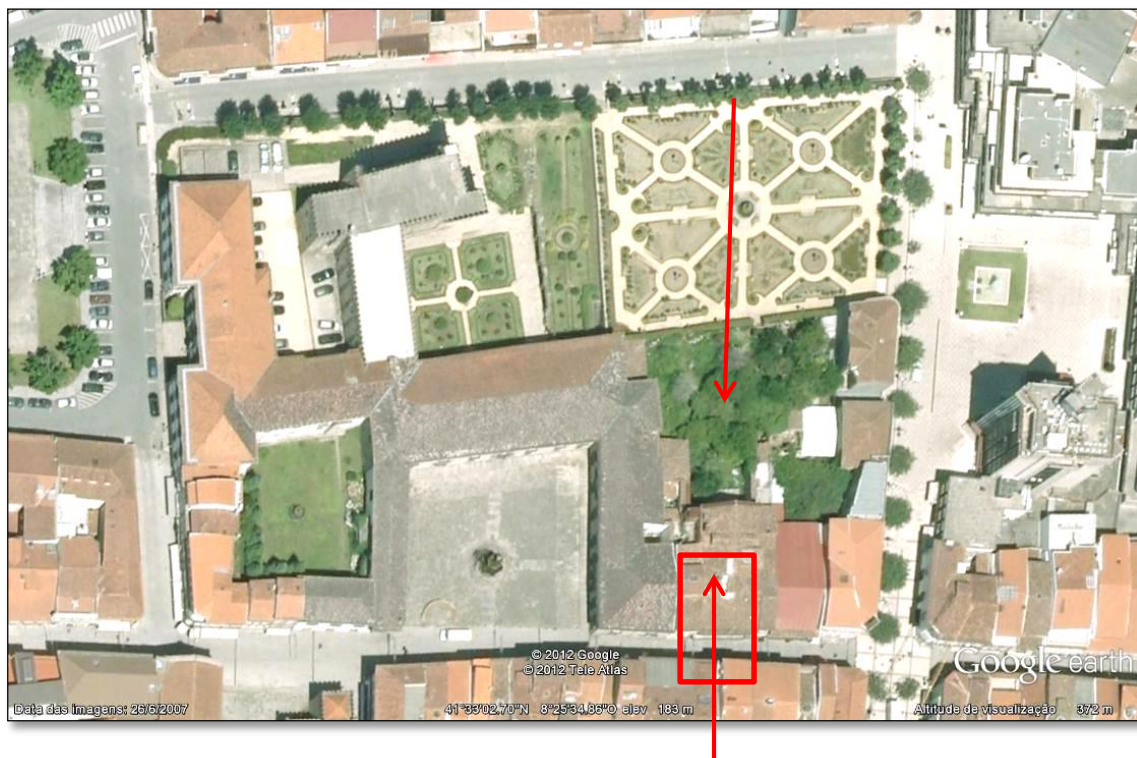
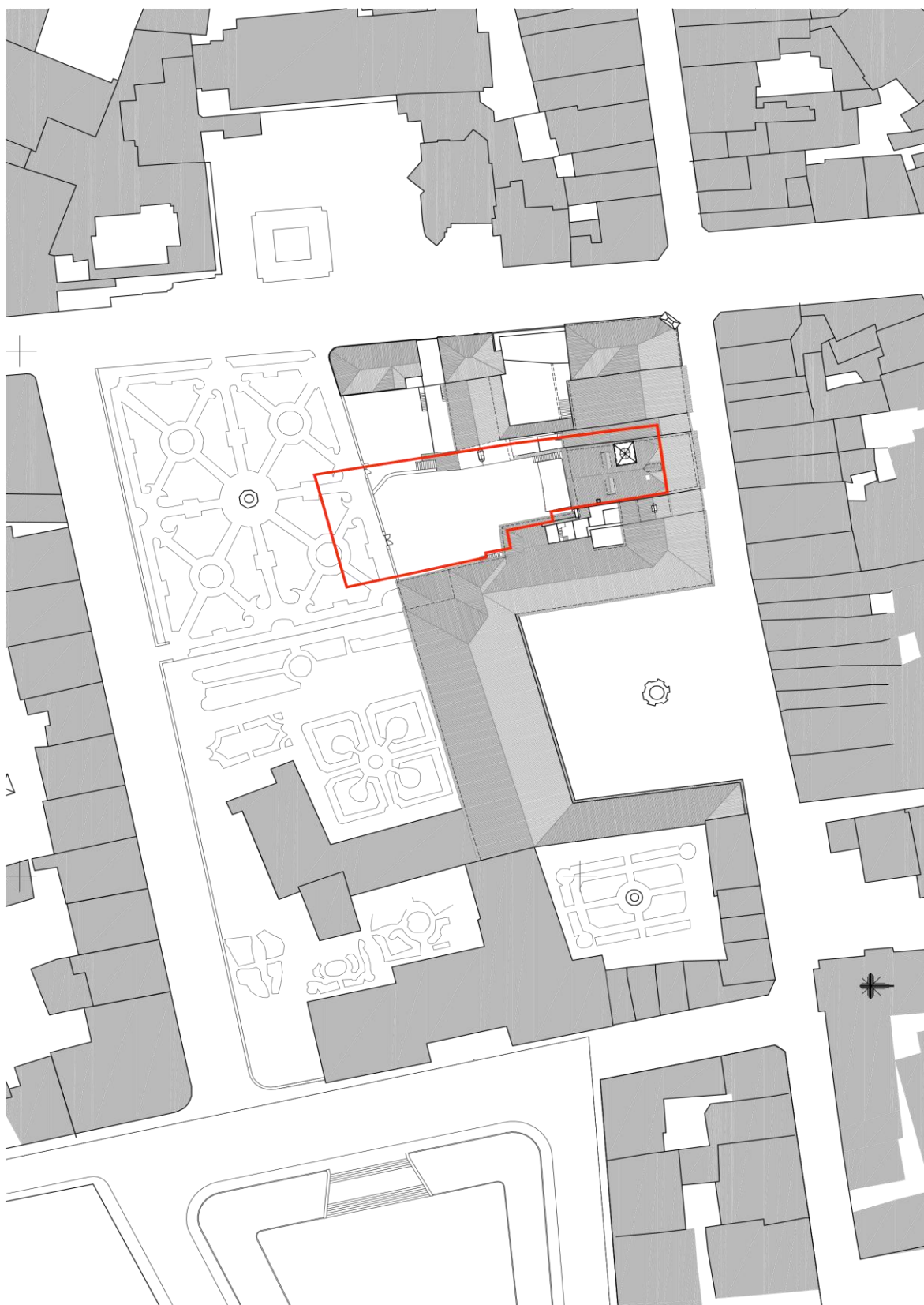


Figura 115: Localização da proposta para o edifício de raiz. (Google Earth)

Implantação do edifício a Reabilitar

➔ Galeria de acesso ao edifício

A intenção de propor um *Urban Center* para este local tem como intuito de dinamizar o casco histórico da cidade de Braga. Uma possível intervenção deverá assumir o compromisso com as pessoas. A proposta Terá em conta as necessidades do local e o seu contexto histórico.



LEGENDA:

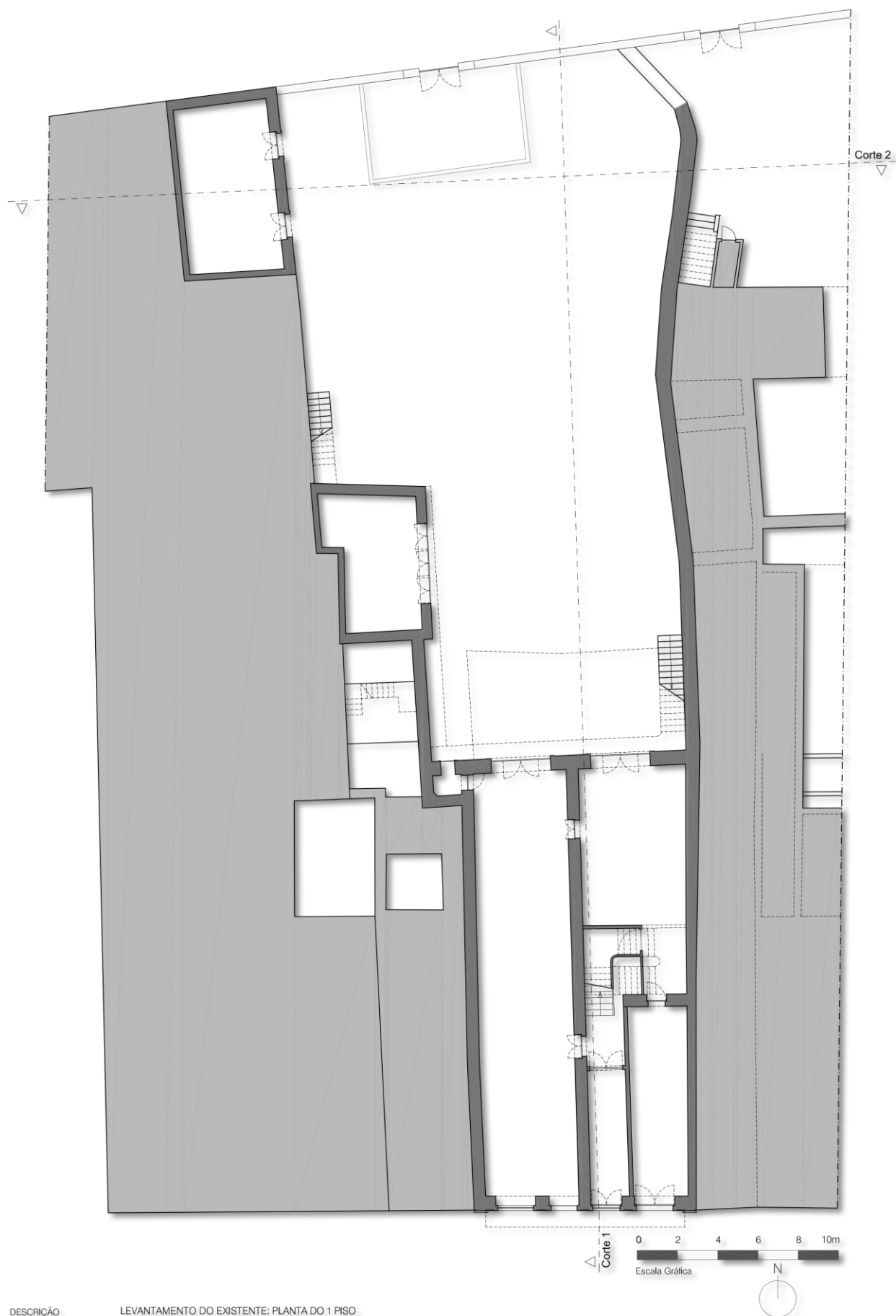
— LOCALIZAÇÃO DO EDIFÍCIO

DESCRIÇÃO

PANTA DE LOCALIZAÇÃO

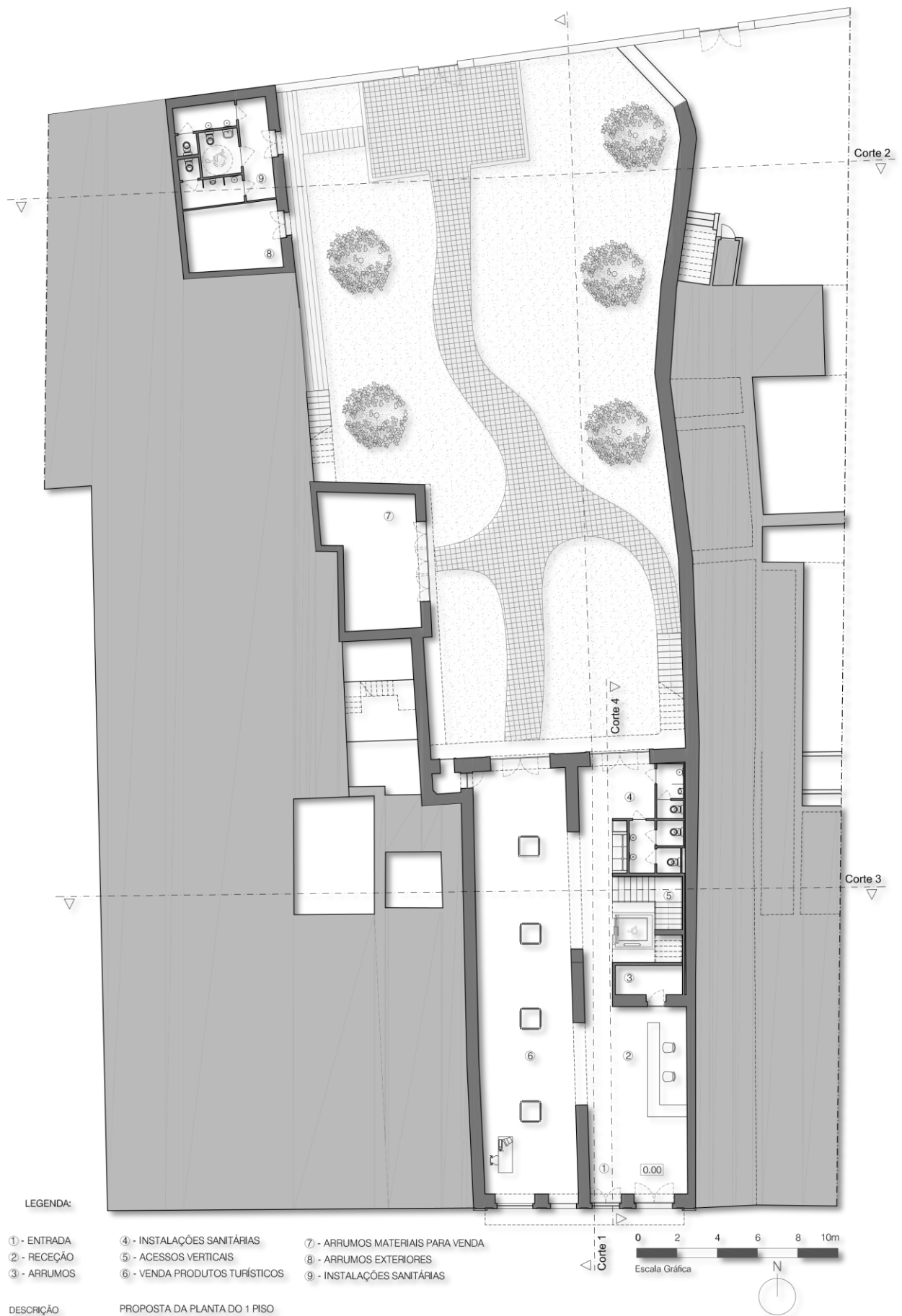


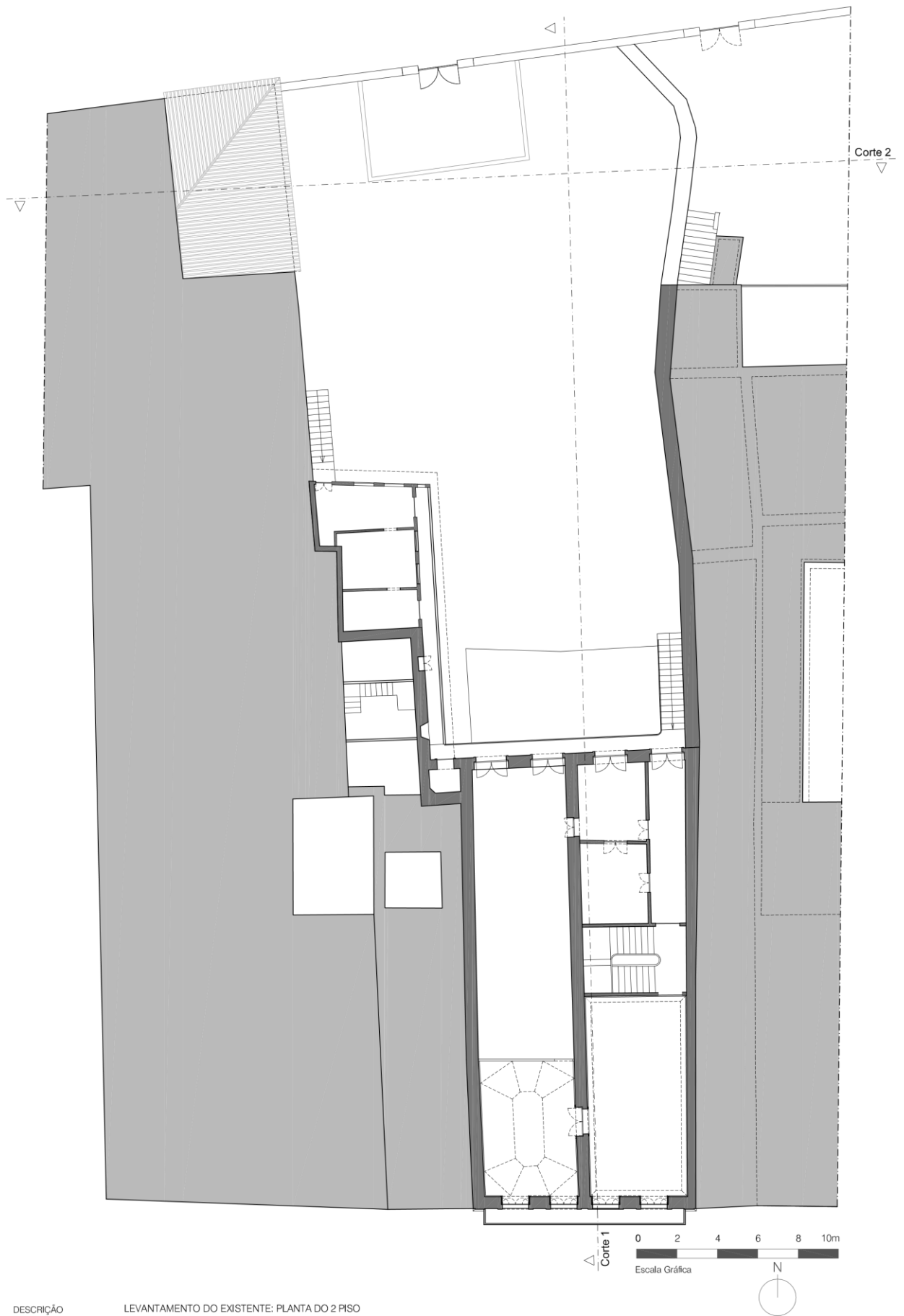
0 10 20 30 40 50m
Escala Gráfica



DESCRIÇÃO

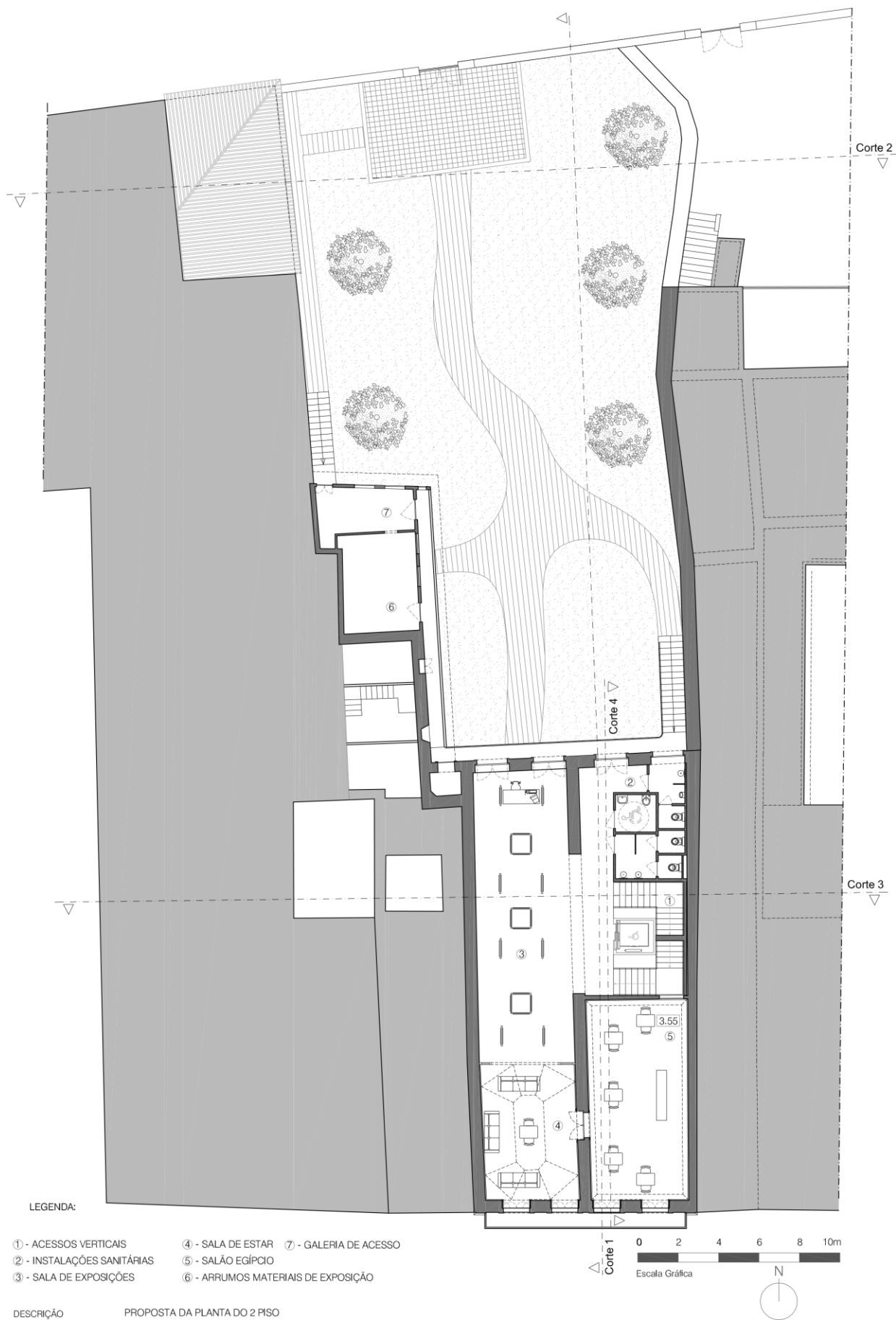
LEVANTAMENTO DO EXISTENTE: PLANTA DO 1 PISO

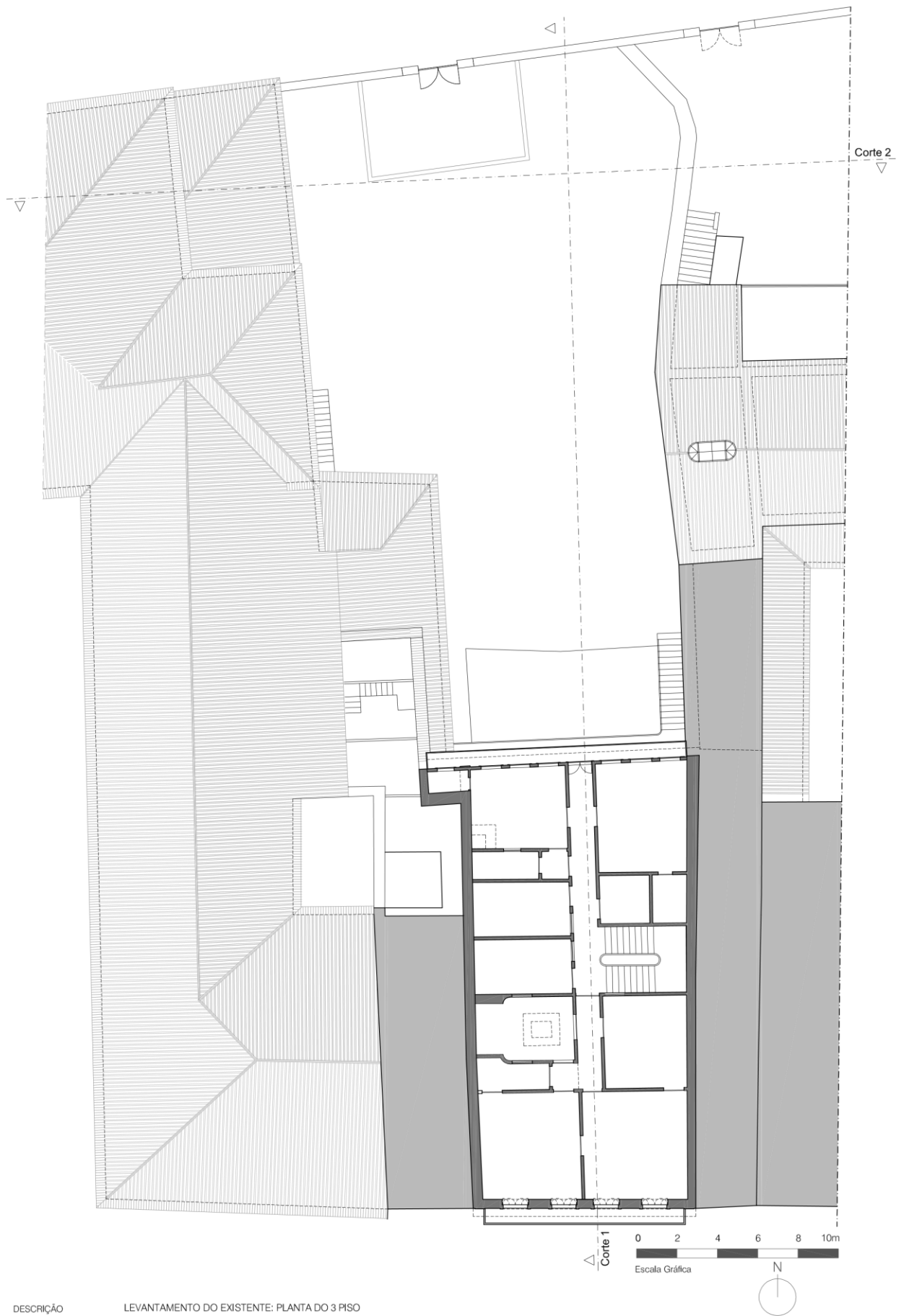




DESCRIÇÃO

LEVANTAMENTO DO EXISTENTE: PLANTA DO 2º PISO

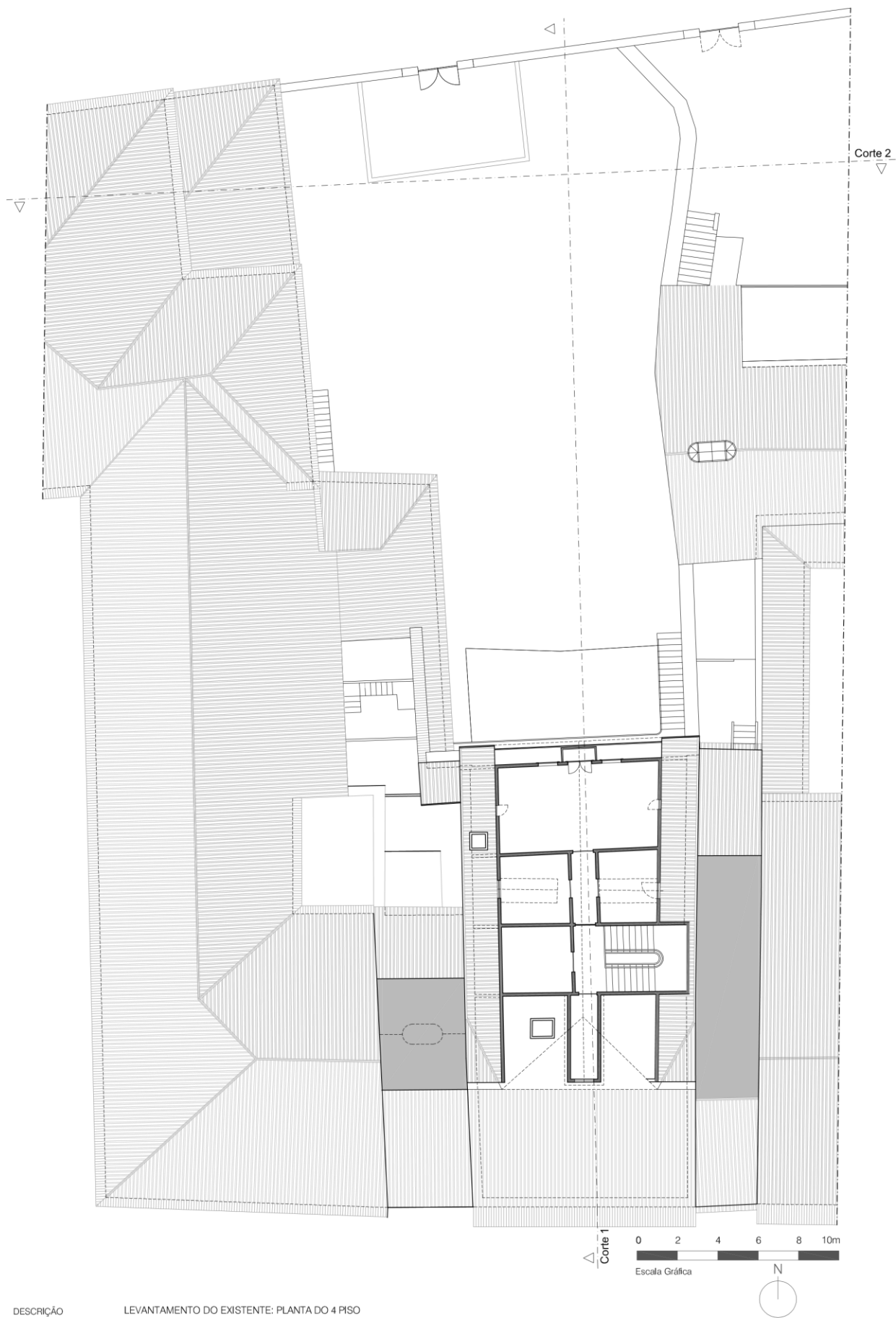




DESCRIÇÃO

LEVANTAMENTO DO EXISTENTE: PLANTA DO 3 PISO

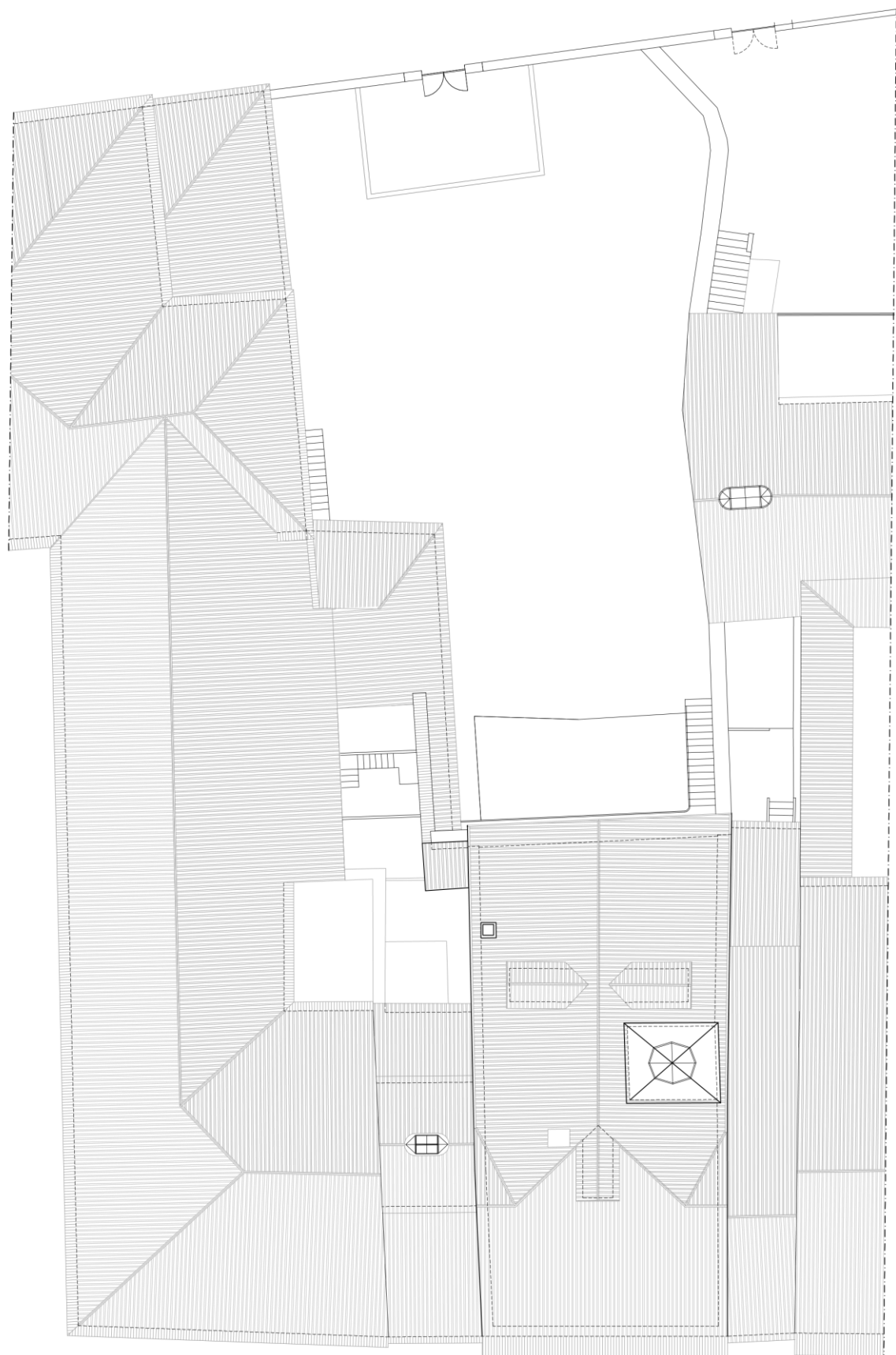




DESCRIÇÃO

LEVANTAMENTO DO EXISTENTE: PLANTA DO 4 PISO



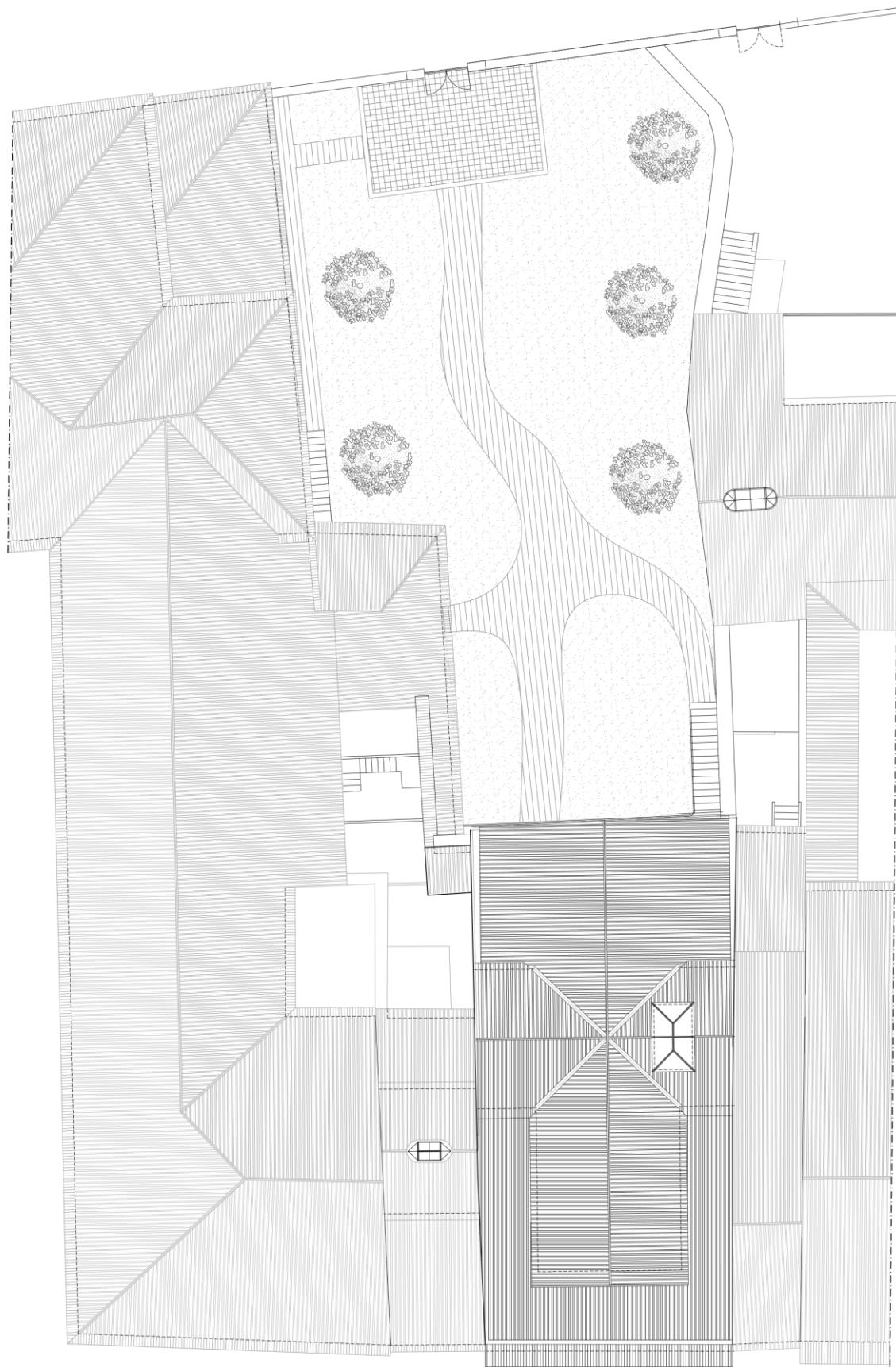


Escala Gráfica



DESCRIÇÃO

LEVANTAMENTO DO EXISTENTE: PLANTA DAS COBERTURAS



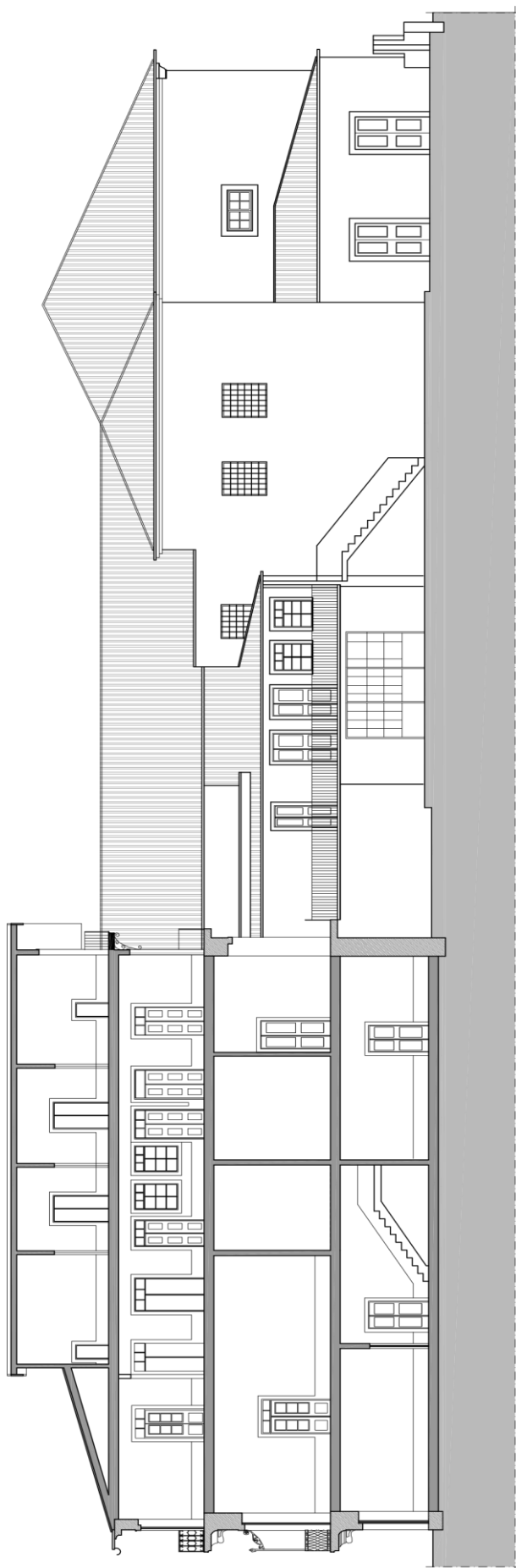
0 2 4 6 8 10m

Escala Gráfica



DESCRIÇÃO

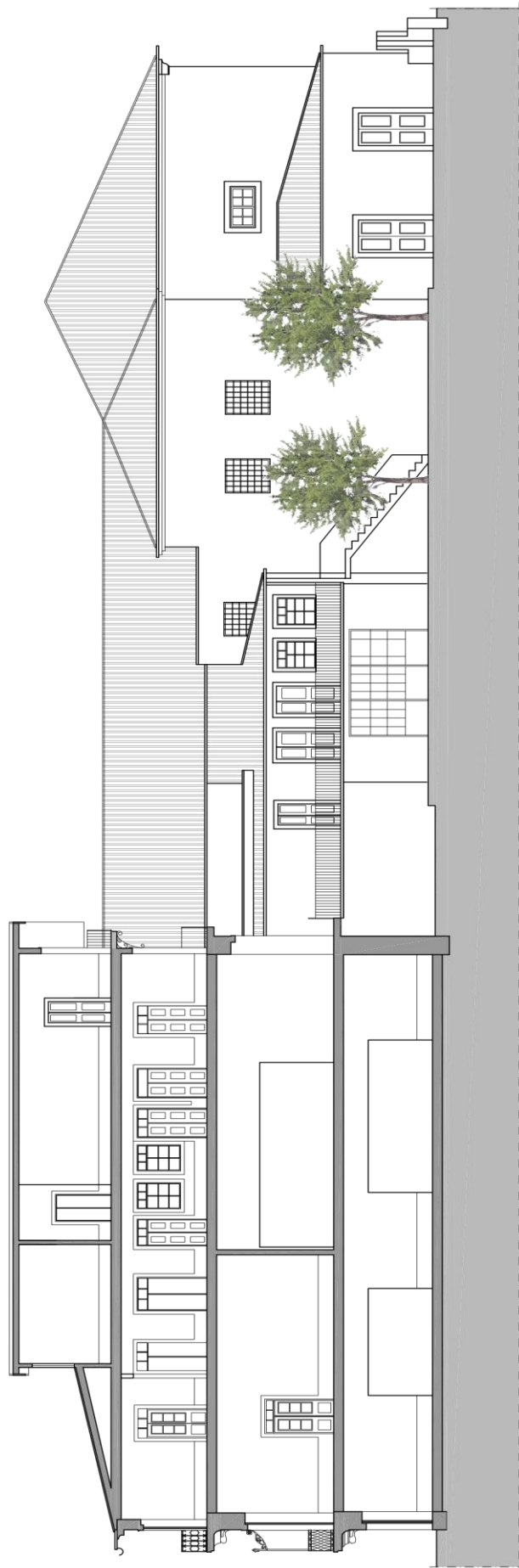
PROPOSTA DA PLANTA DAS COBERTURAS



0 2 4 6 8 10m
Escala Gráfica

LEVANTAMENTO DO EXISTENTE: CORTE 1

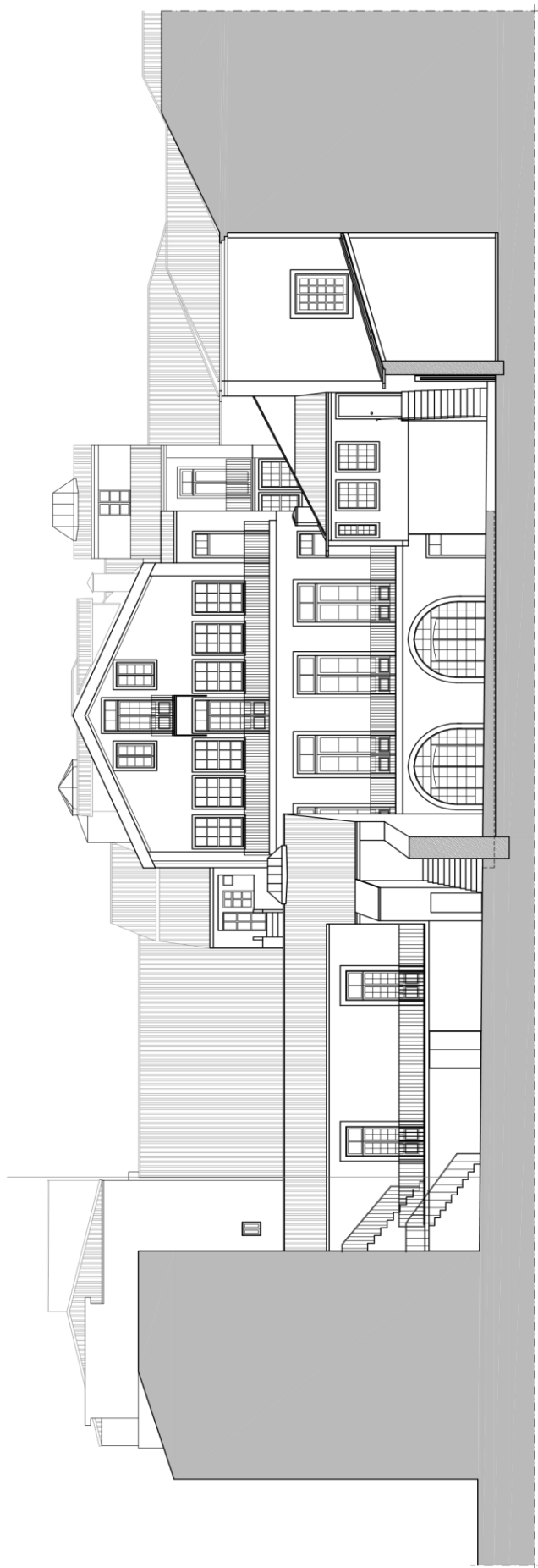
DESCRIÇÃO



0 2 4 6 8 10m
Escala Gráfica

PROPOSTA: CORTIE 1

DESCRIÇÃO

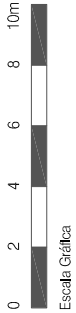
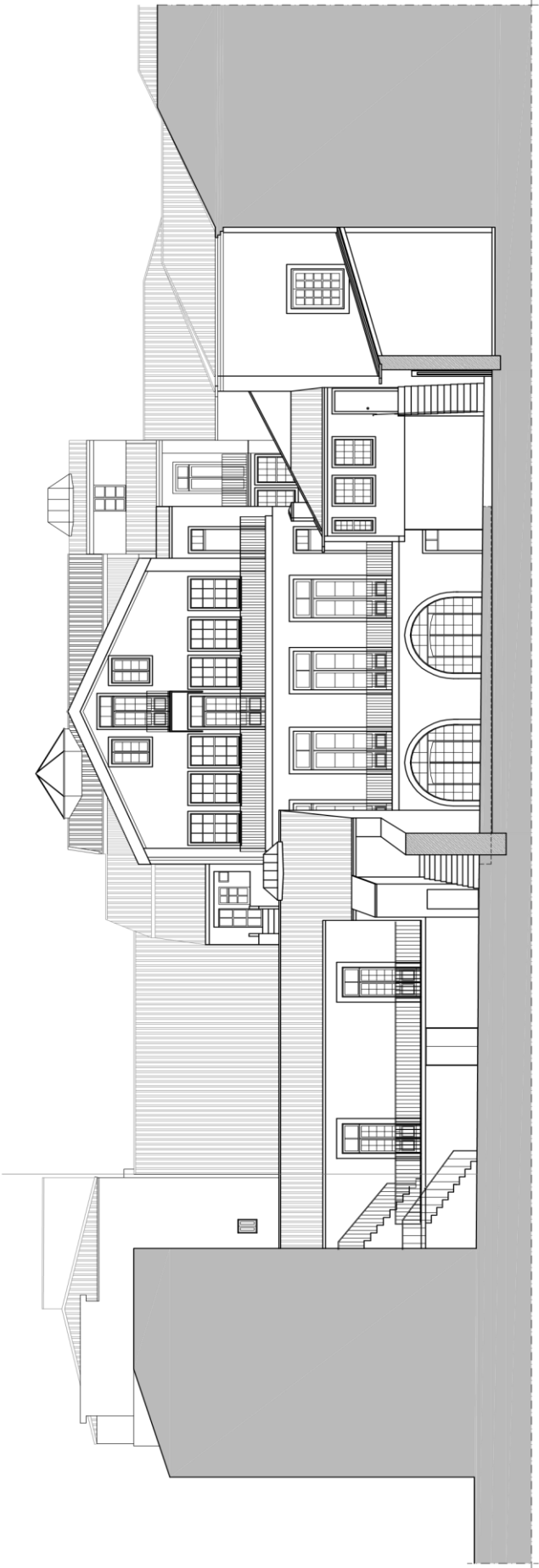


0 2 4 6 8 10m
Escala Gráfica

LEVANTAMENTO DO EXISTENTE: CORTE 2

DESCRIÇÃO

Cortes 3 e 4 segue-se em anexo



PROPOSTA: CORTE 2

DESCRIÇÃO



ALÇADO FRONTAL



ALÇADO POSTERIOR

DESCRIÇÃO

LEVANTAMENTO DO EXISTENTE: ALÇADOS

0 2 4 6 8 10m



Escala Gráfica



ALÇADO FRONTAL



ALÇADO POSTERIOR

DESCRIÇÃO

PROPOSTA: ALÇADOS

0 2 4 6 8 10m
Escala Gráfica

2.4.1 Programa funcional do edifício Salão Egípcio

Urban center, posto direcionado para o turismo, será a função proposta para o edifício. Este tem o objetivo de informar todos os turistas, que cheguem à cidade pela primeira vez, um percurso lógico onde possam usufruir de todo o património histórico e arquitetónico que a cidade de Braga oferece. Neste espaço, o turista vai usufruir de vários serviços imprescindíveis à sua estadia desde: roteiros de monumentos históricos e arquitetónicos; compra de bilhetes para espetáculos; a reserva de um quarto de hotel; aluguer de viaturas, acessos a informações de diversos locais a visitar, (temas de exposições, horários de cinemas, museus, bibliotecas, monumentos, diversos tipos de programas, sejam eles de índole cultural ou religioso). Em suma, uma espécie de Centro de Informação/Interpretação da cidade, quer para estrangeiros, quer para portugueses em geral. É a forma de valorizar e divulgar o edifício, e rendibilizar essa visita numa perspetiva mais ampla.

Uma galeria de arte e centro de exposições, poderão ser funções que o edifício pode acolher, para que as pessoas da comunidade local igualmente possam dar o seu contributo para dinamizar o espaço. A intenção é, também, dar a conhecer os produtos tradicionais do comércio local para que, deste modo, possam ser divulgados por todas as pessoas de vários países que visitam a cidade. Posto isto, o edifício Salão Egípcio pretende oferecer toda a informação possível ao turista para que ele se sinta orientado numa cidade que não conhece.

Programa funcional.

Rés-do-chão:

- **Receção**
- **Sala de exposição de produtos tradicionais direcionados ao turismo**
- **Corredor de acesso ao jardim Santa Bárbara**

- Arrumos
- Instalações sanitárias
- Acessos verticais (inserção do elevador)

1º Piso:

- Salão Egípcio
- Salão de exposições temáticas
- Instalações sanitárias
- Sala de estar
- Acessos verticais

2º Piso:

- Sala informativas com multimédia (exposições de vídeos sobre a cidade)
- Gabinete de informações específicas tipo: reservas de hotéis; museus; restaurantes; bibliotecas; cinemas etc.
- Auditório
- Sala multiusos para consultas individuais ou em grupo
- Instalações sanitárias
- Acessos verticais

3º Piso:

- Gabinete de contabilidade
- Gabinete de estatística
- Gabinetes de arquivo
- Gabinete de serviços controlo e *stock*
- Arrumos
- Instalações sanitárias
- Acessos verticais

2.4.2 Turismo como meio de desenvolvimento local

Sabendo que a justificação da presente proposta é direccionada para o turismo em Braga, este capítulo é introduzido com a importância do turismo na cidade, como meio dinamizador das pessoas e da cidade. Apesar da crise atual, nestes recentes anos temos vindo a assistir a um aumento substancial do turismo em Braga.

Um dos efeitos do turismo mais evidenciados é o seu contributo para o desenvolvimento regional. Cunha afirma mesmo que «nenhum outro sector económico garante, melhor que o turismo, a estreita conexão que deve existir entre o desenvolvimento regional e o desenvolvimento nacional na medida em que os efeitos económicos e sociais do turismo, verificados numa região, se repercutem no todo nacional (Costa, 2013 p. 84)

Desenhos de estudo (Espaços de exposições destinados ao turismo)

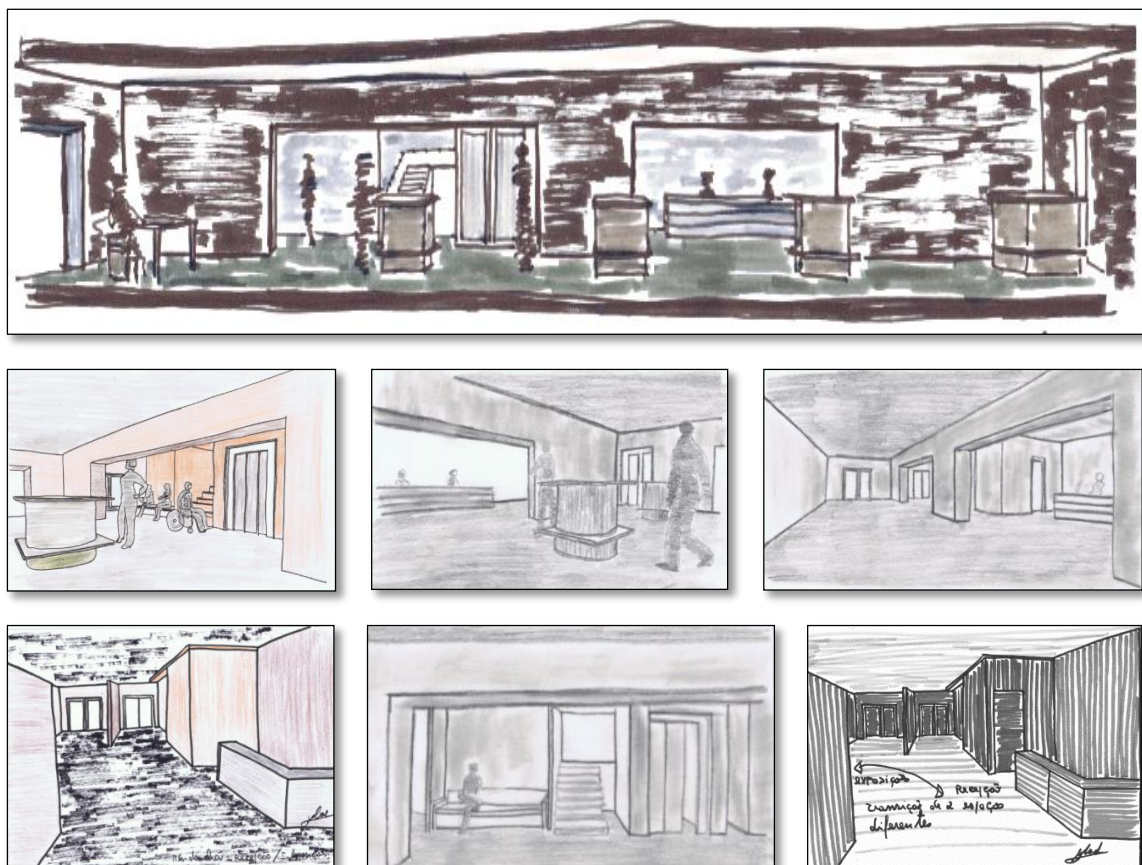


Figura 116:Salão de exposições. (Desenhos do autor)

Portugueses já são a maioria dos visitantes da capital minhota

Turismo em Braga dispara 170 por cento desde o início da crise



Números do Posto de Turismo revelam que atratividade de Braga aumentou com a crise

JOAQUIM MARTINS FERNANDES

O número de turistas que visitam a cidade de Braga quase duplicou, desde o início da crise económica e financeira. A queda registada junto do mercado espanhol foi compensada por um aumento da procura dos mercados emergentes e pela maior atratividade da capital minhota junto do mercado nacio-

nal. Os portugueses já são a maior fatia dos turistas que, anualmente, visitam a "cidade dos arcebispos", que viu o movimento turístico disparar 170 por cento, desde 2009. Ao longo da última década, o número de turistas registou um crescimento médio de 37 por cento ao ano.

Os números são avançados pela Câmara Municipal de Braga, num exten-

so documento que sobe quinta-feira à reunião de vereação. O Relatório de Atividades de 2012 consagra 13 das 197 páginas ao setor do turismo e faz saber que «Braga assume-se já como um destino turístico obrigatório nos mercados internacionais mais atrativos e no próprio mercado nacional, alargado a Espanha».

«Com base nos dados re-

colhidos, na última década, referentes ao número de visitantes e turistas no Posto de Turismo de Braga, verificamos uma proeminente tendência de subida da procura, sobretudo nos últimos três anos. É de destacar ainda um aumento da receção de mercados emergentes, como o Brasil, a Polónia e a Rússia», su-

blinha o Relatório de Atividades de 2012. O documento conclui que «o destino "Braga" tem-se tornado cada vez mais atrativo para os visitantes» e faz saber que «a procura da Região Norte, como confirmam os dados da Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte de Portugal, tem registado uma clara tendência de crescimento, apesar da conjuntura económica desfavorável nos últimos anos».

Deixando claro que «Braga não é exceção», no movimento que caracteriza a tendência do turismo no Norte do país,

os autores do documento que a maioria socialista deverá aprovar quinta-feira advogam que «temos vindo a assegurar à cidade uma notoriedade e imagem de qualidade crescente, baseada em propostas de valor que se diferenciam de outras cidades concorrentes».

Uma «maior aposta» nos graus de atratividade da cidade, tendo em vista «a plena satisfação das expectativas dos turistas», é a linha estratégica traçada para o curto prazo. Maior qualidade urbana, mais informação turística e serviços com mais qualidade são as balizas que apontam ao «objetivo máximo» de colocar a "terceira cidade do país" no papel de «líder no contexto do turismo urbano, aumentando a contribuição do turismo para o desenvolvimento e enriquecimento da cidade».

Turismo bragarense está a crescer 37 por cento ao ano, desde 2002, e mercados emergentes registaram, em 2012, crescimento de 50 por cento

Crescimento anual de 37 por cento na última década

A cidade de Braga registou um crescimento médio anual de 37 por cento de turistas, ao longo da última década. Os números avançados pela divisão de turismo no Relatório de Atividades de 2012 dão conta que, em 2002, Braga registou 19.439 turistas, número que chegou aos 140.677, em 2012. Os anos de 2004 (47.399 turistas), 2007 (78.197 visitantes), 2011 (120.678 visitantes) e 2012 (140.677 turistas) registam os maiores picos, enquanto que os anos de 2005 e 2008 foram os únicos que registaram quebras face ao ano imediatamente anterior.

Os números acumulados dão conta que os principais visitantes do Posto de Turismo de Braga são provenientes, desde 2010, de Espanha, que ocupa a primeira posição, seguida de Portugal e da França. «Estas nacionalidades representam 61 por cento do total de visitantes nos três últimos anos», refere o relatório, que identifica o período de abril a setembro como o que «registar um maior número de visitantes, com especial predominância dos meses de verão».

Os indicadores levam a maioria socialista a considerar que, «apesar da conjuntura atual, a nível económico, o número de visitantes em Braga tem aumentado gradualmente, tendo sido esse aumento mais significativo nos últimos dois anos». Em subida «exponencial» estão os pedidos de informação através de correio ou via eletrónica evolução que o executivo de Mesquita Machado atribuiu ao lançamento de roteiros e mapas em 13 línguas estrangeiras.

Mercado interno e Semana Santa dominam procura

Portugal, Espanha e França são os três mercados que mais concorrem para a dinâmica turística de Braga. O indicador adotado pelo pelouro tutelado pelo vice-presidente Vítor Sousa para medir a evolução do número de turistas é o número de visitantes registados no Posto de Turismo, que contabilizou, em 2012, 37.078 portugueses, ou seja, mais 9.245 do que no ano anterior. A atratividade da Semana Santa colocou o mês da Páscoa do ano passado (abril) em pé de igualdade com o mês de agosto, representando cada um 16 por cento do movimento turístico anual.

Os portugueses representaram 26,36 por cento dos 140.677 visitantes totais de 2012, fazendo o mercado espanhol cair para o segundo lugar, com 31.002 visitantes (22 por cento do movimento total). O mercado francês subiu quase 10 por cento e colocou em Braga 15.574 turistas, ao longo do ano passado, ficando dois pontos acima do Reino Unido.

Entre os mercados emergentes, os turistas brasileiros foram os que mais cresceram (49,91 por cento). Em 2012, Braga atraiu quase 5.000 cidadãos do Brasil. Forte subida registou também o número de turistas de "outros países": passaram de 8.613 para 17.319, o que expressa um aumento de 47,35 por cento.

Os números registados pelo Posto de Turismo fazem saber que existe uma «grande variedade de nacionalidades» entre os turistas que elegem Braga e dão conta que a capital minhota não escapa à sazonalidade que caracteriza «a maior parte» dos destinos turísticos nacionais. Os meses de junho, julho e agosto concentraram 40 por cento do total de visitantes de 2012. «No entanto, devemos salientar o mês de abril, associado à Semana Santa, que representa 16 por cento do total de visitantes, o mesmo número de turistas do mês de agosto», vinca o documento.

Figura 117 Diário do Minho. (Turismo em Braga dispara 170 por cento desde o início da crise, 2013)

Tem havido algumas discussões sobre a oferta turística em redor da cidade de Braga. As opiniões diversificam-se, uns creem que a cidade oferece as melhores condições para receber o turista, outros são da opinião que o turismo em Braga está bom e recomenda-se, mas que ainda há muitas estratégias que deveriam e podiam ser implantadas para que

a oferta turística continuasse a seguir a linha de crescimento que até a data seguida. Como refere Rui ferreira, numa exposição pública, a cidade de Braga poderia implementar novas estratégias que conduzissem a uma oferta turística mais diversificada e mais rica, disponibilizando conhecimento personalizado ao turista, sobre os recursos históricos e patrimoniais que a cidade de Braga dispõe

Braga deveria aprender a explorar os recursos históricos e patrimoniais que detém, tais como o legado da época romana e os monumentos do período barroco. Onde estão as iniciativas culturais, visitas frequentes ao património, colóquios e congressos históricos, interação com a Arquidiocese (que detém a maior parte do património construído), divulgação nacional e internacional ou a elaboração de pacotes conjuntos Teatro-Circo/Hotéis/Festivais culturais? (Ferreira, 2012)

Como refere o autor acima: “Braga deveria aprender a explorar os recursos históricos e patrimoniais que detém” O turismo é uma ferramenta que pode ser utilizada para a divulgação do património histórico e arquitetónico. Também outras vertentes devem ser divulgadas tais como: atividades sazonais ou ocasionais, artesanato, gastronomia, criando mesmo iniciativas de apoio a entidades ou organizações de eventos inerentes ao turismo.

Como referido anteriormente o aumento do turismo é a substancia para proposta funcional do edifício Salão Egípcio. Para além do conteúdo da proposta, a reabilitação do edifício cria espaços culturais e espaços de lazer para as pessoas que residem ou visitam o centro histórico.

Para concluir a substancia de conteúdo da presente proposta baseia-se nos seguintes pontos:

- Cultural/Turística
- Receita/emprego
- Melhoria da qualidade: Arquitetónica/Social/Histórica/Estética.

CAPÍTULO 3

3 Conclusões /Referências bibliográficas/Webgrafia/Apêndices/Anexos

CONCLUSÕES

Após o trabalho realizado, a nossa primeira conclusão é, sem dúvida, que, caso pudéssemos, agora, reiniciar o estudo que ora se apresenta, o faríamos melhor. Fica-nos a consciência do realizado, como nos fica a consciência da imensidão do não conseguido. Mas também acreditamos que assim será, sempre, em qualquer trabalho científico, e que nunca se dirá a última palavra sobre que assunto seja.

Assim, parece-nos legítimo concluir:

1. Que, como é conhecimento geral, na atualidade, podemos afirmar que a reabilitação dos centros históricos assume um papel importante na economia gerada pelo setor turístico. Facto que, por sua vez, faz dinamizar o setor da construção. É cada vez mais evidente a necessidade de reabilitar o edificado, sobretudo no que diz respeito aos prédios devolutos e/ou em condições de extrema degradação, nos centros históricos.
2. Que a razão pela qual foi escolhida a cidade de Braga se deveu ao facto da sua notável antiguidade, desde a *Bracara Augusta* do Império Romano, a par da importância que hoje assume, no quadro das cidades portuguesas.
3. Que o critério de escolha do local a intervir para esta dissertação de mestrado, bem referido ao longo do texto, se centrou, também, na oferta histórica do património arquitetónico e, essencialmente, no edifício caso de estudo, que escolhemos. A estética e beleza do património arquitetónico, de facto, são pontos importantes que fazem Braga ser uma das cidades muito visitáveis do país.
4. Que o presente trabalho, desenvolvido em três capítulos, cumpriu, no essencial, os objetivos traçados, ao abordar três fases, pertinentes ao estudo da reabilitação urbana, das quais fazem parte: o centro histórico, o quarteirão Largo do Paço e por fim, a reabilitação do edifício Salão Egípcio. Como vimos, foi importante despertar a curiosidade de como o centro histórico se desenvolve, de forma a perceber a evolução cronológica e morfológica da cidade. Concluímos, no 1º capítulo, que foi

importante retratar, comparar, e analisar os vários mapas que apresentam transformações urbanas, para perceber a pertinência de tais transformações, e a influência foram tendo nas decisões tomadas pelos arquitetos, nas suas intervenções nos centros históricos. Entendemos, por isso, que o estudo do centro histórico de Braga era imprescindível para melhor situar o edificado que nos propusemos reabilitar, localizado no quarteirão “largo do Paço” o referido “Salão Egípcio”. No entanto, estamos convictos de que não poderíamos, no tempo do presente estudo, propor uma revitalização global do centro histórico, nem tão pouco, propor uma intervenção minuciosa da reabilitação material do citado salão.

5. Que cumprimos objetivo de nos determos numa área de intervenção mais restrita: o quarteirão “Largo do Paço”. Verificámos que o quarteirão referenciado, de certo modo, é um exemplo urbano com muita área verde, com equipamentos públicos/privados e com carácter patrimonial de excelência. Podia-se caracterizar um quarteirão exemplar, não fora as deficiências “deficiências” urbanas anotadas, e, sobretudo, um edifício, em estado devoluto, existente na rua do Souto, que é uma das principais no casco histórico de Braga. Com carácter comercial e habitacional, este edifício desqualifica a “beleza” do quarteirão.
6. Que, ao longo do estudo sobre o referido quarteirão, pudemos corroborar uma realidade já assente: que comporta um património arquitetónico de referência. No entanto, também se concluiu que podiam/deviam ser implementadas novas estratégias urbanas, no sentido de melhorar a qualidade de vida das pessoas no centro histórico. Para as diversas transformações urbanas, no passado, que caracterizam este quarteirão, cremos poder propor um conjunto de soluções, tendentes a valorizar o centro histórico, enquanto bem urbanístico. Nomeadamente: aumentar área pedonal nos centros históricos, a par da criação de estacionamento automóvel; promover a iluminação suficiente para segurança noturna; criar pontos de informação (painéis eletrónicos) para a divulgação do património cultural, arquitetónico e artístico da cidade de Braga; inserir mobiliário urbano ajustado à escala da cidade, entre outros.

7. Que, nesta etapa sequencial, se procurou chamar a atenção para o caso específico de um prédio peculiar, pelas suas características, ao qual não tem sido dado o merecido valor, nem tem sido objeto de revitalização e dinamização de funções. Assumindo-se como um polo atrativo, no nosso entender, daria a conhecer o salão, em si mesmo, e rendibilizaria a visita à cidade, caso se instalasse no citado prédio, um verdadeiro centro de informação e interpretação da cidade. O crescimento do turismo em Braga dá uma nova oportunidade de reabilitação do edifício Salão Egípcio, com a função de *Urban Center*, centro de apoio ao turismo, como se propõe.
8. Que, como se pode apurar na pesquisa efetuada, foram promovidas várias ações no Salão Egípcio. Por este edifício passaram as mais diversas atividades, desde o espaço para o convívio à realização de palestras, representações de peças teatrais, leituras de poesia, torneio dos mais variados jogos de mesa, entre outros. Assim, o objetivo deste documento passa também por relembrar momentos que fizeram deste edifício um espaço único para muitas pessoas que por aqui passaram. As pinturas murais expostas no salão Egípcio são exemplos únicos na cidade. Facto que permite concluir que a reabilitação do Salão Egípcio poderia e deveria servir, também, para reavivar memórias, e de devolver a esse espaço o uso e o carácter identitário que outrora teve.
9. Que a proposta de reabilitação do Edifício Salão Egípcio foi, desde sempre, relevante para a conclusão da investigação que ora se apresenta. Ainda nos dias de hoje o edifício se encontra em estado devoluto necessitando, urgentemente, de uma intervenção que evite a sua ruína total. Com o desenvolvimento deste trabalho, o projeto final tem por objetivo preservar as pré-existências do edifício e, ao mesmo tempo, adaptar os espaços interiores às funções atribuídas no programa. As intenções centram-se na sensibilidade para a recuperação do edifício, no sentido de lhe atribuir uso e funções para que possam participar no desenvolvimento do turismo na cidade.

10. Que em face dos resultados obtidos pela análise das fichas, ficou bem demonstrado o estado de conservação do edifício (Salão Egípcio), bem como a necessidade urgente da sua reabilitação. Em estado devoluto, alvo de grandes críticas por parte da sociedade bracarense, face à sua crescente degradação. Com o decorrer do estudo do edifício, depois da análise produzida, com elementos pertinentes, defende-se que este edifício, detentor, nomeadamente das pinturas murais do salão egípcio, tem potencial para ser candidato a imóvel de interesse municipal com vista à salvaguarda do seu traço arquitetónico e das pinturas murais. Num futuro próximo, talvez mesmo imóvel de interesse público. Esperamos que os contributos compilados ao longo deste estudo possam contribuir para a classificação deste imóvel, e implementação das intervenções inerentes à referida classificação.
11. Que reconhecemos a atual vivência de crise económica, a constância da palavra “austeridade” e o que tal implica no (de)investimento cultural de salvaguarda. No entanto, segundo fontes credíveis, o turismo na cidade de Braga tem crescido, logo mais se torna relevante potencializar esse crescimento. A presente investigação propõe-se ir ao encontro desse acréscimo de turistas, integrando o edifício estudado, como mais um polo atrativo. Em sintonia com o aumento do turismo, com a localização geográfica do edifício e com a própria necessidade proceder à necessária intervenção de revitalização, propõe-se, como se referiu, atribuir-lhe a função de “*Urban Center*”, a que mais se ajusta às características do local.
12. Que, como perspetiva geral, defende-se ter ficado documentado um exemplo de estudo de reabilitação urbana, nomeadamente: a análise do desenvolvimento do centro histórico de Braga, o reconhecimento do património arquitetónico inserido no quarteirão Largo do Paço e a reabilitação do edifício Salão Egípcio. O presente trabalho poderá servir como exemplo comparativo a outras cidade, outros quarteirões, ou mesmo outros edifícios em estado devoluto inseridos no centro histórico. Este estudo deve proporcionar conhecimentos nas vertentes da qualidade de vida urbana, nomeadamente: na recuperação, proteção, salvaguarda e valorização do património edificado

13. E que, por fim, depois de toda a investigação realizada e analisada, considerámos ter atingido um confortável grau de satisfação, a ajuizar pelo atingido. A experiência pessoal adquirida foi, na verdade, bastante apelativa, não só pela oportunidade que tivemos em conhecer a história da cidade de Braga, como também pela oportunidade de conhecer o edifício do Salão Egípcio. Aí sentimos ter ganho, com este trabalho, uma profunda admiração. O que não nos retira a consciência de que, em futuro próximo, seja necessário estudar em profundidade as diversas técnicas de restauro, a aplicar ao edifício em geral. Todavia, identificámos, no trabalho, as patologias, assumindo, ao mesmo tempo, soluções técnicas de restauro possíveis para recuperar o edifício. No entanto, centrámos esforços apenas nos murais do Salão egípcio, pelo facto, de existir prazo para finalização do trabalho. Em todo caso, nunca é demais relembrar, que não foi intenção deste estudo referenciar todas as técnicas de restauração possíveis do edifício até à exaustão, mas também achámos fundamental, neste trabalho, expressar as potencialidades do edifício, sobretudo do Salão Egípcio, que contém as pinturas murais únicas que devem ser conhecidas por todos nós.

Referências bibliográficas

Almeida, Carlos Alberto Ferreira de. 1988. *História Da Arte Em Portugal. O românico.* Barcelona Espanha : Publicações Alfa, S.A, 1988. B10.516-1986.

Azenha, Carlos Oliveira Ana. 2006. *Estratégias de competitividade urbana.* Porto : Câmara do Porto, 2006.

Bandeira, Miguel Sopas de Melo. 1993. *O espaço urbano de Braga em meados do Século XVIII.* Porto : Faculdade de Letras, 1993.

Benevolo, Leonardo. 2006. *A cidade e o Arquiteto.* Lisboa : Edições 70, 2006. 10:972-44-1332-0.

—. **1987.** *História De LÁ Arquitetura Moderna.* Barcelona : Gustavo Gil, S.A, 1987. ISBN: 84-252-0797-5.

Braga, Arquivo Distrital de. 1989/91. *Mapa das ruas de Braga, Vol. I e II.* Braga : s.n., 1989/91.

Braga, Márcia. 2003. *Conservação e Restauro. Pedra- Pintura Mural e Pintura sobre Tela.* Rio Brasil : Rio, 2003.

Braga, Município de. 2008. *Direção Municipal De Planeamento E Ordenamento.* Braga : Divisão de Planeamento, 2008.

Carvalho, Alda de Caetano. 2012. *Censos 2011 Resultados definitivos.* Lisboa : Instituto Nacional de Estatística, I.P., 2012. 978-989-25-0181-9.

Costa, Nuno Fazenda. Fernando Silva. Carlos. 2013. *Política e planeamento turístico à escala regional. O caso da agenda regional de turismo para o norte de portugal.* Lisboa : Universidade Técnica de Lisboa - Instituto Superior Técnico, 2013.

Dias, Adriana Fabre. 2005. *A REUTILIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO EDIFICADO COMO MECANISMO DE PROTEÇÃO.* Santa Catarina : Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

Digest, Seleções do Reader`s. 1981. *As grandes Civilizações desaparecidas.* Lisboa : SARL-AMBAR, 1981.

Sousa, Patrícia. 2011. *Distrito de Braga é o que mais ganha em população..* Aumento da população na cidade de Braga, Braga : Arcada Nova - Comunicação, Marketing e Publicidade, SA, 2011, Vol. I. 9890.

Gadanh, Pedro. 2009. *Living City- Habitar a cidade: Parar de construir ou regresso à cidade.* Cascais : Publishing & Design, 2009. p. p.10.

Giulia Marrucchi, Riccardo Belcari. 2006. *A grande História de Arte. Arte Egípcia.* Florença : Mediasat Groups, SA, 2006. 84-9819-463-6.

Leonardo, Benevolo. 1998. *Arquitectura Del Renascimento.* Barcelona : Editorial Gustavo Gili, S.A, 1998. 84-252-1016-x.

Maciel, Manuel Justino Pinheiro. 2009. *Vitruvio Tratado de Arquitetura.* Lisboa : Sersilito - Empresa Gráfica, LDA, 2009. 978-972-846943-6.

Manuela Martins, Isabel Vaz De Freitas, Maria Isabel Del Val Valdivieso. 2012. *Contributo para o estudo do abastecimento de água à cidade de Braga na Idade Moderna: o livro da Cidade de Braga (1737).* Braga : Universidade do Minho, 2012. 978-989-97558-8-8.

Martins, Augusto. 1971. *Braga Antiga.* Braga : Edição de Rosa Martins, 1971.

Maurício, Rui. 2000,. *O Macenato de D. Diogo de Sousa Arcebispo de Braga (1505-1532) Urbanismo e Arquitectura.* Leiria : Magno Edições, 2000,.

Melo, Maria da Carmo e Ribeiro Arnaldo Sousa. 2012. *Evolução da Paisagem Urbana Sociedade e Economia.* Braga : CITCEM, 2012. 978-989-97558-7-1.

Mendes, Fernando. 2013. Exposição Fotográfica. *Salão Egípcio.* Braga : s.n., 2013.

Oliveira, Eduardo Pires de. 1982,. *Braga Evolução Da Estrutura Urbana.* Braga : Camara Municipal de Braga, 1982,.

Quatenaire, Rui Passos Mealha, SOPSEC. 2011. *Programa Estratégico de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Braga.* Braga : Braga Município, 2011.

Regina, Adriano La. 1982. *Preservação e revitalização do património cultural da Itália.* São Paulo : FAUUSP, 1982.

Regine Schuldz, Matthias Seidel. 2001. *Egipto o Mundo dos Faraós.* Alemanha : CLG Fotolito, SaMartino Buon Albergo (VR), 2001. 3-8290-5992-2.

Ribeiro, Maria do Carmo Franco. 2008. *Braga entre a época romana e a idade média, Uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana.* Braga : Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais., 2008.

—. **2008..** *Braga entre a época romana e a idade média. Uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana. Anexos e Apêndices.* Braga. : Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, 2008.

Lima, José Carlos. 2013. *Salão Egípcio exige intervenção preventiva..* Salão Egípcio, Braga : Diário do Minho, 2013.

Sousa, Rafael Oliveira de. 2011. *A Praça como lugar da diversidade cultural. A Praça como lugar da diversidade cultural.* Brasil : s.n., 2011. A Praça como lugar da diversidade cultural.

Fernandes, Joaquim Martins. 2013 *Turismo em Braga dispara 170 por cento desde o início da crise..* Turismo em Braga, Braga : Diário do Minho, 2013.

Vasconcelos, Maria Assunção Jácome. 1997. *Achegas para o estudo do Paço do Arcebispo D. José de Bragança.* Braga : Universidade do Minho, 1997.

Webgrafia

Beta, Bing. 2009. Bing. <http://www.bing.com>. [Online] CEO Microsoft Steve Ballmer, 28 de Maio de 2009. [Citação: 11 de Dezembro de 2012.] <http://www.bing.com/images/search?q=universidade+bolonha&view=detail&id=65F7032B132354464F1855FEEBCDAE3376968291>.

Bracara, Fórum de Braga. 2011. <http://forum.bracarae.com>. *Bracara, Fórum de Braga*. [Online] Brc20, 22 de Fevereiro de 2011. [Citação: 16 de Novembro de 2012.] <http://forum.bracarae.com/viewtopic.php?p=42414#p42304>.

Costa, Luís. 2007. *Largo do Paço*. [Documento] Braga : Braga Monumental, 2007.

Empresas, Braga. 2003. Braga Empresas. <http://www.bragaempresas.pt>. [Online] Associação do Minho, 05 de 06 de 2003. [Citação: 13 de 12 de 2012.] <http://www.bragaempresas.pt/submenus/submenu/id/16>.

Ferreira, Rui. 2012. Braga Maior. <http://bragamaior.blogspot.pt>. [Online] 28 de Setembro de 2012. [Citação: 07 de Outubro de 2013.] <http://bragamaior.blogspot.pt/2012/09/o-turismo-em-braga-esta-bem-e-recomenda.html>.

Geira. 1999. <http://www.geira.pt>. <http://www.geira.pt>. [Online] Dezembro de 1999. [Citação: 16 de Novembro de 2012.] <http://www.geira.pt/bracara/historialnv.html>.

IGESPAR. 2007. Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. www.igespar.pt. [Online] 29 de Março de 2007. [Citação: 10 de Outubro de 2012.] <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/73930/>.

Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana I.P.(IHRU). 2007. www.monumentos.pt. *Sistema de Informação para o Património Arquitectónico*. [Online] Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, I.P. (IHRU), 30 de Maio de 2007. [Citação: 22 de Novembro de 2012.] www.monumentos.pt.

JCM. 2008. Imagens de outras eras. *Postais de antigamente*. [Online] 14 de 10 de 2008. [Citação: 06 de 11 de 2012.] <http://postaisdantigamente.blogspot.pt/search/label/Braga>.

Lifecooler. 2006. Lifecooler. *www.lifecooler.com*. [Online] 2006. [Citação: 22 de Outubro de 2010.] <http://www.lifecooler.com/Portugal/patrimonio/ChafarizdoLargodoPaco>.

Minho, Universidade do. 1973. Universidade do Minho. *http://www.uminho.pt*. [Online] <http://www.uminho.pt>, 01 de 09 de 1973. [Citação: 05 de 12 de 2012.] <http://www.uminho.pt/uminho/informacao-institucional/breve-historia-uminho>.

Netto, Ismael Sá. 1998. *www.fascinioegito.sh06.com/*. *Fascinio do Antigo Egipto*. [Online] Copyright © Ismael Sá Netto, 06 de 07 de 1998. [Citação: 29 de Outubro de 2013.] <http://www.fascinioegito.sh06.com/>.

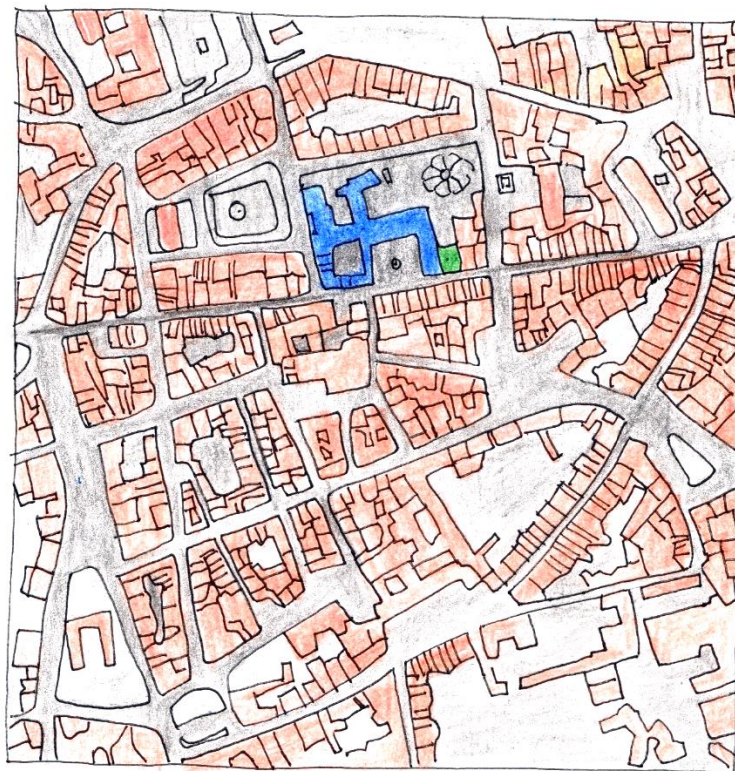
Priberam. 2008. <http://www.priberam.pt>. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. [Online] Priberam, 01 de 08 de 2008. [Citação: 22 de 01 de 2013.] <http://www.priberam.pt/dlpo/sobre.aspx>.

Soares, Agrupamento André. 1971. EB 2+3 André Soares. *www.eb23andresoares.com*. [Online] Escola André Soares, 01 de 05 de 1971. [Citação: 03 de 12 de 2012.] <http://www.eb23andresoares.com/test3/l1/l.html>.





TGN, Getty Thesaurus de Geographic Names™ (TGN) A. 2003. *Historic Cities*. [Documento] Jerusalém Israel : O J. Paul Getty Trust., 2003.

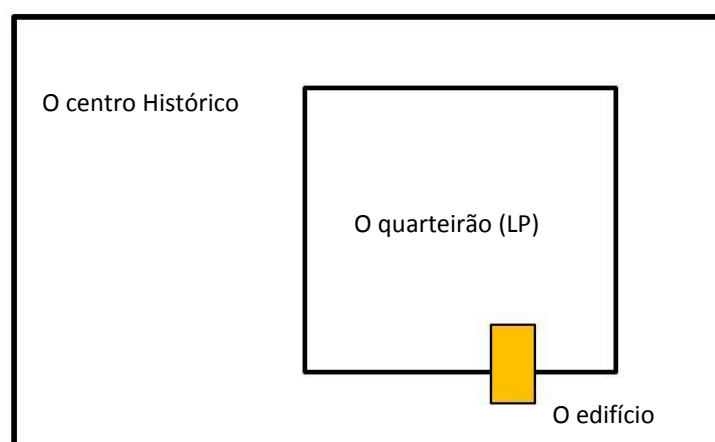
Vasconcelos, Maria de Assunção Jácome de. 2000. *Braga Revisitada 1750*. Braga : <http://www.bragavirtual.com/index.php?lang=pt§ion=mappa>, 2000.

Apêndices



Planta do Casco histórico de Braga (desenho de análise)

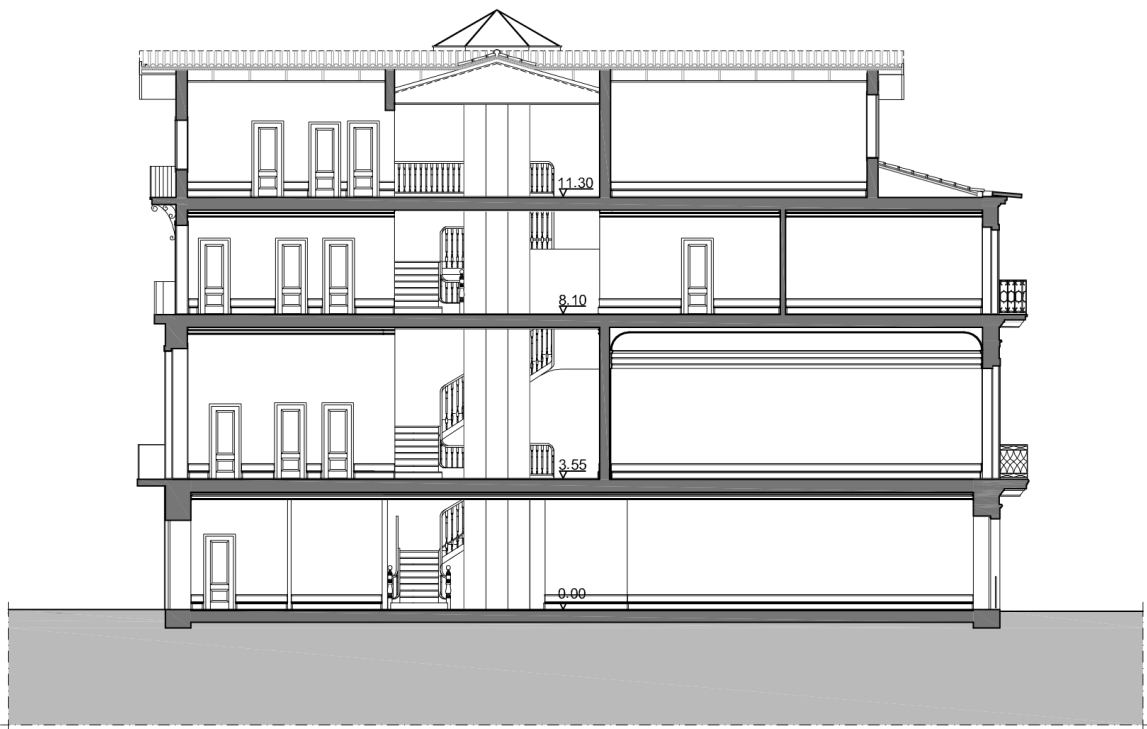
-  Conjunto Largo do Paço
-  Espaços não edificáveis.
-  Espaços edificáveis.
-  Localização do edifício a reabilitar.



Esquema geral do trabalho (autoria própria)



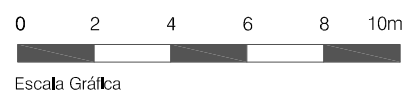
CORTE 3

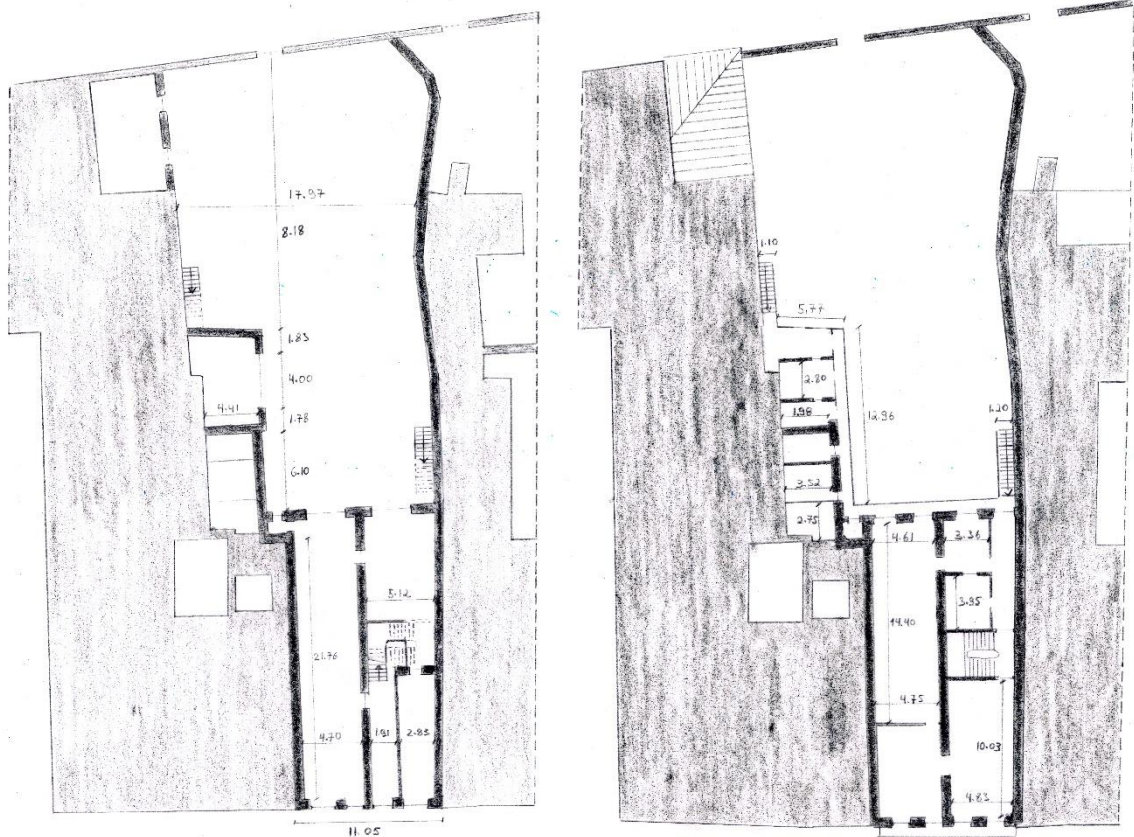


CORTE 4

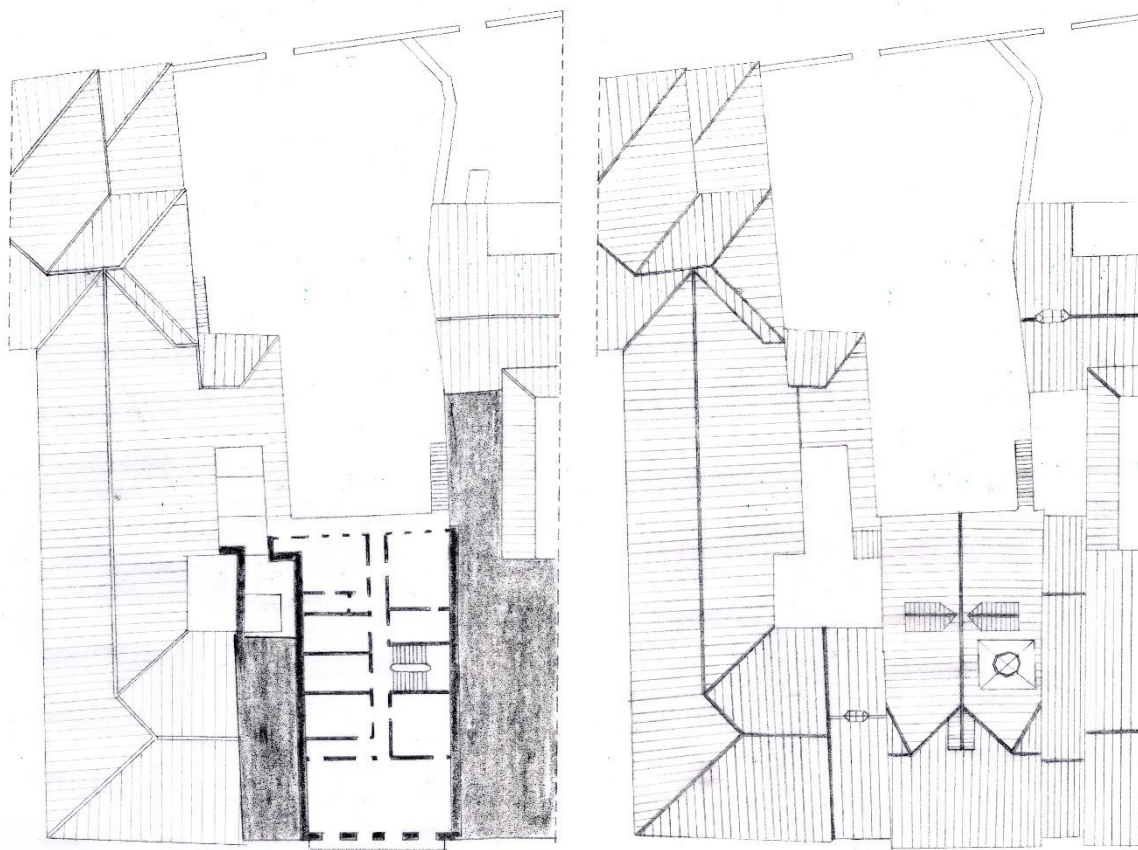
DESCRIÇÃO

PROPOSTA: CORTE 3 e 4





Alçado Frontal, planta do piso 1 e 2. (desenhos de estudo)



Alçado Posterior, planta do piso 3 e planta de cobertura. (desenhos de estudo)

Anexos

A arquitetura abarca todo o ambiente físico que envolve a vida humana. Como narra Leonardo Benevolo: “A arquitetura é um conjunto de modificações e alterações introduzidas na superfície terrestre com o objetivo de satisfazer as necessidades humanas”. (Benevolo, 1987 p. 7). Deste modo, no âmbito da reabilitação urbana, o arquiteto tem como função de ordenar o espaço público e privado com a finalidade de melhorar as condições de vida do homem

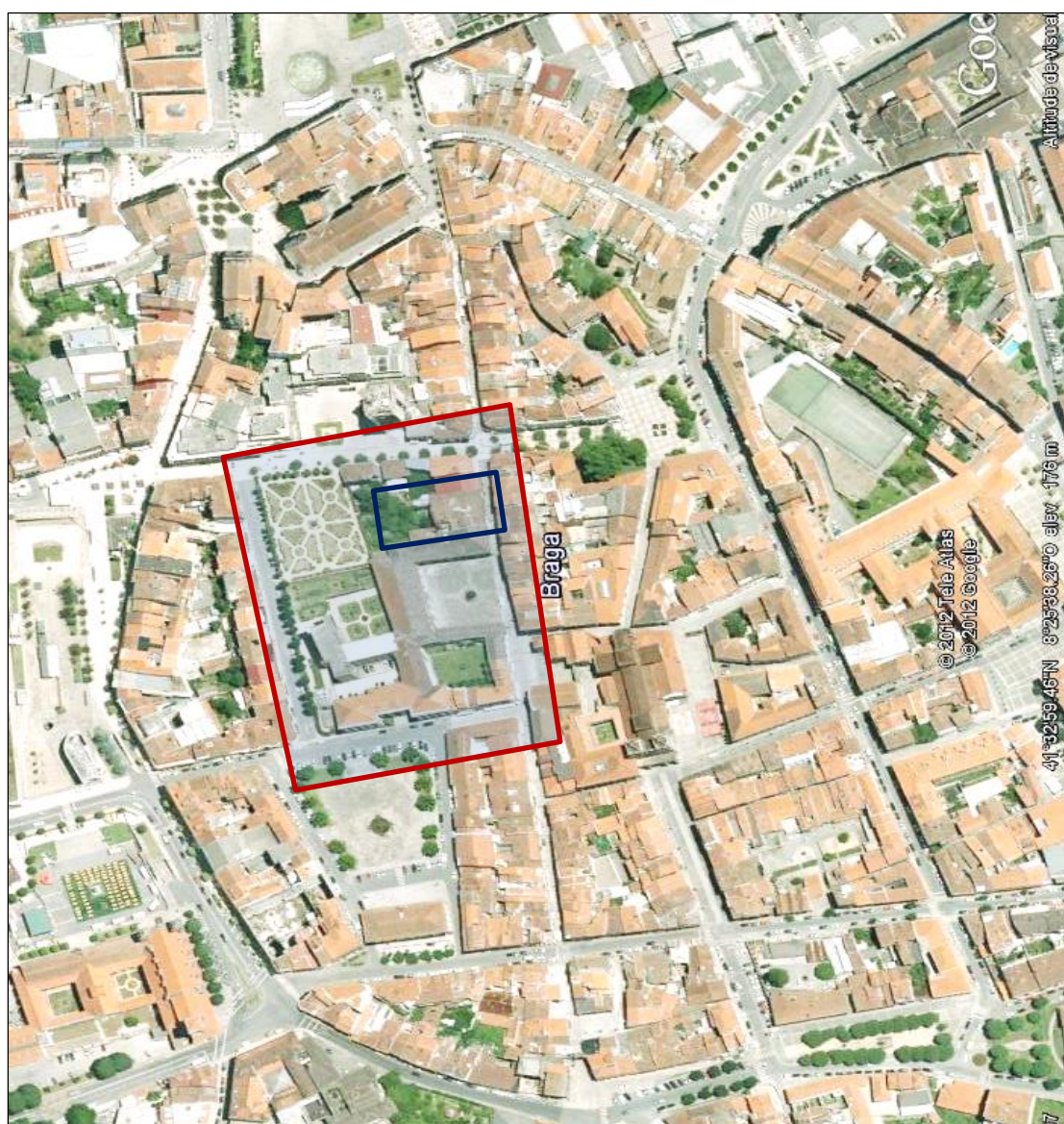


Figura 118 Ortofotomapa centro histórico da cidade de Braga. Limite de intervenção (Google Earth)

— Quarteirão “Largo do Paço” - — Edifício Salão Egípcio